UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
BACHARELADO EM LETRAS – TRADUÇÃO

Larissa Silva Leitão Daroda

A tradução de *Oliver Twist* para o português do Brasil: dois momentos, duas reescritas

Juiz de Fora
2019

Larissa Silva Leitão Daroda

A tradução de *Oliver Twist* para o português do Brasil: dois momentos, duas reescritas

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para graduação no Bacharelado de Letras-Tradução Inglês-Português.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida.

Juiz de Fora

2019

Larissa Silva Leitão Daroda

A tradução de *Oliver Twist* para o português do Brasil: dois momentos, duas reescritas

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para graduação no Bacharelado de Letras-Tradução Inglês-Português.

Aprovado em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

_____
Profa. Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____
Profa. Dra. Carolina Alves Magaldi
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____
Profa. Pós-Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda
Universidade Federal de Juiz de Fora

À minha mãe, Dilcéa, e ao meu pai, Avelino, pelos exemplos de vida, pela herança de amor, pela dedicação, pelo incentivo, pela confiança, pela generosidade, por compartilharem as alegrias e conquistas e pelo amparo nos momentos de angústia.

Aos meus irmãos, Lavínia e Igor, companheiros amorosos de todos os minutos, pela generosidade, amor e amizade nos momentos mais difíceis, assim como nos mais felizes.

Ao meu marido, Romeu, por seu amor pleno, por estar incondicionalmente ao meu lado, por acreditar sempre, por se deixar ser amado e me ensinar a ter o coração e a alma tranquilos.

Aos meus queridos filhos, Romeu e Eduardo, por me ensinarem o sentido da vida e do amor, pela compreensão nos momentos ausentes e simplesmente por existirem.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo.

Aos meus avós, Dimas e Eclair, Osmar e Wanda, amor materializado, por cuidarem de mim, por terem estimulado os primeiros passos nessa estrada e por seus olhos e mãos de luz e amor que me ensinaram a simplicidade de viver.

Aos meus queridos tios, primos, sobrinhos, sogros e cunhados pelo carinho e por serem tão grande força e tão benéfica influência em minha vida.

À minha orientadora, Profa. Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida, pela amizade, orientação, incentivo, confiança e por me guiar nesse trabalho, apresentando novas possibilidades.

Aos professores do Bacharelado em Letras Inglês da UFJF Carolina Alves Magaldi, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda e Adauto Lúcio Caetano Villela pela ajuda amiga de todas as horas e pelas valiosas contribuições que fizeram possível esse caminhar.

Aos professores do curso de Letras ABI, pelo estímulo pessoal e intelectual e por acreditarem em minha capacidade desde o início.

Aos amigos e amigas da turma de 2016, em especial Luísa, Thales, Ilson, Fernanda e Alice, pelo carinho, pela confiança, pela compreensão, pelas trocas e pelo apoio constantes.

Aos queridos colegas do Bacharelado, gratas surpresas que encontrei no curso, pela amizade e pelo companheirismo.

Em certa casa da Rua Cosme Velho
(que se abre no vazio)
venho visitar-te; e me recebes
na sala trastejada com simplicidade
onde pensamentos idos e vividos
perdem o amarelo
de novo interrogando o céu e a noite.
Outros leram da vida um capítulo, tu leste o livro inteiro.

Carlos Drummond de Andrade, em *Amor nenhum dispensa uma gota de ácido: escritos de Carlos Drummond de Andrade sobre Machado de Assis* (GUIMARÃES, 2019).

RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Letras – Tradução: Inglês, da Universidade Federal de Juiz de Fora, tem como objetivo analisar duas traduções da obra *Oliver Twist*, de Charles Dickens, em um viés contrastivo, identificando e analisando os procedimentos técnicos de tradução presentes nas duas edições selecionadas. Para tanto, empregou-se o método misto de investigação, sendo que a abordagem quantitativa foi usada na verificação e na comparação do número de procedimentos técnicos de tradução presentes em ambas as traduções, enquanto a abordagem qualitativa se deteve na relação entre o original e as traduções no sentido da manutenção ou deformação da letra (BERMAN, 2007 [1985]). Para a análise, foram selecionados o primeiro parágrafo dos dez primeiros capítulos do original e das traduções, totalizando trinta segmentos. Inicialmente, foi feito um percurso pelas teorias da tradução e analisados como conceitos de Teoria dos Polissistemas (EVEN-ZOHAR, 2000) e de patronagem (LEFEVERE, 2007 [1992]) se aplicaram nos contextos de produção e tradução da obra. Utilizou-se como primeiro aporte teórico, Heloísa Gonçalves Barbosa, na obra “Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta”, de 1990. Em seguida, com o objetivo de discutir a deformação e a manutenção da letra nas traduções examinadas, a obra “A Tradução e a Letra: o Albergue do Longínquo”, de Antoine Berman (2007 [1985]), embasou as análises. Como resultado, o número de procedimentos técnicos detectados foi maior na amostra de tradução de Machado de Assis e que estes procedimentos estavam mais direcionados a uma tradução mais livre e menos presa à letra da língua de partida, enquanto a tradução de Sônia Augusto concentrou procedimentos técnicos no eixo de convergência do sistema linguístico, do estilo e da realidade extralinguística, oferecendo-nos uma tradução mais voltada à manutenção da letra da língua de partida. Ambas sofreram, a seu modo e a seu tempo, influência da patronagem (LEFEVERE, 2007 [1992]) nas escolhas tradutórias.

Palavras-chave: Tradução literária. Tendências deformadoras. Procedimentos técnicos de tradução. Patronagem.

ABSTRACT

This paper is the result of a research carried out within the Bachelor's Degree Course in English Translation from and into Portuguese of the Federal University of Juiz de Fora and is aimed at analyzing two translations of Charles Dickens' Oliver Twist, in a contrasting way, identifying and analyzing the technical procedures occurring in the selected editions. For this purpose, the mixed research method was applied, and the quantitative approach was used to verify and compare the number of technical translation procedures in both translations, while the qualitative approach was based on the relationship between the original and the translations regarding letter maintenance or deformation (BERMAN, 2007 [1985]). For the analysis, the first paragraph of the first ten chapters of the original and translated texts was selected. Initially, a path was taken through the theories of translation and how concepts such as Polysystem Theory (EVEN-ZOHAR, 2000) and patronage (LEFEVERE, 2007 [1992]) were applied in the production and translation contexts of the book. Heloísa Gonçalves Barbosa, in a book entitled "Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta", from 1990, was the first author referred to as a theoretical framework. Then, in order to discuss the deformation of the text in the examined translations, Antoine Berman's "Translation and the Trials of the Foreign" (2007 [1985]) was the base of the analysis. As a result, the number of technical procedures detected was higher in Machado de Assis's translation sample and that these procedures were more directed to a freer translation and less tied to the letter of the source language, while the translation of Sônia Augusto concentrated procedures on the convergence axis of the linguistic system, style and extralinguistic reality, offering us a translation more focused on maintaining the letter of the source Both of them have been, in their own way and time, influenced by patronage (LEFEVERE, 2007 [1992]) in translation choices.

Keywords: Literary translation. Deforming tendencies. Technical procedures of translation. Patronage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.....19

Figura 2.....20

Figura 3.....26

Figura 4.....52

Gráfico 1.....50

Gráfico 2.....51

Esquema 1 64

Esquema 2 65

Esquema 3 68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 12
1 OLIVER TWIST – A OBRA E SUAS TRADUÇÕES 16
1.1 O autor 16
1.2 A obra 17
1.3 O contexto de produção 21
1.4 O contexto de tradução 22
1.4.1 A tradução de *Oliver Twist* no século XIX 22
1.4.2 A tradução de *Oliver Twist* no século XXI 29
1.5 Síntese do capítulo 30
2 TEORIAS DA TRADUÇÃO APLICADAS À OBRA 32
2.1 Percurso por teorias da tradução 32
2.2 Síntese do capítulo 40
3 METODOLOGIA 41
3.1 Apresentação da metodologia de pesquisa 41
3.2 Síntese do capítulo 42
4 ANÁLISE 44
4.1 Analítica segundo Heloísa Gonçalves Barbosa 44
4.1.1 Aporte teórico 44
4.1.2 Excertos analisados 46
4.1.3 Análise comparativa 50
4.2 Analítica segundo Antoine Berman 533
4.2.1 Aporte teórico 533
4.2.2 Análise das traduções 555
4.2.2.1 Racionalização 555
4.2.2.2 Clarificação 577
4.2.2.3 Alongamento 588
4.2.2.4 Empobrecimento qualitativo 60
4.2.2.5 Destruição da rede de significantes subjacentes 633
4.2.2.6 Destruição da rede de sistematismos 70
4.3 Síntese do capítulo 722
CONSIDERAÇÕES FINAIS 744
REFERÊNCIAS 777

ANEXOS 81
ANEXO I – Entrevista com a tradutora Sônia Augusto.....81
ANEXO II – Excertos do texto original.....83
ANEXO III – Excertos da tradução de Machado de Assis e Ricardo Lísias.....89
ANEXO IV – Excertos da tradução de Sônia Augusto.....96
ANEXO V – Excertos da tradução de Alfred Gérardin 103

INTRODUÇÃO

A tradução literária envolve mais do que o simples domínio das línguas de partida e de chegada: estilos de escrita, idiomaticidade, contextos sociais e históricos influenciam sobremaneira as opções tradutórias. Talvez, por esses motivos, muito frequentemente escritores sejam os tradutores literários mais frequentes; no entanto, não é consenso de que sejam melhores do que tradutores profissionais. Esse dilema motivou o estudo ora apresentado – a comparação de traduções de escritor e de profissional da tradução, em especial com marcada diferença cronológica.

A escolha da obra *Oliver Twist* partiu da tradução de Machado de Assis para o texto. Machado de Assis é o grande romancista brasileiro do século XIX, fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras. No ano de 2019, comemora-se seu centésimo octogésimo aniversário de nascimento, motivo que, por si só, já justificaria a escolha do tema para o projeto. Entretanto, a importância e a vastidão de sua obra, que fazem seu estudo atemporal, aumentam a relevância do tema escolhido. Poucos são os estudos acerca do trabalho de Machado como tradutor. Sabe-se que a escrita de Machado de Assis tem características próprias, como a caracterização psicológica das personagens, o convite à participação do leitor. Surgiu, assim, a primeira questão, que seria a influência ou não do estilo do escritor quando exercendo a função de tradutor e vice-versa.

Com a finalidade de proceder ao estudo comparativo, selecionamos outra tradução, esta realizada por Sônia Augusto, tradutora profissional com ampla experiência na área, em 2017. O cotejamento permitiria a comparação de marcas temporais e de estilo entre elas.

Portanto, o objeto de estudo da presente pesquisa é a obra *Oliver Twist*, publicada por Charles Dickens no século XIX. A presente investigação abordará a obra no idioma original, em edição da editora Penguin Classics, de 2002, que reedita a obra publicada inicialmente com o formato seriado entre 1837 e 1839 na Inglaterra. Sua edição em formato de livro data de 1838 e contou com algumas alterações feitas pelo autor.

As duas edições traduzidas que servirão de base para nossa investigação provavelmente utilizaram o texto já revisado (CAMELO, 2013), assunto que será

retomado quando da efetiva investigação da obra. A primeira de tais edições foi traduzida parcialmente por Machado de Assis em 1870 – tendo sido a primeira tradução dessa obra para o português do Brasil –, publicada pela editora Hedra em 2002 e reeditada em 2013. A segunda foi traduzida por Sônia Augusto em 2017 – sendo esta a mais recente das traduções encontradas para *Oliver Twist* –, quando foi publicada pela editora Amarilys.

As obras não serão examinadas em sua integralidade, mas com base em uma amostra de dez excertos, coletados de cada uma das edições selecionadas para esta pesquisa, sendo os excertos extraídos do primeiro parágrafo de cada um dos dez capítulos que integram as respectivas edições.

Diversas análises já foram feitas acerca da tradução de *Oliver Twist*, dentre as quais se destaca *Machado de Assis e a (re)escrita de Oliver Twist*, de Franciano Camelo (2013) e *Machado de Assis' Oliveira Twist: translation and the making of a novelist*, de Iv Scarlet Maciel (2007). Da mesma forma, a ocupação desse célebre escritor como tradutor já foi exaustivamente pesquisada. Algumas obras se sobressaem, como *Machado de Assis: tradutor*, de Jean-Michel Massa (2008) e *Machado de Assis: do folhetim ao livro*, de Ana Cláudia Suriani da Silva (2015).

Entretanto, um cotejamento entre traduções de *Oliver Twist* que se situam tão distantes em termos cronológicos ainda não foi realizado, em especial tendo uma delas sido feita por Machado de Assis, cujo trabalho como escritor alçou fama nacional e internacional, sendo ele igualmente traduzido para outros idiomas.

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar duas traduções da obra *Oliver Twist*, de Charles Dickens, em um viés contrastivo, identificando e analisando os procedimentos técnicos de tradução presentes nas duas edições selecionadas.

Esse objetivo geral se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

a) analisar a relação entre o número e o tipo de procedimentos adotados e os respectivos perfis tradutórios de Machado de Assis e de Sônia Augusto;
b) avaliar tendências domesticadoras e/ou estrangerizadoras (VENUTI, 2008 [1995]) das traduções, bem como possíveis deformações da letra (BERMAN, 2008 [1985]);
c) analisar as possíveis relações de patronagem (LEFEVERE, 2007 [1992]) estabelecidas na escolha da obra e de seus tradutores;

d) verificar o possível papel da tradução indireta (CARDOZO, 2011) nas escolhas tradutórias implementadas.

As hipóteses levantadas nesta pesquisa compreendem:

a) a tradução de Machado de Assis teria mais características domesticadoras (VENUTI, 2008 [1995]) e de deformação da letra (BERMAN, 2008 [1985]), por se tratar de tradutor-autor que pode ou não escrever em seu próprio estilo;
b) a tradução de Sônia Augusto teria mais características estrangeirizadoras (VENUTI, 2008 [1995]), mais próximas à manutenção da letra (BERMAN, 2008 [1985]), devido ao fato de ter sido feita por tradutora profissional.

O primeiro capítulo pretende apresentar dados sobre o autor, a obra e os tradutores, assim como promover uma contextualização da obra quando foi escrita e quando foi traduzida nos dois momentos. O segundo capítulo tenciona expor as teorias da tradução que sustentam o trabalho e sua importância para a análise da obra. O terceiro capítulo delineia a metodologia empregada nas leituras e análises do trabalho. O quarto capítulo tem como objetivo demonstrar o aporte teórico e as análises propriamente ditas. Por fim, nas considerações finais, a meta é apresentar reflexões autorais sobre os dados encontrados e as análises efetuadas.

Para que possamos verificar essas hipóteses, a metodologia utilizada na referida análise é o método misto (CUNHA LACERDA, 2016), sendo que a abordagem quantitativa será usada na verificação e na comparação do número de procedimentos técnicos de tradução presentes em ambas as traduções, enquanto a análise qualitativa se deterá na predominância ou não de determinado tipo de procedimento e na possível relação com a formação e o ofício exercido pelos tradutores pesquisados.

Antes de procedermos à análise propriamente dita, será apresentada uma revisão das teorias da tradução de alguns autores e sua correlação com a obra analisada. Em primeiro lugar discutiremos, à luz de Even-Zohar (2000), a inserção da obra original e de suas traduções em seus respectivos polissistemas literários. Com Lefevere (2007 [1992]), discutiremos questões relacionadas à patronagem no tocante às forças atuantes dentro do polissistema literário. Assim, consideraremos, neste projeto, os aspectos sócio-histórico-culturais do sistema vigente à época de escrita do original e da produção de cada tradução.

No que diz respeito a tendências domesticadoras ou estrangeirizadoras (VENUTI, 2008 [1995]) feitas anteriormente, procuraremos investigar as obras que são objeto desta pesquisa com vistas a averiguar se foram determinadas por mecanismos de controle interno (críticos, professores e tradutores, por exemplo) ou externo (como editoras e outras instituições que exercem poder sobre a leitura, escrita e reescrita de textos literários).

Na etapa subsequente, será feita a análise de excertos da obra e de suas respectivas traduções com base em dois autores. A primeira autora que servirá de aporte teórico para esta investigação é Heloísa Gonçalves Barbosa, em obra intitulada “Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta”, de 1990. No capítulo 2 dessa obra, a autora descreve sua sugestão de classificação dos procedimentos técnicos de tradução e seu agrupamento em quatro eixos, que variam da maior proximidade entre as línguas original e traduzida até a maior distância entre as mesmas.

Em seguida, a obra “A Tradução e a Letra: o Albergue do Longínquo”, de Antoine Berman (2007 [1985]), embasará as análises de deformação e manutenção da letra nas traduções examinadas. No intuito de avaliar em que medida as traduções realizadas por um escritor e por uma tradutora exibem tendências etnocêntricas e hipertextuais.

Em etapa subsequente, à luz de Lawrence Venuti (2008 [1995]), serão averiguadas tendências domesticadoras ou estrangeirizadoras. De forma interligada aos autores precedentes, mas com enfoque distinto, Venuti (2008 [1995]) sugere que a utilização de estratégias estrangeirizadoras na tradução leve o leitor do texto traduzido a ter a mesma sensação que o leitor do texto original teve ao lê-lo. Avaliaremos, na presente pesquisa, se um tradutor ou outro utilizou tais estratégias ou se teve tendência domesticadora, ou seja, se optou pelo apagamento da figura do tradutor em prol de um texto mais fluente.

Por fim, apresentaremos, nas “Considerações Finais”, as conclusões do trabalho e as proposições para novos estudos que possam sobrevir a partir deste.

O primeiro capítulo, a seguir, introduz a obra e o autor, em conjunto com o contexto histórico-cultural de sua produção e de ambas as traduções.

1 OLIVER TWIST – A OBRA E SUAS TRADUÇÕES

O primeiro capítulo apresenta informações sobre o autor e os tradutores, assim como referências acerca do contexto sociocultural da época da escrita da obra e de ambas as traduções.

1.1 O autor

Charles John Huffam Dickens nasceu em Landport, Inglaterra, em 7 de fevereiro de 1812, sendo o mais velho de oito irmãos. Foi operário até os 15 anos, quando seu pai foi preso por não conseguir sanar suas dívidas. Em 1822, a família se mudou para Londres, onde ocorreu o momento mais marcante da sua biografia. Seu pai, tendo sido escriturário em um escritório naval, não soube controlar as finanças e foi preso por dívidas em 1824. Devido a este fato, Dickens foi retirado da escola e enviado para uma casa de trabalho ("workhouse") onde exercia trabalhos manuais com sapatos. Esta experiência foi profundamente marcante para ele, tanto psicológica quanto socialmente, pois lhe ofereceu uma familiaridade com a pobreza e o tornou a voz mais vigorosa e influente das classes trabalhadoras da sua época, o que se refletiu em sua escrita (COLLINS, 2019).

Após alguns meses, seu pai foi solto e ele pode retornar à escola, onde permaneceu até os 15 anos de idade. Em seguida, trabalhou em um escritório de advocacia como contínuo e escriturário (COLLINS, 2019). Autodidata em estenografia, exerceu a profissão de repórter-estenógrafo no periódico *Morning Herald*. Já em 1833, começou a publicar crônicas e folhetins e tornou-se editor da *Bentley's Miscellany*, onde publicou *Oliver Twist* em edições mensais entre 1837 e 1839 (HORNE, 2002). Posteriormente, a mesma obra foi reunida em três volumes e publicada em 1838. Nessa época, já gozava de prestígio dentro e fora da Europa, tendo passado uma temporada nos Estados Unidos da América, relatada na obra *American Notes*, de 1843 (LÍSIAS, 2002).

Lohnes (2019) afirma que Charles Dickens é considerado o maior romancista inglês da era vitoriana. Sua grande popularidade era compartilhada pelos mais simples e pelos sofisticados. Sua capacidade de descrever a sociedade e seus

meandros caracterizou seus romances e o tornaram um dos grandes nomes da literatura do século XIX.

Seu estilo de escrita é marcante, com narrativa ornamentada por descrições longas e detalhadas, além de ser pontuada por ironias e sátiras à sociedade inglesa da época. Aliás, o contexto sociohistórico da Inglaterra do século XIX é o grande pano de fundo nas histórias de Dickens, como podemos ver a seguir, quando tratamos da obra *Oliver Twist* (PEREIRA; SILVA, 2013).

1.2 A obra

Oliver Twist; or, The Parish Boy's Progress, romance escrito por Charles Dickens, foi publicado em formato seriado sob o pseudônimo *Boz* nas edições mensais da revista de variedades *Bentley's Miscellany* (figura 1), periódico editado por Dickens até 1839, quando entregou o cargo após uma desavença com Richard Bentley. Sua publicação seriada iniciou em fevereiro de 1837 e estendeu-se por 24 fascículos até abril de 1839. O romance foi ilustrado por George Cruikshank, artista e caricaturista, que ilustrou vários livros de Dickens (SMITH COLLEGE LIBRARIES, 2019).

Atualmente, entende-se por "folhetim" um formato de publicação seriada de obras literárias, em periódicos ou jornais, podendo ser contos, romances ou novelas. Assim sendo, pode-se dizer que o formato seriado em que primeiramente foi publicado *Oliver Twist* seria, hoje em dia, considerado um folhetim. No entanto, de início, na França, o *feuilleton* designava um espaço específico no rodapé do jornal, geralmente na primeira página, que era usado para diversas funções, como crítica teatral, literária e variedades, deliberadamente frívolo, como obrigava a forte censura napoleônica vigente na época (MEYER, 1996).

Inspirados na moda inglesa de publicações em série, que se aproveitavam do barateamento das ilustrações, Émile de Girardin deu ao *feuilleton* um lugar de honra no jornal, começando "a sair em espaços cotidianos a partir de 5 de agosto de 1836" (MEYER, 1996, p. 59).

> Brotou assim, de puras necessidades jornalísticas, uma nova forma de ficção, um gênero novo de romance: o indigitado,

> nefando, perigoso, muito amado, indispensável folhetim "folhetinesco" [...] (MEYER, 1996, p. 59).

Esse romance-folhetim consistia de "longas narrativas, de enredo caprichosamente enovelado, disposto em capítulos intermináveis, que se estampavam semana a semana em forma de folhetim" (MOISÉS, 1982, p. 232).

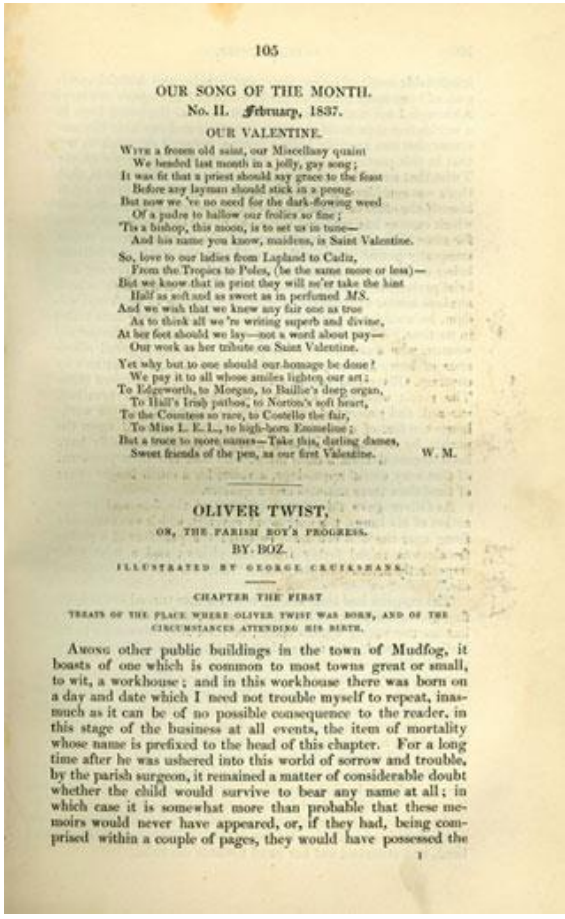
Posteriormente um gênero mais consolidado, demandava características específicas como corte, suspense, redundâncias para reativar a memória do leitor. Tal gênero literário tem características particulares como suspense, simplificação de personagens, corte sistemático, entre outras, o que é importante para a análise ora realizada (SILVA, 2015). Contudo, a principal marca é o mistério, "expediente que deixava o leitor ansioso, à espera do próximo capítulo do folhetim" (CARVALHO, 2010, p. 159).

No começo da década de 1840, já possuía posição de destaque no jornal, atraindo novos assinantes[1]. Praticamente todos os romances passaram a ser publicados nesse formato, mas nem todos se configuravam como romance-folhetim (MEYER, 1996). Posteriormente, a maior parte desses folhetins era reeditada em livro, por vezes com alterações em seu texto para retirar a marca do corte característica do gênero literário.

A edição de *Oliver Twist* em livro em três volumes, datada de 1838, trouxe algumas alterações de formato e conteúdo com relação à publicação seriada – alguns exemplos serão mostrados no decorrer deste trabalho. Possivelmente, isso se deu como resultado "da tensão entre a visão da narrativa considerada como um todo, para ser lida de um só fôlego, e a importância dada à progressão linear pela publicação em fascículos" (SILVA, 2015, p.17).

[1] A publicação de *Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, em 1838 – ou seja, pouco após o surgimento do folhetim –, atraiu 5.000 novos assinantes para o jornal em três meses, fato surpreendente para a época (MEYER, 1996).

Figura 1 – Página da publicação da *Bentley's Miscellany*.



105

OUR SONG OF THE MONTH.

No. II. February, 1837.

OUR VALENTINE.

With a frozen old saint, our Miscellany quaint
We headed last month in a jolly, gay song;
It was fit that a priest should say grace to the feast
Before any layman should stick in a prong.
But now we 've no need for the dark-flowing weed
Of a padre to hallow our frolics so fine;
'Tis a bishop, this moon, is to set us in tune—
And his name you know, maidens, is Saint Valentine.

So, love to our ladies from Lapland to Cadiz,
From the Tropics to Poles, (be the same more or less)—
But we know that in print they will ne'er take the hint
Half as soft and as sweet as in perfumed *MS*.
And we wish that we knew any fair one as true
As to think all we 're writing superb and divine,
At her feet should we lay—not a word about pay—
Our work as her tribute on Saint Valentine.

Yet why but to one should our homage be done?
We pay it to all whose smiles lighten our art:
To Edgeworth, to Morgan, to Baillie's deep organ,
To Hall's Irish pathos, to Norton's soft heart,
To the Countess so rare, to Costello the fair,
To Miss L. E. L., to high-born Emmeline;
But a truce to mere names—Take this, darling dames,
Sweet friends of the pen, as our first Valentine. W. M.

OLIVER TWIST,

OR, THE PARISH BOY'S PROGRESS.

BY BOZ.

ILLUSTRATED BY GEORGE CRUIKSHANK.

CHAPTER THE FIRST

TREATS OF THE PLACE WHERE OLIVER TWIST WAS BORN, AND OF THE CIRCUMSTANCES ATTENDING HIS BIRTH.

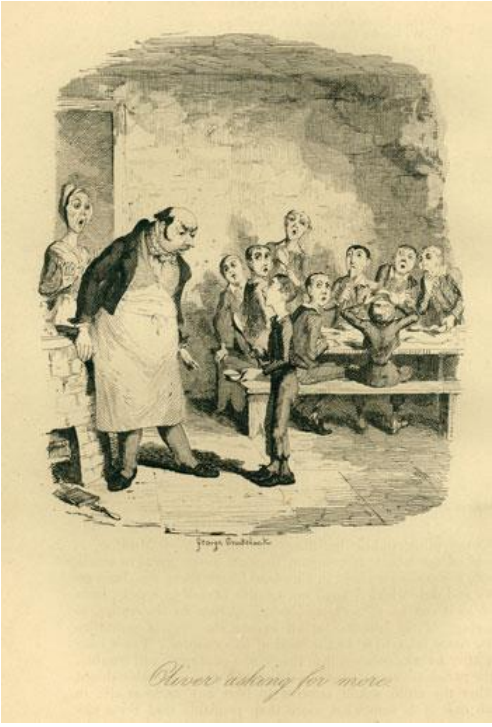
Among other public buildings in the town of Mudfog, it boasts of one which is common to most towns great or small, to wit, a workhouse; and in this workhouse there was born on a day and date which I need not trouble myself to repeat, inasmuch as it can be of no possible consequence to the reader, in this stage of the business at all events, the item of mortality whose name is prefixed to the head of this chapter. For a long time after he was ushered into this world of sorrow and trouble, by the parish surgeon, it remained a matter of considerable doubt whether the child would survive to bear any name at all; in which case it is somewhat more than probable that these memoirs would never have appeared, or, if they had, being comprised within a couple of pages, they would have possessed the

Fonte: SMITH COLLEGE LIBRARIES, 2019.

A obra conta a história do pequeno Oliver, nascido em um abrigo de pobres e que logo após o nascimento se vê órfão e desamparado. É criado nesse abrigo e em uma casa de delinquentes juvenis e passa por diversas dificuldades e por uma série de injustiças até que seja finalmente adotado por um cavalheiro. Dickens descreve de forma primorosa o submundo da sociedade inglesa da época nesse romance.

A figura a seguir mostra a fala provavelmente mais conhecida de *Oliver Twist*: "Please, sir, I want some more" [Por favor, senhor, eu gostaria de mais um pouco] (SMITH COLLEGE LIBRARIES, 2019, tradução nossa).

Figura 2 – Ilustração da *Bentley's Miscellany*.



Fonte: SMITH COLLEGE LIBRARIES, 2019.

A referida obra representou uma mudança de foco da comédia que o autor vinha editando – denominada *The Pickwick Papers* – que gozava de grande sucesso de público, atingindo inclusive as camadas menos abastadas da população, por ser apresentada em um jornal, formato esse mais acessível.

A nova obra inicia uma fase de conteúdo moral e social e inclui um caminho mais denso e sombrio por antros e vielas, o que não era um tema agradável à elite inglesa da época, que reconhecia sua existência, mas não a queria retratada (HORNE, 2002; MACIEL, 2007). Collins (2019) afirma que "o romance foi o primeiro dos trabalhos do autor a retratar realisticamente o submundo empobrecido de Londres e a ilustrar sua crença de que a pobreza levava ao crime[2]" (LOHNES, 2019, s/p, tradução nossa).

A inspiração para esse livro se baseou nas execuções públicas de delinquentes, muito frequentes na Inglaterra no início do século XIX, como será apresentado na próxima seção.

[2] Texto original: The novel was the first of the author's works to realistically depict the impoverished London underworld and to illustrate his belief that poverty leads to crime (LOHNES, 2019, s/p).

1.3 O contexto de produção

Pujol (2017), ao descrever o contexto sociohistórico da Inglaterra no início do século XIX, afirma que Dickens se impressionara com o maciço comparecimento da população à execução pública por enforcamento do jovem condenado François Courvoisier – que teria se inspirado na obra *Jack Shepard*, de Harrison Ainsworth para assassinar seu patrão aristocrata.

Essa passagem demonstra o quão arraigada estava a criminalidade na vida pública de Londres no contexto de produção da obra analisada. Ademais, "as fronteiras entre a ficção – os chamados romances de Newgate, categoria inspirada no nome de uma célebre prisão londrina – e a realidade pareciam cada vez mais fluidas" (PUJOL, 2017, p. 9).

As ruas de Londres eram, nessa época, ocupadas por toda a sorte de meliantes, delinquentes e prostitutas, ambiente bem caracterizado na obra *Oliver Twist*.

Como já exposto, Charles Dickens tinha grande familiaridade com o ambiente de pobreza de Londres. Até o fim de sua vida, era evidente em seus escritos jornalísticos e literários o valor que ele dava às dificuldades que os cidadãos empobrecidos tinham que suportar (LOHNES, 2019). Lohnes (2019) afirma que

> Dickens começou a escrever *Oliver Twist* após a adoção da Lei dos Pobres, em 1834, que suspendeu os pagamentos do governo aos pobres fisicamente capazes a menos que eles ingressassem nas casas de trabalho. Assim, *Oliver Twist* se tornou um veículo para a crítica social direcionada diretamente ao problema da pobreza na Londres do século XIX[3]. (LOHNES, 2019, s/p, tradução nossa)

Sob outra perspectiva, exporemos na seção seguinte que o contexto da tradução para a língua portuguesa no Brasil diverge bastante entre a primeira tradução realizada, iniciada em 1870, e a mais recente, de 2017.

[3] Texto original: Dickens began writing *Oliver Twist* after the adoption of the Poor Law of 1834, which halted government payments to the able-bodied poor unless they entered workhouses. Thus, *Oliver Twist* became a vehicle for social criticism aimed directly at the problem of poverty in 19th-century London (LOHNES, 2019, s/p, grifo do autor).

1.4 O contexto de tradução

1.4.1 A tradução de *Oliver Twist* no século XIX

Joaquim Maria Machado de Assis (Rio de Janeiro, 1839 – 1908) traduziu os 28 primeiros capítulos de *Oliver Twist* para o Jornal da Tarde, periódicos de edições semanais. A infância de Machado de Assis foi permeada pela pobreza, assim como a de Charles Dickens o foi em alguns momentos. Miguel-Pereira (1936) afirma que

> Mas, em S. Cristovão ou no Livramento, uma cousa é certa: o lar era dos mais pobres. Francisco José de Assis, pintor de casas e Maria Leopoldina Machado de Assis, lavadeira, eram ambos mulatos, mulatos livres, segundo consta, e, na sua humildade, gente organizada (MIGUEL-PEREIRA, 1936, p.26).

Nascido da união de um pintor com uma lavadeira, perdeu a mãe logo cedo, sendo criado por sua madrasta, que lhe dava o carinho de mãe e lhe ensinou as primeiras letras. Após a morte do pai, mudou-se com a madrasta para um colégio onde ela trabalhava como cozinheira e ele vendia balas e doces, que eram produzidos no colégio, no comércio da região. Desta forma, conheceu o padeiro francês da padaria de Mme. Gallot, que se prontificou a ensinar a língua francesa, interesse já demonstrado por Machado ao aprender latim com o padre-mestre Silveira Sarmento (MIGUEL-PEREIRA, 1936).

O contexto sociocultural da tradução de Machado de Assis, de certa forma, se assemelhava ao contexto de produção da obra na Inglaterra do século XIX. Miguel-Pereira (1936), assim narra o Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, na região onde circulava Machado de Assis:

> dominavam as quitandeiras de um lado e de outro, africanas e crioulas. Destas, as baianas eram conhecidas pela trunfa - um lenço interminavelmente enrolado na cabeça, fazendo lembrar o famoso retrato de Mme. de Stael. Mais de um Lord Oswald do Jogar achou ali a sua Corina. Ao lado da Igreja da Cruz vendiam-se folhetins de varia especie, pendurados em barbantes. Os pretos minas teciam e cosiam chapeos de palha. Havia mais... Que que não havia na rua Direita? (MIGUEL-PEREIRA, 1936, p. 72)

Esse trecho mostra, ainda, que a venda de folhetins permeava os meandros mais pobres da cidade também, não se atendo a circular no meio da elite abastada.

Assim sendo, nesse meio foi produzida a tradução de Machado de Assis para o Jornal da Tarde em formato de folhetim. J. Galante de Sousa (1955), eminente estudioso e bibliógrafo de Machado de Assis, informa que “esta tradução figura anônima, no periódico. Não há dúvida, porém, de que pertence a Machado de Assis em vista de uma carta sua [...].” (SOUSA, 1955).

Sua atuação como tradutor tende a ser pouco celebrada no meio acadêmico, como se essa função reduzisse o valor de sua obra autoral (MASSA, 2008). Mais recentemente, diversas publicações vêm resgatando e valorizando esta que foi uma das importantes contribuições para o mercado de tradução brasileiro, como, por exemplo, *Machado de Assis tradutor*, de Jean Michel Massa (2008) e *Para traduzir o século XIX*, de Eliana Ferreira (2004).

A referida obra foi traduzida e publicada pelo Jornal da Tarde em formato de folhetim, gênero este que o tradutor usaria em diversas outras traduções e obras originais. Machado de Assis cedo teve contato com o folhetim, mas não o tinha em boa conta, como mostra o trecho da crônica *O empregado público aposentado*, publicada originalmente em *O Espelho*, em 1859:

> O empregado público aposentado poderá deixar de comer, mas lá perder um jornal, lá perder um jubileu político ou sessão do parlamento, é tarefa que não lhe está nas forças.
> O jornal é lido, analisado com toda a finura de espírito de que ele é capaz. Devora-o todo, anúncios e leilões; e se não vai ao folhetim, é porque *o folhetim é frutinha do nosso tempo*. (ASSIS, 1994, s/p, grifo nosso).

Em seguida, ainda no mesmo periódico, escreveu a crônica *O folhetinista* (ASSIS, 1994). Em tal crônica, o autor escreve sobre o impacto que o folhetim teve quando trazido da França para o Brasil e critica aberta e severamente a figura do folhetinista:

> [...] O folhetim, disse eu em outra parte, e debaixo de outro pseudônimo, o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por conseqüência do jornalista. Esta íntima afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação.
> O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Esta íntima afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação.

> O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal.
> Efeito estranho é este, assim produzido pela afinidade assinalada entre o jornalista e o folhetinista. Daquele cai sobre este a luz séria e vigorosa, a reflexão calma, a observação profunda. Pelo que toca ao devaneio, à leviandade, está tudo encarnado no folhetinista mesmo; o capital próprio.
> O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar de colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política.
> Assim aquinhoado pode dizer-se que não há entidade mais feliz neste mundo, exceções feitas. Tem a sociedade diante de sua pena, o público para lê-lo, os ociosos para admirá-lo, e a bas-bleus para aplaudi-lo. [...] (ASSIS, 1994, s/p).

Contudo, provavelmente, a parte mais importante da opinião emitida por Machado de Assis nessa crônica é o final, quando afirma que

> Alguns vão até Paris estudar a parte fisiológica dos colegas de lá; é inútil dizer que degeneraram no físico como no moral.
> Força é dizê-lo: a cor nacional, em raríssimas exceções, tem tomado o folhetinista entre nós. Escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil.
> Entretanto, como todas as dificuldades se aplanam, ele podia bem tomar mais cor local, mais feição americana. Faria assim menos mal à independência do espírito nacional, tão preso a essas imitações, a esses arremedos, a esse suicídio de originalidade e iniciativa. (ASSIS, 1994, s/p)

A recomendação de que o folhetim devesse ter uma feição mais nacional, menos presa às imitações representava justamente o que o autor preconizava – tanto que sua tradução de *Oliver Twist* vinha com o nome de “Oliveiro Twist, de Carlos Dickens”. E, provavelmente, conseguiu, uma vez que, segundo Lia Wyler (1999), os folhetins traduzidos preencheram uma lacuna na literatura brasileira ainda em formação, pois não se criava todo tipo de produção, dependendo de modelos estrangeiros já estabelecidos. O folhetim se tornou, assim, “o formato de publicação mais corriqueiro no século XIX” (SILVA, 2015, p. 17).

O gênero se tornou tão popular que abriu caminho para o sugimento de um novo gênero literário: a crônica (MEYER, 1996). Pode-se dizer que a crônica, como

a conhecemos (relato de fatos cotidianos com leitura literária) é um gênero tipicamente brasileiro[4] e que foi ampla e brilhantemente explorado por Machado de Assis.

Outra causa provável da popularização do folhetim era que o número de leitores de um periódico tem potencial de ser consideravelmente maior que o de assinantes (SILVA, 2015) e que o de leitores de um livro impresso.

Reis (2006) avança nessa caracterização, ao considerar o fato de que

> Tanto na França, onde nasceu, em 1836, quanto aqui no Brasil, o romance folhetim alcançou proporções extraordinárias, passando a compor o cotidiano e o imaginário dos leitores. Este fenômeno se deu concomitantemente à abertura e publicações de jornais, daí a dificuldade de se saber quem mais se beneficiou da importância do outro: o veículo ou o instrumento, pois se tratou de uma importante relação de troca. (REIS, 2006, p.50).

Machado utilizou esse formato de publicação em sete obras entre 1874 e 1891 (*A mão e a luva, Helena, Iaiá Garcia, Memórias póstumas de Brás Cubas, Casa* Velha e *Quincas Borba*), das quais seis foram publicadas posteriormente em livro. Quando traduziu *Oliver Twist*, Machado se encontrava em situação financeira pouco confortável, em especial nos anos que sucederam seu casamento com Carolina Augusta Xavier de Novais e ainda não era um autor literário amplamente reconhecido (MACIEL, 2007). Por conseguinte, pode-se supor que ele tenha começado a utilizar o formato de folhetim nas traduções, tendo-o mantido nas obras próprias pelos anos que se seguiram até a publicação de *Quincas Borba*, em 1891, o último romance publicado inicialmente em folhetim (SILVA, 2015).

A tradução realizada por Machado foi iniciada em 23 de abril de 1870 (figura 3) e interrompida em 18 de junho do mesmo ano. A tradução dos demais capítulos continuou a ser publicada, contudo, por tradutor desconhecido, até o dia 23 de agosto de 1870, quando foi publicado o último capítulo (BIBLIOTECA NACIONAL, 2019).

---

[4] FERREIRA, Clarice Janini. *A evolução da crônica no jornalismo brasileiro sob a leitura de Clarice Lispector, Caio Fernando Abreu e Carlos Heitor Cony*. 2013. Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura - CELACC – ECA/USP. 2013. 25p.

Figura 3 – Página do *Jornal da Tarde* com a primeira publicação de Oliveiro Twist (Tradução de Machado de Assis).

ANNO I — Rio de Janeiro — Sexta-feira 22 de Abril de 1870 — NUM. 149

JORNAL DA TARDE

Proprietarios ANGELO THOMAZ DO AMARAL E EDUARDO AUGUSTO DE OLIVEIRA

NOVO FOLHETIM

OLIVEIRO TWIST

GAZETILHA

MISCELLANEA

POESIA

FOLHETIM DO JORNAL DA TARDE

O MYSTERIO DE FERNWOOD

Fonte: BIBLIOTECA NACIONAL, 2019.

Massa (2008) informa que a transição não foi feita de forma suave, visto que

> Ele encerra de fato sua colaboração a partir do capítulo XXVIII, pois o tom da tradução é diferente, com erros de interpretação que só se explicam pelo desconhecimento das páginas já traduzidas pelo novo tradutor. Por exemplo, onde Machado de Assis emprega nas formas de tratamento a terceira pessoa, ou “você”, o novo tradutor emprega a segunda pessoa do plural ou do singular (MASSA, 2008, p. 67).

Não está claro o motivo pelo qual Machado de Assis abandonou a tradução da obra que vinha sendo traduzida com o nome de “Oliveiro Twist, por Carlos Dickens”. Sua carta de renúncia ao trabalho empreendido mencionava apenas motivos pessoais (LÍSIAS, 2002; CAMELO, 2013).

Massa (2008) relaciona as escolhas tradutórias de Machado de Assis com o momento da carreira literária do tradutor-escritor ao sustentar que

> O confronto entre o ponto de partida e o ponto de chegada é precioso para conhecer o nível linguístico do tradutor-escritor que pode se metamorfosear em escritor-tradutor. [...] podemos

> precisar as etapas e, à medida que se desenvolve sua carreira, as escolhas – ou a aceitação quando se trata de encomendas – tomam um significado. A suspensão das traduções marcaria talvez o momento em que o escritor considerou ter atingido sua plenitude literária (MASSA, 2008, p.13).

Recentemente, a tradução foi retomada por Ricardo Lísias (2002) e publicada pela editora Hedra em 2002, com nova edição em 2013. Ainda que Lísias tenha tentado ser o mais fiel possível à tradução de Machado – sem, no entanto, ter a intenção de imitá-lo (LÍSIAS, 2002) – consideraremos na nossa análise apenas excertos dos capítulos traduzidos integralmente por Machado de Assis.

Cumpre-nos informar que a tradução de Machado de Assis foi realizada a partir de um original em francês traduzido do inglês por Alfred Gérardin e publicado pela Librairie L. Hachette et Cie de Paris em 1864. Esse tipo de tradução, realizada a partir de um texto fonte em outro idioma que não o do texto original, denomina-se tradução indireta.

Cardozo (2011) afirma que a tradução indireta foi muito popular no século XIX, com vistas ao acesso da população a livros e documentos de idiomas de menor circulação através de sua tradução para o inglês ou para o francês. No século XIX, o francês ainda era o principal idioma de origem das traduções realizadas no Brasil (BARBOSA; WYLER, 2009). Machado de Assis considerava que “A França era a capital da civilização moderna” (FERREIRA, 2004, p. 44) e Eliane Ferreira (2004) informa que o francês era a segunda língua mais falada no Brasil do século XIX. Apenas a partir da Segunda Guerra Mundial é que, por influência estadunidense, o inglês gradativamente se tornou a língua mais traduzida no Brasil, direta ou indiretamente. Até os dias de hoje, alguns idiomas, como chinês e checo, ainda são traduzidos de forma indireta (BARBOSA; WYLER, 2009).

Recentemente o mercado editorial tem retomado essa prática como “reedição de traduções realizadas por tradutores de certo renome” (Cardozo, 2011, p.433) – o que certamente abarca a tradução que Machado de Assis fez de Oliver Twist e que foi reeditada pela editora Hedra.

Há uma difundida opinião sobre a tradução indireta que questiona sua qualidade ou, até mesmo, sua confiabilidade. A marginalização da tradução indireta, segundo Cardozo (2011), acaba sendo estimulada pelas editoras que, ao

enfatizarem que uma nova edição é traduzida direto do original, reforça o estereótipo de que a tradução indireta teria menor qualidade.

No entanto, a relação entre a tradução indireta e uma menor qualidade ou confiabilidade não se sustenta se pensarmos que nenhuma tradução realizada, independente do idioma de partida, tem total pureza no contato com a obra: o tradutor sempre acessa o texto de posse de relações prévias com o mesmo, como o contexto de produção, a biografia do autor e a recepção do público da obra original, além da opinião da crítica. Borges (1998 [1936] *apud* Cardozo (2011)) afirma que "a primeira vez já é a segunda, posto que já os abordamos sabendo-os" (p.431). Assim sendo, as desvantagens da tradução indireta em comparação com a tradução direta são minimizadas se aceitarmos que a tradução direta também é mediada e que a tradução indireta nem sempre resulta em traduções piores.

Em que pese o receio de que a tradução indireta da obra de Charles Dickens possa ter influenciado o resultado final da tradução de Machado de Assis, Camelo (2013) sustenta que a tradução feita por Gérardin foi bastante próxima do texto original quando escreve que

> [...] a tradução francesa do romance dickensiano por Gérardin é uma das mais adequadas, mesmo apresentando algumas omissões e imprecisões. O cotejo dessa tradução e das edições inglesas (da *Bentley's* e das duas edições subsequentes, de 1838 e 1846) mostra que Gérardin parece ter buscado traduzir *Oliver Twist* ao público francês mantendo-se o mais próximo possível do texto inglês (CAMELO, 2013, p. 24).

No caso específico ora referido, trataremos a tradução de Gérardin como, dentro do possível, tendo mantido a letra da obra, conforme Berman (2007 [1985]). Dessarte, a análise a ser aqui apresentada contrastará a tradução de Machado de Assis com o original em inglês de Charles Dickens, na edição da Penguin Classics (Dickens, 2003 [1837-8]).

Além disso, outro fator que atesta a qualidade da tradução indireta é que, apesar de ter traduzido a partir do francês, Machado conhecia a língua inglesa, como sustenta Massa (2008) ao escrever que "Aos vinte e sete anos, seja por prazer, seja por necessidade profissional, Machado de Assis lia em inglês" (MASSA, 2008, p. 53) e que "[...] ter utilizado uma terceira língua não significa de forma

alguma que ele ignora a língua que, nesse caso, ele não traduz". (MASSA, 2008, p. 48).

Apesar de o original e a tradução de Machado de Assis terem sido escritos no século XIX, podemos dizer que, em meados do século XIX – época em que a primeira tradução foi iniciada –, o Brasil ainda não possuía grandes cidades com periferias tomadas pela criminalidade como era comum nas grandes cidades europeias da mesma época (MACIEL, 2007). No entanto, com o êxodo rural causado pela mecanização das lavouras e o surgimento das fábricas, isso não tardaria a ocorrer.

Nos dias de Machado e sua tradução, tal processo estava, portanto, em seu início e, no período da segunda tradução investigada, está em plena vigência, como veremos adiante.

1.4.2 A tradução de *Oliver Twist* no século XXI

Dando seguimento à contextualização histórica, voltamo-nos à segunda década do século XXI. A industrialização ampla, o desmedido crescimento populacional e o êxodo rural incharam a periferia das grandes cidades. Por outro lado, o analfabetismo caiu de 84,3% no primeiro censo brasileiro do império, em 1872[5], para 9,4% no Censo Demográfico de 2010[6], sugerindo que houve uma importante ampliação no acesso à educação formal da população brasileira no período.

As condições de emprego e moradia melhoraram em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, mas alguns aspectos morais e sociais associados a vícios e desvios de conduta estão, mais do que nunca, vigentes na sociedade (BRYCH, 2007). Isso torna a temática do livro escrito entre 1837 a 1839 plenamente atual e reitera a relevância e o impacto da obra.

Nessa conjuntura, Sônia Augusto nos oferece a mais contemporânea tradução disponível no mercado editorial brasileiro da atualidade.

---

[5] FERRARO, Alceu Ravanelo; KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. *Educação e Realidade*, v. 29, n. 2, p. 179-200, 2004.

[6] IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E PESQUISA. *Sinopse do censo demográfico*: 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49230.pdf> Acesso em: 06 jul. 2019.

Trata-se de tradutora com formação inicial em Psicologia (USP, 1976), que enveredou pelo caminho da tradução especializada de sua área de origem e aperfeiçoou sua instrução com cursos específicos da área de tradução, à qual se dedica com exclusividade nos dias de hoje.

Até o final dos anos 1960, a maior parte dos tradutores no Brasil era de escritores ou de pessoas que aprenderam em escolas de idiomas ou vivendo no exterior, uma vez que não era oferecido treinamento específico para tradução no país (BARBOSA; WYLER, 2009). Desde 1960, diversos cursos de tradução têm sido oferecidos, com alta qualidade, seja no âmbito da graduação superior, seja no âmbito do ensino profissionalizante.

Sônia Augusto seguiu pelo segundo caminho e teve sua formação profissional como tradutora em 2002-2003, com o curso de Formação de Tradutores e Intérpretes da Associação Alumni e, desde então, é tradutora em tempo integral do inglês e do francês para o português.

Delineados os respectivos contextos de produção e de tradução da obra *Oliver Twist*, passaremos, na próxima seção, ao contorno teórico que sustenta a pesquisa, discutindo as teorias da tradução que serão abordadas no presente estudo.

1.5 Síntese do capítulo

Neste primeiro capítulo, foram apresentados o autor, a obra e os tradutores, realizando-se uma contextualização da sociedade e da cultura da época. Vimos que Charles Dickens, escritor inglês, teve uma fase pobre na infância, em que se viu obrigado a trabalhar em casas de trabalho (*workhouses*) depois que seu pai foi preso por dívidas. A infância pobre marcou fortemente sua escrita e suas obras posteriores, que eram instrumentos de retrato e denúncia da sociedade londrina do século XIX.

Dickens começou a escrever *Oliver Twist* após a promulgação da Lei dos Pobres, em 1834, que determinava que os pobres só poderiam ser acolhidos em abrigos se, estando fisicamente hábeis, trabalhassem. A obra foi publicada em formato seriado tipo folhetim, muito usado na época para que os escritos dos

autores pudessem atingir um público mais vasto, incluindo as camadas menos privilegiadas da população.

A tradução de Machado de Assis, tendo sido feita ainda no século XIX, apresenta contexto sociohistórico muito semelhante, ainda que diversas diferenças estivessem presentes, sendo a principal delas a de que a sociedade brasileira ainda era escravagista. Machado teve também uma infância pobre e fez, assim como Dickens, a publicação da tradução em folhetim.

Por outro lado, a tradução de Sônia Augusto, edição mais contemporânea de *Oliver Twist*, apresenta-se em uma ambientação sociohistórica diversa, mas que conserva semelhanças como a exploração do trabalho e as condições precárias de vida da periferia das grandes cidades.

Todo o contexto social, histórico e cultural que cerca cada um dos momentos estudados influencia na escrita, como veremos no capítulo seguinte, com a Teoria dos Polissistemas de Itamar Even-Zohar (2000). Serão apresentados, ainda, fatores que motivam e controlam escolhas tradutórias, assim como procedimentos tradutórios (BARBOSA, 1990) que deformam ou mantêm a letra do texto original, como descrito por Antoine Berman (2007 [1985]).

2 TEORIAS DA TRADUÇÃO APLICADAS À OBRA

O presente capítulo apresenta as teorias que sustentam as noções acerca da tradução apresentadas neste trabalho e como se interligam, demonstrando que toda escrita está inserida em seu contexto, que nela exerce influência.

2.1 Percurso por teorias da tradução

Em 1972, Even-Zohar publicou a Teoria dos Polissistemas, que descreve a cultura como sendo um polissistema consistindo de diversos outros sistemas, como literatura, política, economia, religião, entre outros. Esses sistemas, apesar de distintos, exibem ação dinâmica, através da interligação entre eles, sofrendo e gerando influência de natureza social, cultural e histórica. Parte desses elementos foi apresentada no capítulo anterior.

Segundo o autor, dentro do sistema literário, ocorre a divisão em posição central e periférica, divisão esta causada por quem detém o poder (como a academia e as editoras, por exemplo) e influenciada pelo polissistema no qual o sistema literário está inserido. A posição periférica inclui a literatura de massa, como romances e suspense, literatura infantil e literatura traduzida (EVEN-ZOHAR, 2000).

A Teoria dos Polissistemas contribuiu de forma substancial para demonstrar a relevância da literatura traduzida no polissistema literário, uma vez que, segundo a referida teoria, há três situações em que a literatura traduzida pode ocupar posição central no polissistema literário, quais sejam:

- literatura jovem, em que não houve tempo de formar um cânone em língua doméstica;
- literatura em momentos de crise, como ditaduras, em que a literatura traduzida está a serviço do poder para ratificar as ideias que estão sendo introduzidas;
- quando ainda não há um modelo literário vigente canônico (EVEN-ZOHAR, 2000).

Even-Zohar (2000) considera a literatura traduzida uma força primária que cria novos elementos e modelos, mas também uma força secundária, pois reforça modelos e elementos já estabelecidos. No caso do Brasil oitocentista, a literatura traduzida começava a ocupar uma posição de destaque – considerando-se a

literatura europeia como a posição central –, por estar ainda em formação seu sistema literário.

Oliver Twist foi escrito por Charles Dickens, um escritor de grande popularidade na Inglaterra do século XIX, a qual estava imersa na Revolução Industrial, que teve forte impacto no modo de vida burguês, não sem deixar marcas profundas na sociedade da época. Entretanto, longe de se ater à função de retrato da condição social da época, Dickens tomava sua escrita como instrumento de "explicitação, relevo, antecipação e denúncia" (PUGLIA, 2006 *apud* CAMELO, 2013, p.38), não só da sociedade como um todo, como também da controversa Lei dos Pobres, de 1834 (CAMELO, 2013).

Houve intensa reação do governo à publicação, que proibiu suas encenações com a justificativa de ser – propositalmente – excessivamente chocante, da mesma forma que houve ampla aceitação do público.

No momento da primeira tradução de *Oliver Twist*, como já mencionado, o Brasil não passava pelo mesmo momento histórico-social ou literário da Inglaterra. Schwarz (2012 *apud* CAMELO, 2013) relata que, nesse cenário oitocentista, estavam começando a surgir os romancistas brasileiros. Com um sistema literário ainda em formação, a literatura traduzida era de extrema relevância na constituição de um público leitor, assim como no desenvolvimento dos modelos literários a serem referenciados.

Todavia, a temática específica da obra analisada não correspondia exatamente à realidade socioeconômica observada no Brasil. Os dilemas sociais da sociedade com crescente importância burguesa em detrimento da aristocracia e a força do dinheiro ainda não se faziam presentes. É possível argumentar, dessa forma, que as alterações propostas por Machado de Assis em sua tradução tenham tido a intenção de aproximar o texto de Dickens do público leitor em formação no Brasil, daí a tendência domesticadora que abordaremos mais adiante.

Lia Wyler (1999) considera o século XIX como "o século da tradução" no Brasil, motivado, inicialmente, pela chegada da corte portuguesa na colônia em 1808 e as consequências dela advindas, como a criação da Imprensa Régia, que estimulou a tradução escrita, bem como o término do isolamento cultural e intelectual da colônia.

Após a independência, o Brasil passou por um período de modernização que marcou a tradução no século XIX brasileiro como um veículo de transferência cultural, em que se tornou “um componente da formação da identidade cultural da nação na medida em que, ao traduzir o outro, gerava o encontro do próprio” (FERREIRA, 2004, p. 28).

Nesse sentido, Reis (2006) demonstra que o folhetim exerceu especial papel na formação dessa identidade quando afirma que

> A leitura das publicações de romances de folhetim e muitos outros costumes influenciaram de uma maneira marcante a formação da identidade nacional brasileira, que assimilava os modelos europeus e os adaptava ao nosso cotidiano, em um momento de construção do estilo de vida que estava sendo adotado pelo povo brasileiro (REIS, 2006, p. 48).

O emprego dessa forma de publicação, tão em voga na França na época, auxiliou na disseminação da literatura estrangeira traduzida, assim como da literatura nacional, pois, como relata Reis (2006)

> É nesse ambiente, que passava por um fenômeno cultural que há muito já se observava na Europa – o do aumento do número de leitores e surgimento de uma cultura mais ativa na Corte Brasileira – que o folhetim chega ao país, na primeira metade do século XIX (REIS, 2006, p.49).

Machado possuía uma visão peculiar da tradução e de seu papel no desenvolvimento da literatura nacional. O Brasil tornara-se independente há pouco e a identidade nacional ainda estava em formação. Havia duas correntes distintas que versavam sobre o conceito de “nacional”, sendo uma, a da Sociedade Filomática, liderada por Abreu e Lima, a qual entendia que o nacional consistia no rompimento com a tradição clássica e a outra, representada por Gonçalves de Magalhães, para quem o nacional adquiriu feição nacionalista. Contrapondo-se aos dois grupos, na visão de Machado de Assis o “nacional” envolvia a liberdade de criação artística, rejeitando a tríade etnocentrismo, indigenismo e paisagem natal como base da formação da literatura nacional (FERREIRA, 2004).

Machado de Assis alertava para os perigos advindos da absorção de uma cultura exógena sem um posicionamento crítico, ao mesmo tempo em que reconhecia o protagonismo da tradução na cena cultural brasileira. Dessa forma,

advogava que a tradução exercia “um papel fundamental para a criação do próprio através do reflexo alheio e assim contribuindo para o enriquecimento da cultura brasileira” (FERREIRA, 2004, p. 67). Ele nem desprezava completamente o estrangeiro, como os nacionalistas, nem se rendia servilmente a ele, como os tradutores dramáticos da época. Foi, dessa forma, um precursor do antropofagismo[7].

Lúcia Miguel-Pereira (1936) respalda essa colocação quando atesta que, ao produzir um texto sobre o passado, presente e futuro da literatura, Machado expõe vivamente sua opinião contra o indianismo e a favor da “literatura como meio de fixação da nacionalidade” (MIGUEL-PEREIRA, 1936, p. 64).

> É de lastimar não o haver Mario de Alencar incluido em "Critica". Merecia ser conservado esse trabalho de um joven de 19 anos que, em pleno romantismo, encarava a literatura como um meio de fixação da nacionalidade, reclamando contra a escravização aos canones portuguêses, condenando o indianismo porque "a poesia indígena, barbara, a poesia do boré e do tupan não é poesia nacional." (MIGUEL-PEREIRA, 1936, p. 64)

Como tradutor, Machado se permitiu algumas liberdades, por dois motivos, sendo o primeiro o fato de não se conformar com a servilidade dos tradutores dramáticos da época aos empresários teatrais, que refletia uma dependência cultural com a Europa, mormente a França. O segundo, igualmente importante, foi o fato de Machado de Assis preconizar a tradução como meio de se obter uma hibridização cultural, permitindo o surgimento do novo, do nacional (FERREIRA, 2004). Poderíamos argumentar que ele reguta os mecanismos econômicos e estéticos de patronagem de seu tempo, buscando por novas forças estéticas.

Por outro lado, por ocasião da tradução mais recente, de Sônia Augusto, a realidade social já era totalmente diversa da apresentada durante a escrita da obra e a primeira tradução. *Oliver Twist* e seu autor, Charles Dickens, já faziam parte do cânone literário, sendo a intenção da tradução mais a reprodução da forma e do sentido exatos pretendidos pelo autor original, como informou a tradutora em recente entrevista (AUGUSTO, 2019).

---

[7] O conceito de antropofagismo na literatura foi introduzido por Oswald de Andrade em seu *Manifesto Antropófago*, de 1928, onde o autor sugere uma reconstrução da cultura nacional, recomendando que se devore a cultura europeia canônica, mas a absorva com um olhar crítico. O nome se refere ao episódio do Bispo Sardinha, devorado por índios brasileiros antropófagos em 1554 (ANDRADE, 1928).

A determinação da centralidade do cânone e da natureza periférica de uma obra no sistema literário é reflexo da patronagem ou mecenato, conceito proposto por André Lefevere (2007 [1992]). Uma obra literária resulta de um ajuste entre as intenções do autor e o contexto de publicação (SILVA, 2015), sendo que o próprio gênero folhetim já carrega uma força poetológica em sua gênese, conforme discutido previamente. A influência "exercida pelos poderes de pessoas ou instituições que auxiliam ou impedem a escrita, leitura ou reescrita da literatura" caracteriza a patronagem (FERREIRA, 2004, p.131).

Lefevere (2007 [1992]) afirma que há dois mecanismos de controle na tradução, que se correlacionam: um mecanismo interno e outro, externo. O controle externo é o exercido pela patronagem de pessoas ou instituições, como editoras, organizações sociais ou religiosas e sistemas de governo, que selecionam o que deve ou não ser produzido e traduzido no sistema literário. Sujeito a esse controle está o mecanismo de controle interno, representado pelos críticos, tradutores, revisores e demais membros internos ao sistema literário (LEFEVERE, 2007 [1992]). Assim, o tradutor "existe na situação de interdependência do original, da patronagem e de uma ideologia" (FERREIRA, 2004).

Lefevere (2007 [1992]) observa que os profissionais responsáveis pelo controle interno "irão ocasionalmente reprimir certas obras literárias que sejam muito flagrantemente opostas ao conceito dominante do que a literatura deve (ser permitida a) ser – sua poética – e do que a sociedade deve (ser permitida a) ser – sua ideologia." (LEFEVERE, 2007 [1992], p.2). Assim sendo, argumentamos que o folhetim por si só tem características próprias que constituem sua força poetológica, que ditam, de certa forma, algumas regras para os autores nela se enquadrarem. Além disso, existem forças ideológicas que caracterizam o que a sociedade pensa e se permite ser, que também atuam sobre o processo de escrita e de reescrita/tradução, cada uma a seu tempo, permitindo que uma mesma obra – ainda que pertencente ao cânone – seja lida e traduzida de formas diferentes conforme o contexto social e cultural da época (LEFEVERE, 2007 [1992]).

O ponto de vista de Machado de Assis associa as visões de Even-Zohar (2000) e Lefevere (2007 [1992]) ao relacionar a tradução e a tradição cultural, o sistema literário nacional e seu papel na formação, tanto da tradição literária brasileira, quanto do perfil do seu leitor (FERREIRA, 2004). Ademais, a organização

editorial procura ditar as normas de produção, com um público-alvo e a distribuição em mente.

Tanto a obra de Dickens quanto a tradução de Machado foram inicialmente publicadas em formato de folhetim, conforme já discutido, em jornais de ampla circulação, o que certamente exerce influência na escolha da obra e do público à qual se destina. Não é clara qual a força dessa influência na escrita de Dickens; porém, parece haver uma liberdade na escolha de um tema especialmente sensível e de denúncia de situações sociais degradantes nas oficinas de trabalho e, de outra parte, uma tendência à moralidade, em que o Bem prevalece sobre o Mal, na figura do pequeno Oliver (CAMELO, 2013).

No que tange à obra traduzida no século XIX, é importante salientar que a tradução de Machado foi interrompida ao término do 28º capítulo através da seguinte carta endereçada ao editor do Jornal da Tarde:

> [Rio de Janeiro, 14 jun. 1870.]
> Exmo. Sr.
> Era resolução minha, de acordo com o recado que de V. Ex.a recebi, por intermédio de nosso comum amigo o Dr. França, esperar a chegada do Sr. Oliveira para nos entendermos todos três a respeito do trabalho que faço para o Jornal da Tarde como tradutor do folhetim. Nisto atendia eu à consideração devida para com os dignos proprietários do Jornal da Tarde.
> Sobreveio porém uma circunstância que me obriga a modificar aquela resolução, e a dizer a V. Ex.a que não posso continuar a traduzir o folhetim como até agora fazia. Não querendo pôr embaraços ao Jornal da tarde, continuarei a tradução até sábado 18. Não me demorarei em dizer a V. Ex.a, com que pesar sou obrigado o interromper este trabalho que eu fazia com maior vontade que aptidão; temo que se possa confundir um sentimento verdadeiro com uma fórmula de ocasião.
> Qualquer que seja porém este meu pesar, não pode influir nas circunstâncias que me determinam. Considere-me V. Ex.a, como sempre.
> Af.o am.o e obr.o cr.o
> MACHADO DE ASSIS (UFSC, 2019, s/p).

Ainda que se saiba que os proprietários do Jornal da Tarde em 1870 eram Ângelo Thomaz do Amaral e Eduardo Augusto de Oliveira (BIBLIOTECA NACIONAL, 1981), a carta não menciona destinatários. No entanto, pode-se inferir

que seja destinada a Ãngelo Amaral, pois menciona “a chegada do Sr. Oliveira”, outro proprietário do jornal. Não foram encontradas outras referências que pudessem esclarecer os motivos para tal desistência.

É possível argumentar que o motivo esteja relacionado à patronagem, ou seja, a uma insatisfação com o meio de publicação em folhetim no *Jornal da Tarde*, que demandava uma tradução ágil e constante, assim como uma subserviência aos editores do jornal, que era uma situação criticada por Machado em traduções de peças teatrais. Além disso, Maciel (2007) comenta sobre a possibilidade de o afastamento de Machado do referido processo tradutório estar relacionado à sua promoção ao cargo de primeiro oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Entretanto, como essa promoção só se deu em dezembro de 1873, não está bem estabelecida sua relação com a desistência de traduzir para o *Jornal da Tarde*.

No que diz respeito à obra traduzida no século XXI, a tradução de Sônia Augusto, contratada pela Editora Manole, tem o percurso mais bem delineado. Em entrevista concedida por *e-mail* a esta autora (AUGUSTO, 2019), a tradutora informa que a escolha da obra traduzida foi da editora, partindo do princípio de que era uma preferência da tradutora voltar a trabalhar com ficção nesta editora (Anexo I).

Em consonância com o que foi apresentado anteriormente, iremos argumentar que a tradução de Machado de Assis apresenta características domesticadoras e a tradução de Sônia Augusto, tendência estrangeirizadora. Esses conceitos foram propostos por Lawrence Venuti (2008 [1995]) a partir da concepção de Schleiermacher sobre o tema, em 1813. Uma tradução estrangeirizadora, sob o prisma de Venuti, consiste na busca pela permanência das diferenças linguístico-culturais que caracterizam o texto de partida, que causa um estranhamento no leitor do texto de chegada, o que é defendido pelo autor. Esse estranhamento evidencia as diferenças linguísticas e culturais, ou o *lócus* da diferença, no qual se situa o texto traduzido (VENUTI, 2007 [1992]). Como alternativa, a tradução domesticadora envolve, por parte do tradutor, uma adaptação do texto de partida ao contexto cultural do texto de chegada, contribuindo para a invisibilidade do tradutor. A invisibilidade se caracteriza pela aparência de que o texto teria sido escrito na própria língua de chegada (VENUTI, 2007 [1992]). O autor destaca, ainda, que não existe uma dicotomia entre os dois tipos de tradução. Poder-se-ia afirmar, diante

disso, que existiria um *continuum* entre os dois extremos e que as traduções poderiam se situar em qualquer ponto nessa linha contínua.

Augusto (2019) afirma que a recomendação inicial da editora Manole foi de que a tradução deveria ser o mais fiel possível ao original, mantendo-se compreensível para o público leitor atual, que se situa em outro momento sociocultural e literário com relação ao texto original de Dickens (Anexo I). Observa-se, mais uma vez, nessa situação, que a patronagem teve papel primordial na escolha das estratégias tradutórias da edição mais recente analisada.

Por outro lado, Ferreira (2004) sustenta que Machado se posicionava na periferia em relação aos centros hegemônicos, permitindo-se situar em um espaço fronteiriço que lhe permitia "importar ideias, ruminá-las, degluti-las, traduzi-las e construir seus próprios textos, que são, ao mesmo tempo, nacionais e universais" (FERREIRA, 2004, p. 49). A domesticação, para ele, era, portanto, recomendável, sendo a única maneira de se permitir fazer uma literatura local e global simultaneamente.

Heloísa Gonçalves Barbosa (1990) apresentou os procedimentos técnicos de tradução sob diversas classificações, como as de Vinay e Darbelnet, Nida, Catford, Vázquez-Ayora e Newmark, para, sem seguida, dissertar sobre sua própria proposta. A divisão de procedimentos técnicos de tradução da autora é importante colaboração para os Estudos da Tradução. Contudo, sua principal contribuição é o agrupamento dos referidos procedimentos em eixos de maior ou menor divergência do texto traduzido com relação ao texto fonte. Tais contribuições são pormenorizadas na seção 4.1 do quarto capítulo, acompanhadas da análise dos excertos sob o prisma da autora.

Antoine Berman (2007 [1985]) verificou que a tradução hegemônica é etnocêntrica, ou seja, aproxima o texto de partida da língua e da cultura de chegada, tornando-o mais domesticado. Essa aproximação leva o texto traduzido a ser escrito segundo modelos já existentes na cultura de chegada, o que caracteriza a tradução hipertextual. Esse autor, portanto, condena a domesticação, que ele denomina etnocentrismo, e propõe que a melhor maneira de traduzir seja albergando o longínquo, ou seja, aceitando as diferenças e as estranhezas da língua de partida (BERMAN, 2007 [1985]). Para tal, Berman recomenda que a tradução procure manter a letra, evitando sua deformação. Os conceitos de manutenção e

deformação da letra serão detalhados na seção 4.2 do quarto capítulo, em que é apresentada a análise da obra sob a perspectiva desse autor.

2.2 Síntese do capítulo

No segundo capítulo, foram apresentadas as teorias da tradução que embasam a escrita deste trabalho. Iniciamos pela caracterização da Teoria dos Polissistemas, de Even-Zohar (2000), que descreve a cultura como um polissistema que detém outros sistemas diferentes, como a literatura, a história e a religião. Todos os sistemas se interligam e interinfluenciam. A influência pode caracterizar a patronagem, que é um mecanismo de controle externo e interno daquilo que é escrito e cuja existência foi formulada por André Lefevere em (2007 [1992]).

Ademais, o capítulo introduziu os conceitos de domesticação e estrangeirização de Venuti (2008 [1995]), que estão, de certa forma, ligados à ideia de etnocentrismo e de deformação da letra de Berman (2007 [1985]) e abarcam a ideia que afeta a obra como um todo.

Na análise que se segue, serão avaliados os procedimentos tradutórios selecionados pelos tradutores à luz da sistematização proposta por Heloísa Gonçalves Barbosa (1990). Posteriormente avaliaremos como os procedimentos anteriormente citados influenciaram com efeitos de sentido na manutenção ou na deformação da letra (BERMAN, 2007 [1985]), demonstraremos quais tendências de deformação da letra foram mais prevalentes em cada uma das traduções para, em seguida, verificar se alguma delas se direcionou mais para o etnocentrismo ou para o etnodesvio.

3 METODOLOGIA

3.1 Apresentação da metodologia de pesquisa

Como já informado anteriormente, este trabalho tem como objetivos a identificação e a análise de procedimentos tradutórios presentes em duas traduções de *Oliver Twist*, de Charles Dickens. Além disso, tem como objetivos específicos analisar o perfil tradutório de cada uma delas face ao número e tipo de procedimentos técnicos adotados por um e outra; avaliar tendências domesticadoras ou estrangeirizadoras em uma e outra traduções, assim como de deformações da letra; sinalizar a presença ou não de aspectos relacionados à patronagem na escolha da obra e dos tradutores e verificar se a tradução indireta influenciou na escolha dos tradutores.

Retomando, as hipóteses levantadas nesta pesquisa compreendem:

c) a tradução de Machado de Assis teria mais características domesticadoras (VENUTI, 2008 [1995]) e de deformação da letra (BERMAN, 2008 [1985]), por se tratar de tradutor-autor que pode ou não escrever em seu próprio estilo, refletindo características estéticas e ideológicas de sua época;

d) a tradução de Sônia Augusto teria tendência estrangeirizadora (VENUTI, 2008 [1995]), mais próxima à manutenção da letra (BERMAN, 2008 [1985]), devido ao fato de ser tradutora profissional e se situar em uma determinada rede de patronagem.

Para que possamos verificar as hipóteses formuladas, a metodologia utilizada na referida análise será o método misto (CUNHA LACERDA, 2016), sendo que a abordagem quantitativa será usada na verificação e na comparação do número de procedimentos técnicos de tradução presentes em ambas as traduções, enquanto a abordagem qualitativa se deterá na relação do tipo de procedimento ou tendência com a formação e o ofício exercido pelos tradutores.

Ao abordar o método misto, Cunha Lacerda (2016) apresenta a metodologia qualitativa como sendo aquela que aborda o objeto e seu contexto em profundidade e o pesquisador parte da observação para o estabelecimento de conceitos. Por outro lado, a autora afirma que a quantificação por vezes é necessária para que se possa observar os dados com menos distorção de análise e interpretação. Desse modo, o

método quantitativo se pauta em análises estatísticas para obtenção e análise de dados.

Por sua vez, os métodos mistos envolvem procedimento de coleta, análise e combinação de técnicas quantitativas e qualitativas em uma mesma pesquisa. A justificativa para o seu emprego é que, na abordagem multimétodo, a interação entre eles fornece melhores possibilidades analíticas (PARANHOS, 2016). Neste trabalho, acreditamos que aliar a análise qualitativa à quantitativa pode fornecer evidências empíricas das tendências tradutórias das obras analisadas.

A coleta de dados foi feita através da seleção dos excertos e sua divisão em unidades tradutórias. Os excertos foram escolhidos por constituírem o primeiro parágrafo de cada um dos dez primeiros capítulos do original, da tradução de Machado de Assis e da tradução de Sônia Augusto, totalizando 30 dados de análise. Quando houve divergência na divisão de parágrafos, por escolha de um ou outro tradutor, prevaleceu a divisão de parágrafos do original.

Após a seleção dos excertos, estes foram separados em unidades tradutórias, para serem analisados segundo o aporte teórico de Barbosa (1990). A divisão em unidades tradutórias foi realizada seguindo o conceito de Fábio Alves (2000), quando este autor afirma que

> Unidade de tradução é um segmento do texto de partida, independente de tamanho e forma específicos para o qual, em um dado momento, se dirige o foco de atenção do tradutor. Trata-se de um segmento em constante transformação, que se modifica segundo as necessidades cognitivas e processuais do tradutor. (ALVES, 2000, p.38)

Alves (2000) propõe, portanto, a unidade tradutória como algo flexível, dependente do conhecimento e do entendimento do tradutor, do tipo e gênero do texto e do público-alvo, não estando restrita a estruturas sintáticas, nem portando uma definição de tamanho mínimo ou máximo. Neste trabalho, foi importante o entendimento de que a unidade deveria fazer sentido como um todo, não importando exclusivamente as divisões sintáticas, que, muitas vezes, são diferentes em uma e outra língua.

3.2 Síntese do capítulo

Neste capítulo, foi relatada a metodologia empregada neste trabalho, incluindo o conceito de método misto, definição esta que inclui a metodologia quantitativa e a qualitativa sendo usadas em conjunto na mesma pesquisa. Além disso, foram definidos os critérios de inclusão dos excertos das obras estudadas e o entendimento sobre a divisão em unidades tradutórias seguindo a proposta de Alves (2000).

Na próxima etapa, discorreremos sobre a análise do trabalho propriamente dita, incluindo a averiguação do emprego de procedimentos técnicos de tradução conforme preconizado por Barbosa (1990) e quais impactos sua utilização teve sobre a tendência da obra como um todo. Seguir-se-á a avaliação da presença de tendências deformadoras da letra segundo Berman (2007 [1985]) e como as tendências repercutiram sobre o aspecto geral da obra, no sentido de ter havido propensão à domesticação ou à estrangeirização nas traduções.

4 ANÁLISE

Este capítulo discorre acerca do aporte teórico efetivamente utilizado para a análise dos excertos, assim como expõe os dados e as conclusões das análises realizadas.

4.1 Analítica segundo Heloísa Gonçalves Barbosa

Esta seção apresenta a primeira autora que serviu de aporte teórico para esta análise, Heloísa Barbosa, e a análise dos excertos sob o prisma de sua contribuição para os Estudos da Tradução.

4.1.1 Aporte teórico

Heloísa Gonçalves Barbosa é tradutora graduada em Letras, com mestrado e doutorado na área. Foi professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde desenvolveu atividades de ensino, pesquisa e extensão na área de Tradução, em especial os temas de Estudos da Tradução, literatura comparada e formação de tradutores, além de ter estado envolvida na temática de atuação do tradutor no mercado de trabalho[8].

Em 1990, Barbosa escreveu o livro “Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta”. No capítulo 2 dessa obra, a autora elabora um panorama dos modelos e procedimentos técnicos de tradução previamente propostos por Vinay e Darbelnet, Nida, Catford, Vázquez-Ayora, finalizando com Newmark, explicando-os e justificando os motivos pelos quais, para ela, os modelos não englobavam os procedimentos técnicos em sua plenitude. Segundo a autora, haveria necessidade de sistematizar e reagrupar os referidos procedimentos para facilitar o reconhecimento e uniformizar a nomenclatura.

No capítulo seguinte, apresenta-se a proposta de caracterização dos procedimentos técnicos de tradução (BARBOSA, 1990). Sumariamente, pode-se descrevê-los da seguinte forma:

[8] Informações obtidas do currículo lattes da referida pesquisadora. Disponível em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do;jsessionid=3FBC3F7803BC2F7AA412DA40D0CFEFBA.jb_buscacv_247>. Acesso em 02 jun. 2018.

Na *tradução palavra-por-palavra* um segmento do texto em língua de partida é expresso em língua de chegada com a manutenção da morfossintaxe, exatamente na mesma ordem e com vocábulos com semântica idêntica. Diferencia-se da *tradução literal*, pois nessa mantém-se a fidelidade semântica, mas adéqua-se a morfossintaxe à língua de chegada.

O procedimento referido como *transposição* representa uma mudança da categoria gramatical dos elementos traduzidos, enquanto a *modulação* reproduz a mesma mensagem, mas com ponto de vista diverso, representando muitas vezes diferenças no modo como as línguas interpretam o real.

Já na *equivalência*, a substituição do texto em língua de partida é feita por outro em língua de chegada que não o traduz literalmente, mas mantém uma equivalência funcional e engloba equivalências culturais, funcionais e descritivas.

Procedimentos relacionados entre si, a *omissão* e a *explicitação* se antagonizam. Omitem-se elementos na língua de chegada quando eles são desnecessários sintaticamente ou excessivamente repetitivos. Por outro lado, a explicitação é o procedimento inverso da omissão: acrescentam-se elementos na língua de chegada por motivos gramaticais.

A *compensação* consiste em reproduzir efeito de estilo perdido em algum ponto do texto em outro ponto, para obter efeito equivalente na língua de chegada; na *reconstrução de períodos* redividem-se ou reagrupam-se períodos e orações na passagem da língua original para a língua de chegada e as *melhorias* são correções de erros presentes no texto original quando de sua tradução.

Há procedimentos em que a tradução se aproxima da língua original. No primeiro deles, a *transferência*, introduz-se material textual da língua original no texto traduzido. Pode ter as seguintes formas: (a) *estrangeirismo*: insere-se termo em língua estrangeira no texto da língua de chegada; (b) *transliteração*: é feita substituição gráfica de letras de línguas com alfabetos diferentes; (c) *aclimatação*: é feita adaptação dos empréstimos à língua de chegada. É um processo que pode ocorrer naturalmente com o uso; porém, pode ser realizado como procedimento tradutório por opção do tradutor e (d) *transferência com explicação*: quando o tradutor considerar que o leitor pode ter dificuldade em entender o termo transferido, pode acrescentar explicações diluídas no texto ou como notas de rodapé ou glossário.

Outros procedimentos que se assemelham na proximidade com a língua original são a *explicação*, que é a substituição do estrangeirismo por sua explicação somente e o *decalque,* que é a tradução literal de sintagma ou tipo frasal da língua de partida para língua de chegada.

Por último, temos a *adaptação*, considerada por Barbosa (1990) “o limite extremo da tradução” (BARBOSA, 1990, p. 76). Nela ocorre a recriação de uma situação na língua de origem que não existe no sistema linguístico-cultural de chegada como outra equivalente no texto traduzido.

Além de utilizarmos os procedimentos previstos por Barbosa (1990), detectamos a ocorrência de procedimentos não previstos, como apagamentos e acréscimos sem demanda sintática da língua de chegada e opções literárias alternativas, na maioria das vezes com manutenção do sentido. Estes procedimentos foram identificados com as siglas PNP1 (acréscimo de itens lexicais e expressões) e PNP2 (apagamento de itens lexicais e expressões) (ALMEIDA, 1992) e PNP3 (opção literária) e PNP4 (PEREIRA, 2014)

Por fim, Barbosa (1990) organiza os procedimentos em quatro eixos, que variam da maior proximidade entre as línguas de partida e de chegada até a maior distância entre elas. Os eixos são:

- Convergência do sistema linguístico, estilo e realidade extralinguística: tradução palavra-por-palavra, tradução literal.
- Divergência do sistema linguístico: transposição, modulação, equivalência.
- Divergência do sistema de estilo: omissão e explicitação, compensação, reconstrução de períodos e melhorias.
- Divergência da realidade extralinguística: transferência, explicação, decalque e adaptação.

Passaremos, agora, à análise quantitativa propriamente dita, que servirá de suporte às etapas posteriores da análise.

4.1.2 Excertos analisados

Para iniciarmos a análise comparativa dos excertos, dividimos os mesmos em unidades de tradução representadas por barras (/) no texto original e, em seguida,

inserimos a sigla correspondente ao procedimento encontrado, conforme o Quadro 1 abaixo, idealizada por Almeida (1992).

Quadro 1 – Siglas utilizadas para aos procedimentos técnicos da tradução

Sigla	Significado
PP	Tradução palavra-por-palavra
L	Tradução literal
Tr	Transposição
Mod	Modulação
Eq	Equivalência
Om	Omissão
Ext	Explicitação
Com	Compensação
RP	Reconstrução de períodos
Mel	Melhorias
Test	Transferência – Estrangeirismo
Ttr	Transferência – Transliteração
TAcl	Transferência – Aclimatação
TcEXc	Transferência com explicação
Exc	Explicação
Dec	Decalque
Ad	Adaptação
PNP	Procedimento não previsto

Fonte: ALMEIDA, 1992.

Ressaltamos que pode haver mais de um procedimento na mesma unidade de tradução. A título de ilustração dos procedimentos anteriormente citados, temos um trecho do excerto do capítulo 2, na tradução de Machado de Assis, representado no Quadro 2.

Quadro 2 – Trecho dos excertos do capítulo 2, original e tradução de Machado de Assis.

The parish authorities inquired with dignity of the workhouse authorities/, whether there was no female the domiciled in ’the house’/ who was in a situation to impart to Oliver Twist the consolation and nourishment of which he stood in need/. The workhouse authorities replied with humility that there was not/. Upon this, the parish	As autoridades da paróquia perguntaram com dignidade às autoridades do asilo [L] se não havia alguma mulher, residente no estabelecimento [L], que pudesse dar a Oliver Twist a consolação e o alimento de que ele carecia [Eq][L]. As autoridades do asilo responderam humildemente [Tr] que não havia [L]; à

authorities magnanimously and humanely resolved/, that Oliver should be ‘farmed’, or, in other words, that he should be despatched to a branch-workhouse/ some three miles off/, where twenty or thirty other juvenile offenders against the poor-laws/ rolled about the floor all day/, without the inconvenience of too much food, or too much clothing/, under the parental superintendence of an elderly female/ who receive the culprits at and for the consideration/ of sevenpence-halfpenny per small head per week/. (DICKENS, 2003 [1837-8], p. 6)	vista do quê [Eq], as autoridades da paróquia tiveram a humanidade [Tr] e a magnanimidade [Tr][L] de ordenar que Oliver fosse [PNP2] mandado para uma casa dependente do asilo [L], situada a [PNP1] três milhas de distância [L], onde uns vinte ou trinta [PNP2] infratores da lei dos pobres [L] passavam o dia a rolar pelo chão [Eq][L] sem [Om] medo [PNP3] de comer [Tr] muito nem andar agasalhados demais [Eq][L]. [PNP2] Tratava deles uma velha [Mod][L] que recebia os delinquentes à razão [PNP2][L] de três tostões [Ad] por semana e por [PNP2] cabeça [L]. (DICKENS, 2013 [2002], p.33)

Fonte: elaborado pela autora.

Observa-se a ocorrência de trechos de tradução literal, equivalência, transposição, omissão, adaptação, além de procedimentos não padronizados. Podemos inferir inicialmente, a partir destes achados, que Machado utilizou mais procedimentos divergentes com relação ao texto-fonte. Contudo, uma consideração mais aprofundada será realizada na próxima subseção, 4.1.3 Análise comparativa. O mesmo trecho, traduzido por Sônia Augusto, apresenta-se como no Quadro 3.

Quadro 3 – Trecho dos excertos do capítulo 2, original e tradução de Sônia Augusto.

The parish authorities inquired with dignity of the workhouse authorities/, whether there was no female the domiciled in ’the house’/ who was in a situation to impart to Oliver Twist the consolation and nourishment of which he stood in need/. The workhouse	As autoridades da paróquia perguntaram com dignidade às autoridades do abrigo [L] se não [Exp][Om] havia nenhuma mulher morando na “casa” [L] que estivesse em [Om] situação de dar a Oliver Twist o consolo e o alimento de [Exp] que ele estava necessitado [L]. As

authorities replied with humility that there was not/. Upon this, the parish authorities magnanimously and humanely resolved/, that Oliver should be ‘farmed’, or, in other words, that he should be despatched to a branch-workhouse/ some three miles off/, where twenty or thirty other juvenile offenders against the poor-laws/ rolled about the floor all day/, without the inconvenience of too much food, or too much clothing/, under the parental superintendence of an elderly female/ who receive the culprits at and for the consideration/ of sevenpence-halfpenny per small head per week/. (DICKENS, 2003 [1837-8], p. 6)	autoridades do abrigo responderam com humildade que não havia [L]. Sendo assim, as autoridades da paróquia, magnânima e compassivamente, resolveram [L] que Oliver deveria ser “cultivado” ou, em outras palavras, que ele deveria ser despachado para uma sucursal do abrigo [L] a cerca de cinco quilômetros dali [L][Ad], onde vinte ou trinta outros delinquentes juvenis dependentes do auxílio público [L][Eq] rolavam no chão o dia inteiro [L], sem a inconveniência de [Om] comida ou roupa em demasia [L], sob a supervisão materna de uma mulher idosa [L] que recebia os culpados pela – e em razão da – [Eq] importância [L] de sete pence e meio por pequena cabeça toda semana. (DICKENS, 2017, p. 26)

Fonte: elaborado pela autora.

Os fragmentos mostrados acima retratam procedimentos utilizados pela segunda tradutora, como tradução literal, equivalência, adaptação, explicitação e omissão; entretanto, não se verifica a ocorrência de procedimentos não previstos. Podemos depreender a partir do quadro 3 que Sônia Augusto dispôs de procedimentos que aproximam o texto traduzido do texto fonte. Outras reflexões desta autora sobre os dados encontrados serão apresentadas na subseção seguinte, 4.1.3 Análise comparativa.

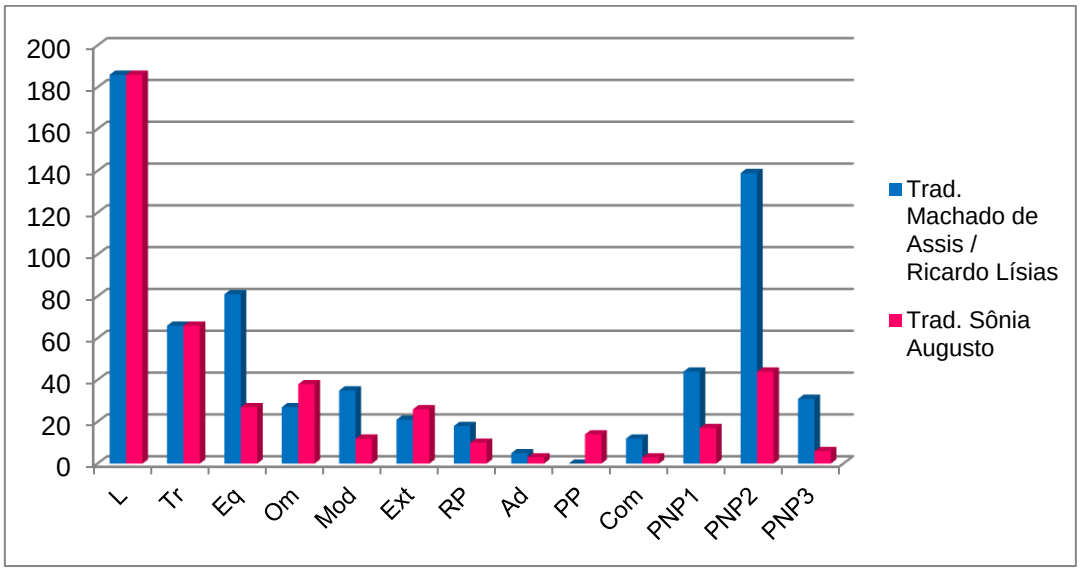
Os excertos na íntegra se encontram nos anexos desta pesquisa. O Anexo II traz os excertos do texto original, o Anexo III, os excertos da tradução de Machado de Assis e o Anexo IV, os excertos da tradução de Sônia Augusto.

Na seção seguinte, apresentaremos a análise quantitativa e qualitativa dos procedimentos encontrados.

4.1.3 Análise comparativa

Para analisar comparativamente as duas traduções, confeccionamos o gráfico abaixo com a representação do número de procedimentos de cada modalidade encontrado em cada tradução, conforme a Tabela 1 já citada. Os procedimentos da tabela não representados no gráfico não foram encontrados em quaisquer das traduções.

Gráfico 1 – Procedimentos identificados em cada tradução

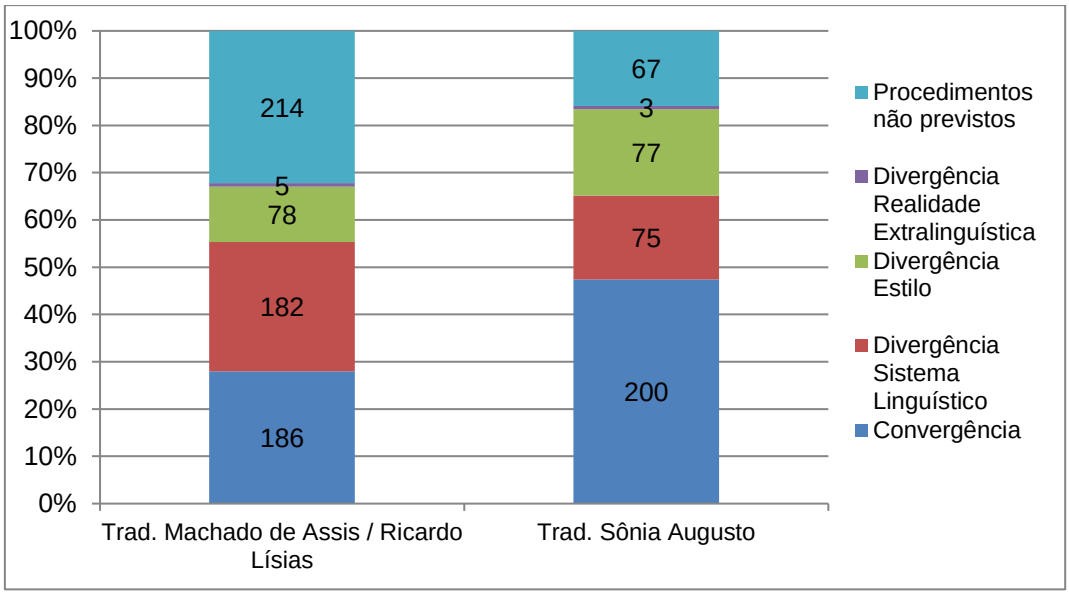


Fonte: elaborado pela autora.

A partir da figura acima, podemos perceber que a tradução de Machado de Assis utilizou, em números absolutos, mais procedimentos técnicos de tradução previstos por Barbosa (1990), assim como os procedimentos não previstos. No entanto, importa-nos também saber em quais eixos se encaixam os procedimentos utilizados em cada tradução, para fins de detectarmos indícios de aproximação do texto de chegada com a língua-fonte ou com a língua-alvo.

Sendo assim, temos o Gráfico 2 que se segue:

Gráfico 2 – Procedimentos utilizados agrupados por eixo e procedimentos não previstos.



Fonte: elaborado pela autora.

A partir do Gráfico 2, podemos destacar que os procedimentos que estão contidos no eixo que demonstra convergência em relação a sistema linguístico, estilo e realidade extralinguística foram predominantes na tradução de Sônia Augusto.

Por outro lado, a tradução de Machado de Assis e Ricardo Lísias apresenta mais liberdade na escolha de termos traduzidos, evidenciada pela predominância de procedimentos não previstos por Barbosa e na menor incidência de procedimentos de convergência. No Gráfico 1, vemos ainda que essa tradução não utilizou nenhuma vez a tradução palavra-por-palavra, que é a mais próxima da tradução semântica.

Kitis (2009) nos apresenta a dicotomia entre tradução comunicativa e tradução semântica e as conceitua como sendo a tradução semântica mais ligada às estruturas lexicais, frasais e sentenciais do texto, enfatizando o nível lexical e sua semântica. Em contrapartida, a autora delimita a tradução comunicativa como aquela que está direcionada à função do texto e à transmissão do efeito que o texto causa no leitor do texto original para o leitor do texto traduzido.

As traduções que se nos apresentaram não estão plenamente localizadas em um polo ou outro dessa dicotomia. Todavia, podemos facilmente perceber que a tradução realizada por uma tradutora profissional, que não é escritora – tende a ser

mais fiel do ponto de vista semântico, tendo se pautado em uma maior proximidade semântica com o texto original.

A tradução de Machado de Assis, conforme nossa hipótese, é mais livre, mantendo o estilo irônico de Charles Dickens e compensando muitas vezes o apagamento de estruturas com acréscimos livres, sempre com a transmissão da mensagem original como devida, porém com nuances semânticas social e historicamente marcadas, como veremos mais adiante neste trabalho.

Ainda assim, o tradutor adaptou nomes, medidas e moedas para a língua portuguesa e a realidade brasileira da época. É possível, ainda, argumentar que o fato de essa tradução ter sido apresentada inicialmente em formato de folhetim em um jornal impresso de ampla circulação pode ter influenciado as escolhas de Machado. Em sua tradução, até mesmo o título da obra e o nome de seu autor foram traduzidos, como pode ser visto na reprodução da página do Jornal da Tarde de 23 de abril de 1870, quando foi iniciada a publicação de Oliver Twist com o nome de “Oliveiro Twist”, de “Carlos Dickens”, como visto na figura 4.

Figura 4 – Primeira página do Jornal da Tarde de 23 de abril de 1870

ANNO I

Rio de Janeiro — Sabbado 23 de Abril de 1870

NUM. 150

JORNAL DA TARDE

Proprietarios ANSELLO THOMAZ DO AMARAL E EDUARDO AUGUSTO DE OLIVEIRA

NOVO FOLHETIM

OLIVEIRO TWIST

GAZETILHA

VARIEDADE

EXTERIOR

FOLHETIM DO JORNAL DA TARDE

OLIVEIRO TWIST

CARLOS DICKENS

Fonte: disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=246875&PagFis=349&Pesq=oliveiro%20twist>. Acesso em: 04 jun. 2018.

4.2 Analítica segundo Antoine Berman

A seção ora apresentada introduz reflexões de Antoine Berman sobre a tradução na forma de treze tendências deformadoras da letra, assim como a análise dos excertos sob o prisma do referido teórico.

4.2.1 Aporte teórico

Antoine Berman (2007 [1985]), em “A Tradução e a Letra ou o albergue do longínquo", critica as teorias tradicionais dominantes de tradução que concebem o ato de traduzir como um embelezamento do sentido. A letra, amálgama entre forma e significado, sofre deformação quando ocorre a tradução palavra-por-palavra. Essa situação é caracterizada pelo autor como sendo etnocêntrica (aproxima a obra original do público leitor de chegada), hipertextual (utiliza modelos já consagrados no sistema literário de chegada) e platônica, e, por esses motivos, não é recomendada.

A deformação da letra, segundo Berman (2007 [1985]), pode ser dividida em 13 tendências, a saber:

1. Racionalização: concerne estruturas sintáticas e pontuação e opera reordenando sequências de frases, o que resulta em uma linearização das arborescências sintáticas e em um pendor à abstração.
2. Clarificação: tendência do texto traduzido de apresentar definição e explicitação onde, no texto original, havia indefinição.
3. Alongamento: o texto traduzido geralmente é mais longo que o texto original. O autor critica o uso do desdobramento vazio durante a tradução, que afeta a rítmica da obra, não havendo base linguística para esse alongamento.
4. Enobrecimento: o texto traduzido apresenta forma mais bela e elegante que seu original.
5. Empobrecimento qualitativo: termos e expressões são substituídos por outros de menor riqueza sonora.

6. Empobrecimento quantitativo: perda da variação lexical. O texto original, por vezes, tem termos em que um significado pode ter múltiplos significantes, que devem ser buscados e reconhecidos.
7. Homogeneização: não reprodução do que é diverso, heterogêneo, tendendo à unificação.
8. Destruição dos ritmos: a prosa, assim como a poesia, apresenta ritmo, que não deve ser quebrado na tradução.
9. Destruição das redes de significantes subjacentes: há palavras que se intercalam e entrelaçam sob a superfície do texto, formando uma rede que deve ser respeitada.
10. Destruição dos sistematismos: uma obra usa determinados tipos de frases e construções que podem ser destruídos, por exemplo, pela racionalização, pela clarificação e pelo alongamento.
11. Destruição ou exotização das redes de linguagens vernaculares: a tradução de uma linguagem vernacular para a outa a exotiza. Apenas as línguas cultas podem entretraduzir-se.
12. Destruição das locuções: as equivalências de uma locução ou provérbio não os substituem, uma vez que existe uma consciência de provérbio que permeia a cultura da língua de partida e outra para a língua de chegada.
13. Apagamento das superposições das línguas: a relação entre a vernacular e a língua culta em uma obra em prosa tende a ser apagada na tradução.

Em uma situação ideal, Berman (2007 [1985]) propõe que haja completa manutenção da letra do texto original, causando um estranhamento ao leitor do texto traduzido, de forma que a leitura o aproxime do autor do original, gerando um texto traduzido em uma perspectiva estrangeirizadora. Contudo, o autor admite que “toda teoria da tradução é a destruição da letra em favor do sentido. Crítica e tradução são os modos fundamentais da destruição das obras” (BERMAN, 2007[1985], p. 62).

Em que pese a obra de Berman ter sido publicada mais de um século após a tradução de Machado de Assis para Oliver Twist, em “A tradução e a letra ou o albergue do longínquo”, o autor se vale de exemplos de traduções realizadas previamente, observando o que hegemonicamente vinha sendo empregado na

época (final do século XX). Já na época da tradução de Sônia Augusto, a área de Estudos da Tradução já estava consolidada, e as diretrizes acerca de como traduzir e que procedimentos evitar ou empregar estavam um pouco mais claras. Assim sendo, podemos supor que se identificarão mais tendências deformadoras na obra traduzida no século XIX que na traduzida no século XXI. A seguir, analisaremos mais detidamente as tendências mais frequentemente detectadas e como seu efeito afetou a obra como um todo.

4.2.2 Análise das traduções

Nem todas as tendências deformadoras da letra descritas por Berman (2007 [1985]) foram observadas nas traduções analisadas. Aquelas que mais se destacaram foram a racionalização, a clarificação, o alongamento e o empobrecimento qualitativo, resultando, em uma das traduções, na destruição das redes de significantes subjacentes e dos sistematismos da obra.

4.2.2.1 Racionalização

Machado de Assis fez livre uso da racionalização, tendência que lança mão da reestruturação de períodos e alterações de pontuação, por vezes mudando até mesmo a divisão de parágrafos da obra. Nos excertos analisados, encontramos noventa exemplos, como os abaixo, mostrados no Quadro 4.

Quadro 4 – Análise do excerto do quinto capítulo com vistas à racionalização (original e tradução de Machado de Assis).

Oliver, being left to himself in the undertaker's shop, set the lamp down on a workman's bench, and gazed timidly about him with a feeling of awe and dread, which many people a good deal older than he will be at no loss to understand. An unfinished coffin on black tressels, which stood in the middle of the shop, looked so gloomy and death-like that a cold tremble came over him, every time his eyes wandered in the direction of the dismal object: from which he almost expected to see some frightful form	Apenas ficou só na loja, Oliver pôs a candeia num banco e deitou um olhar tímido à roda de si, com um sentimento de terror que muita gente de maior idade podia facilmente compreender. Havia no meio da loja um caixão por acabar, e tinha uma aparência tão lúgubre que Oliver estremecia sempre que olhava para ele. Esperava ver surgir dali a cabeça de um espectro horrível cujo aspecto o faria morrer de medo. Ao longo da parede estava uma longa enfiada de tábuas de pinho cortadas

slowly rear its head, to drive him mad with terror. Against the wall were ranged, in regular array, a long row of elm boards cut in the same shape: looking in the dim light, like high-shouldered ghosts with their hands in their breeches pockets. Coffin-plates, elm-chips, bright-headed nails, and shreds of black cloth, lay scattered on the floor; and the wall behind the counter was ornamented with a lively representation of two mutes in very stiff neckcloths, on duty at a large private door, with a hearse drawn by four black steeds, approaching in the distance. (DICKENS, 2003 [1837-8],p. 34)	uniformemente, que pareciam outros tantos espectros de largas espáduas, com as mãos nas algibeiras: placas de metal, argolas, pregos, pedaços de pano preto juncavam o assoalho. Por trás do balcão, na parede, à guisa de adorno, havia dois urubus engravatados e um carro conduzindo um féretro. A loja estava fechada e quente; a atmosfera parecia toda impregnada de um cheiro a defunto; o vão do balcão onde foi posta a cama de Oliver tinha ares de cova. (DICKENS, 2013 [2002], p.60)

Fonte: elaborado pela autora.

Vemos, nesse quadro comparativo, que Machado de Assis altera a divisão de parágrafos: o primeiro parágrafo do original é dividido em quatro na tradução do escritor e mantido em sua unidade na tradução mais recente. Além disso, a pontuação também é modificada e há reordenação de sequências de frases, como no trecho destacado no Quadro 5, parte do excerto acima.

Quadro 5 – Análise de parte do excerto do quinto capítulo com vistas à racionalização da pontuação (original e tradução de Machado de Assis).

An unfinished coffin on black tressels, which stood in the middle of the shop, looked so gloomy and death-like that a cold tremble came over him, […] (DICKENS, 2003 [1837-8],p.34)	Havia no meio da loja um caixão por acabar, e tinha uma aparência tão lúgubre que Oliver estremecia sempre que olhava para ele. (DICKENS, 2013 [2002], p.60)

Fonte: elaborado pela autora.

Da mesma forma, Sônia Augusto também faz escolhas tradutórias que racionalizam o texto, apesar de fazê-lo em uma frequência notadamente inferior a Machado de Assis (apenas 15 ocorrências nos referidos excertos). No quadro que se segue (Quadro 6), são evidenciadas as modificações de ordens de orações e de pontuação, ainda que seja de maneira mais discreta e menos sistemática.

Quadro 6 – Análise de parte do excerto do quinto capítulo com vistas à racionalização da pontuação (original e tradução de Sônia Augusto).

Against the wall were ranged, in regular array, a long row of elm boards cut in the same shape: looking in the dim light, like high-shouldered ghosts with their hands in their breeches pockets. (DICKENS, 2003 [1837-8],p.34)	Uma longa fila de pranchas de olmo, cortadas com o mesmo formato, estavam arrumadas com regularidade contra a parede e, na fraca luz, pareciam fantasmas de ombros largos com as mãos nos bolsos. (DICKENS, 2017, p. 54)

Fonte: elaborado pela autora.

4.2.2.2 Clarificação

Dentre as traduções analisadas, a mais antiga é a que demonstra mais nitidamente a clarificação de informações que não estavam explícitas na obra original (Quadro 7). Na mais recente, esta tendência não é observada nos excertos analisados.

Quadro 7 – Análise do excerto do terceiro capítulo com vistas à clarificação (origina e tradução de Sônia Augusto).

For a week after the commission of the impious and profane offence of asking for more, Oliver remained a close prisoner in the dark and solitary room to which he had been consigned, by the wisdom and mercy of the board. (DICKENS, 2003 [1837-8],p.17)	Depois de haver cometido o crime imperdoável de pedir mais *uma dose de mingau*, Oliver esteve durante oito dias estreitamente encerrado no cárcere, a que o mandara a misericórdia do Conselho de administração. (DICKENS, 2017, p. 46, *grifo nosso*)

Fonte: elaborado pela autora.

No excerto supracitado, o original deixa implícito o que foi que Oliver pediu mais, enquanto a tradução de Machado de Assis explicita que foi uma dose de mingau.

No próximo exemplo (Quadro 8), percebe-se que Machado, além de clarificar, usa palavras e expressões mais socialmente marcados e de prosódia semântica negativa, que enfatizam a condição social de Oliver e a cisão de classes. Argumentamos que isso possa se dever em parte ao contexto histórico e sociocultural do Brasil oitocentista.

Quadro 8 – Análise do excerto do primeiro capítulo com vistas à clarificação e às opções lexicais mencionadas (original e tradução de Machado de Assis).

For a long time after he was ushered into this world of sorrow and trouble, by the parish surgeon, it remained a matter of considerable doubt whether the child would survive to bear any name at all; in which case it is somewhat more than probable that these memoirs would never have appeared, or, if they had, being comprised within a couple of pages, they would have possessed the inestimable merit of being the most concise and faithful specimen of biography extant in the literature of any age and country. (DICKENS, 2003 [1837-8],p.3)	Muito tempo depois de ter o *cirurgião dos pobres da paróquia* introduzido o pequeno Oliver neste vale de lágrimas, ainda se duvidava se a pobre criança viveria ou não; se *sucumbisse*, é mais que provável que estas memórias nunca aparecessem, ou então ocupariam poucas páginas, e deste modo teriam o inapreciável mérito de ser o modelo de biografia mais curioso e exato que nenhum país em nenhuma época jamais produziu. (DICKENS, 2013 [2002], p.29, *grifo nosso*)

Fonte: elaborado pela autora.

Podemos observar no quadro I acima que a explicitação "cirurgião *dos pobres* da paróquia" não é desmotivada, visto que chama atenção para a condição de pobreza de maneira não mencionada no original. Outra escolha que pode levar à inferência de que Machado de Assis empregou termos mais marcados é a opção pela clarificação de "sucumbisse" (no original, "in this case").

Na tradução de Machado de Assis, a clarificação é identificada outras 47 vezes dentro dos excertos selecionados e analisados. A tradução de Sônia Augusto, por outro lado, não apresenta ocorrências de clarificação nos trechos analisados.

4.2.2.3 Alongamento

O texto de Sônia Augusto apresenta tendência ao alongamento em alguns trechos, provavelmente devido a algumas explicitações, o que está de acordo com o observado por Baker (1996). O Quadro 9 demonstra que, enquanto o original tem 189 palavras no trecho analisado, a tradução de Sônia Augusto tem 218. Esta tendência é frequente na tradução do inglês para o português por questões sintáticas, além de ser encontrada também em traduções entre outras línguas, visto que é comum no processo tradutório como um todo (BAKER, 1996).

Quadro 9 – Análise do excerto do quinto capítulo com vistas à racionalização (original, tradução de Machado de Assis e tradução de Sônia Augusto).

Oliver, being left to himself in the undertaker's shop, set the lamp down on a workman's bench, and gazed timidly about him with a feeling of awe and dread, which many people a good deal older than he will be at no loss to understand. An unfinished coffin on black tressels, which stood in the middle of the shop, looked so gloomy and death-like that a cold tremble came over him, every time his eyes wandered in the direction of the dismal object: from which he almost expected to see some frightful form slowly rear its head, to drive him mad with terror. Against the wall were ranged, in regular array, a long row of elm boards cut in the same shape: looking in the dim light, like high-shouldered ghosts with their hands in their breeches pockets. Coffin-plates, elm-chips, bright-headed nails, and shreds of black cloth, lay scattered on the floor; and the wall behind the counter was ornamented with a lively representation of two mutes in very stiff neckcloths, on duty at a large private door, with a hearse drawn by four black steeds, approaching in the distance. (DICKENS, 2003 [1837-8],p. 34)	Apenas ficou só na loja, Oliver pôs a candeia num banco e deitou um olhar tímido à roda de si, com um sentimento de terror que muita gente de maior idade podia facilmente compreender. Havia no meio da loja um caixão por acabar, e tinha uma aparência tão lúgubre que Oliver estremecia sempre que olhava para ele. Esperava ver surgir dali a cabeça de um espectro horrível cujo aspecto o faria morrer de medo. Ao longo da parede estava uma longa enfiada de tábuas de pinho cortadas uniformemente, que pareciam outros tantos espectros de largas espáduas, com as mãos nas algibeiras: placas de metal, argolas, pregos, pedaços de pano preto juncavam o assoalho. Por trás do balcão, na parede, à guisa de adorno, havia dois urubus engravatados e um carro conduzindo um féretro. A loja estava fechada e quente; a atmosfera parecia toda impregnada de um cheiro a defunto; o vão do balcão onde foi posta a cama de Oliver tinha ares de cova. (DICKENS, 2013 [2002], p.60)	Oliver, tendo sido deixado sozinho na loja do agente funerário, colocou o lampião em uma bancada de trabalho e olhou timidamente a seu redor com um sentimento de assombro e terror que muitas pessoas bem mais velhas que ele não teriam dificuldade de entender. Um caixão inacabado em cima de cavaletes negros, que estava no meio da loja, tinha uma aparência tão sombria e mortal que um calafrio percorria seu corpo toda vez que seus olhos perambulavam na direção do sinistro objeto. Do qual ele quase esperava ver um espectro assustador levantar lentamente a cabeça e enlouquecê-lo de terror. Uma longa fila de pranchas de olmo, cortadas com o mesmo formato, estavam arrumadas com regularidade contra a parede e, na fraca luz, pareciam fantasmas de ombros largos com as mãos nos bolsos. Espalhados pelo chão, havia placas para caixões, pedaços de madeira, pregos com cabeças brilhantes e retalhos de tecido preto, e a parede atrás do balcão estava ornamentada com um quadro que retratava dois carpidores engravatados trabalhando em uma grande casa particular e

		um carro fúnebre puxado por quatro corcéis negros aproximando-se à distância. A loja estava fechada e quente. A atmosfera parecia pesada com o cheiro dos caixões. O espaço embaixo do balcão no qual seu colchão de flocos de lã estava jogado parecia um túmulo. (DICKENS, 2017, p. 54)

Fonte: elaborado pela autora.

Entretanto, quando consideramos o texto como um todo, além dos trechos selecionados para este trabalho, vemos que o alongamento não é uma tendência que predomina na tradução de Sônia Augusto, uma vez que seu texto apresenta, no total, 153.750 palavras (sem levar em conta os paratextos) e o original, 157.888, substanciando a concepção de que Charles Dickens produz um texto amplamente descritivo e detalhado.

Cumpre-nos observar que a tradução de Machado de Assis, que no trecho acima apresenta 165 palavras, não apresenta tendência ao alongamento, o que não é esperado para o texto traduzido. No total, o texto de Machado de Assis apresenta 107.430 palavras. Portanto, ao contrário da tendência ao alongamento, em diversos trechos há supressão de termos e segmentos relativos à descrição de ações, lugares e personagens, com substituição por estruturas mais concisas, além de empobrecimento qualitativo, que será detalhado a seguir.

4.2.2.4 Empobrecimento qualitativo

Por vezes, Machado de Assis optou por termos mais coloquiais do Português brasileiro em sua tradução. Admitimos que essas escolhas lexicais possam estar ligadas ao veículo de publicação e seu público-alvo – o folhetim era direcionado, provavelmente, à classe média letrada (TORNQUIST, 2008). Machado tinha por convicção o desejo de abrasileirar as traduções com duas finalidades: a primeira sendo a aproximação do autor com o público receptor especificamente no Brasil; a

segunda, o impacto que tal postura teria na formação do sistema literário brasileiro, incipiente à época (TORNQUIST, 2008).

Um bom exemplo desse posicionamento literário e tradutório é o uso do termo “urubu” como alternativa para “agente funerário”, como no trecho apresentado no Quadro 10.

Quadro 10 – Excerto do capítulo 6

As Oliver accompanied his master in most of his adult expeditions too/, in order that he might acquire that equanimity of demeanour and full command of nerve/ which was essential to a finished undertaker […] (DICKENS, 2003 [1837-8],p. 45)	Oliver acompanhou também o patrão aos enterros de adultos para adquirir a impassibilidade e a insensibilidade necessárias a um *urubu* consumado. (DICKENS, 2013 [2002], p.72)	Ao acompanhar seu tutor também na maioria dos enterros de adultos, a fim de que pudesse obter aquela aparência de equanimidade e pleno controle dos nervos, que é essencial a um bom *agente funerário* [...] (DICKENS, 2017, p. 65, *grifo nosso*)

Fonte: elaborado pela autora.

No final do século XIX, os dicionários de língua portuguesa, em sua maioria, eram escritos em Portugal. A obra de Almeida e Lacerda – *Diccionário Encyclopédico ou Novo Diccionário da Língua Portuguêza*, publicado pelo Escriptório de Francisco Arthur da Silva, em Lisboa, em 1868 – não traz “agente funerário” como significado dicionarizado de “urubu”, como mostra o quadro 11.

Quadro 11 – Verbete “urubú” no dicionário de Almeida e Lacerda (1868)

URUBÚ, *s.m.* (t. brazil.) corvo grande que tem a cabeça pellada. **URUBÚ**, (geogr.) rio da província do Pará na Guyana brasileira; tinha ao principio o nome da tribu Barururu, que os portugueses abreviaram mudando-o no de Urubu. **URUBÚ**, (geogr.) villa da provincia da Bahia, no Brazil, na comarca de seu nome: -, aldeia da provincia do Maranhão, na margem esquerda do Itapicuru, na comarca de Caxias (ALMEIDA; LACERDA, 1868, p. 994).

Fonte: elaborado pela autora.

Entretanto, o Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa (GEIGER, 2011), de 2011, traz no verbete “urubu” as definições mostradas no Quadro 12

Quadro 12 – Verbete “urubu” no dicionário Aulete (GEIGER, 2011)

urubu (u.ru.bu), *sm*. **1** *Zool*. Nome comum dado às aves da fam. dos catartídeos, gên. *Coragyps* e *Cathartes*, que possuem caveça e pescoço nus e se alimentam de carniça **2** *Bras. Fig. Pop.* Agente funerário **3** *Bras. Fig. Pop.* Pessoa vestida com roupa preta, esp. homem **4** *Bras. Fig. Pop.* Religioso (padre ou freira) que veste hábito preto **5** *Bras. Fig. Pop.* Pessoa que supostamente traz azar aos outros **6** *GO* Pequena mancha negra no diamante [F.: do tupi *uru’wu.*] (AULETE, 2011, p.1386)

Fonte: elaborado pela autora.

A definição “**2** *Bras. Fig. Pop.* Agente funerário” demonstra que é atualmente uma forma dicionarizada no Português brasileiro. Assim sendo, pode-se inferir que, à época da tradução de Machado de Assis, é possível que fosse um termo de uso popular no Brasil, o que ratifica o argumento parecer de que Machado poderia ter a intenção deliberada de redigir sua tradução usando a linguagem coloquial.

Em outra oportunidade, Machado prefere o uso de “chapéu de três bicos” à forma já dicionarizada na época, “tricórnio”, talvez por esta se mostrar mais erudita que aquela (Quadro 13). O Novo Diccionário da Língua Portuguesa traz a seguinte definição: “TRICÓRNIO *m*. Chapéu de três bicos. (Lat. *tricornium*)” (FIGUEIREDO, 1913, p. 2015).

Quadro 13 – Excerto do capítulo 7

‘Mr. Bumble! Mr. Bumble!’ cried Noah, with well-affected dismay: and in tones so loud and agitated, that they not only caught the ear of Mr. Bumble himself, who happened to be hard by, but alarmed him so much that he rushed into the yard without his *cocked hat* […] (DICKENS, 2003 [1837-8], p. 51, *grifo nosso*)	– O Sr. Bumble! O Sr. Bumble! – gritou ele, fingindo um grande medo, e com tal força que não só o Sr. Bumble ouviu logo, apesar de ser um pouco surdo, mas até criou tal susto que saiu ao pátio sem *chapéu de três bicos* [...] (DICKENS, 2013 [2002], p. 78, *grifo nosso*)	– O sr. Bumble! O sr. Bumble! – gritou Noah, com desespero fingido e em um tom tão alto e agitado que não somente foi ouvido pelo próprio sr. Bumble, que por acaso estava por perto, como o alarmou tanto que ele correu para o pátio sem seu *tricórnio* [...] (DICKENS, 2017, p. 70, *grifo nosso*)

Fonte: elaborado pela autora.

Machado de Assis apresenta, portanto, a tendência ao longo de toda a sua tradução, de empobrecimento qualitativo dos termos contidos no original. A opção é tão marcante que culmina com a afetação dos sistematismos da obra e, reitera-se, é possível que esteja relacionada ao público alvo a que se destinava o texto traduzido, mormente se considerarmos o meio pelo qual a ele tinham acesso, qual seja, o folhetim.

Massa (2008) compartilha da opinião, ao afirmar que

> Certamente a versão brasileira não suscita uma emoção comparável à que provoca o romance de Dickens. [...] Mas é perigoso afirmar que os cortes efetuados por Machado de Assis exprimem as intenções do tradutor, sem aceitar ao mesmo tempo uma outra explicação também bastante verossímil, a do gosto do público (MASSA, 2008, p. 68).

4.2.2.5 Destruição da rede de significantes subjacentes

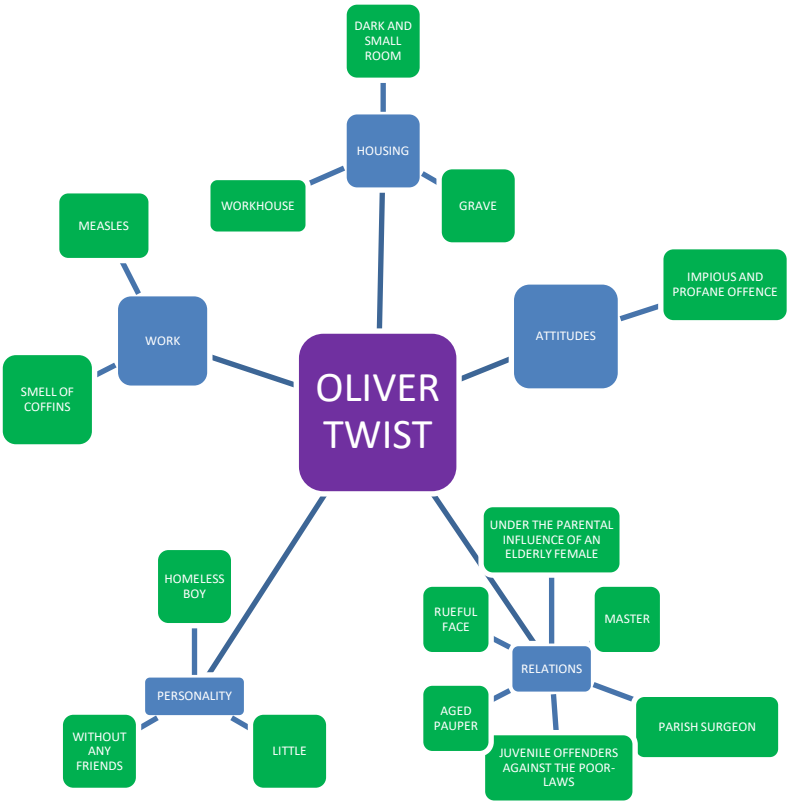
Charles Dickens fez opção por retratar Oliver Twist como um menino infeliz, sujeito a todo tipo de maldades, abandono psicológico e castigos físicos, descritos ao longo da obra com crueza.

Argumentamos que Machado de Assis faz outra opção ao caracterizar a personagem, ao transferir a acidez do discurso da exposição dos maus-tratos aos quais Oliver Twist era submetido para a descrição de pessoas, lugares e objetos que cercavam a personagem.

Por outro lado, parece-nos que, ainda que Sônia Augusto procure manter o texto traduzido o mais próximo possível do texto de partida, há uma opção por termos menos discriminatórios ou socialmente marcados e mais politicamente corretos – uma característica cultural e social da época em que se situa o texto traduzido.

Os esquemas a seguir mostram algumas das relações supracitadas. No Esquema 1, os termos utilizados por Charles Dickens no texto original para se referir a Oliver nos domínios: moradia (housing), trabalho (work), atitudes (atitudes), personalidade (personality) e relações (relations).

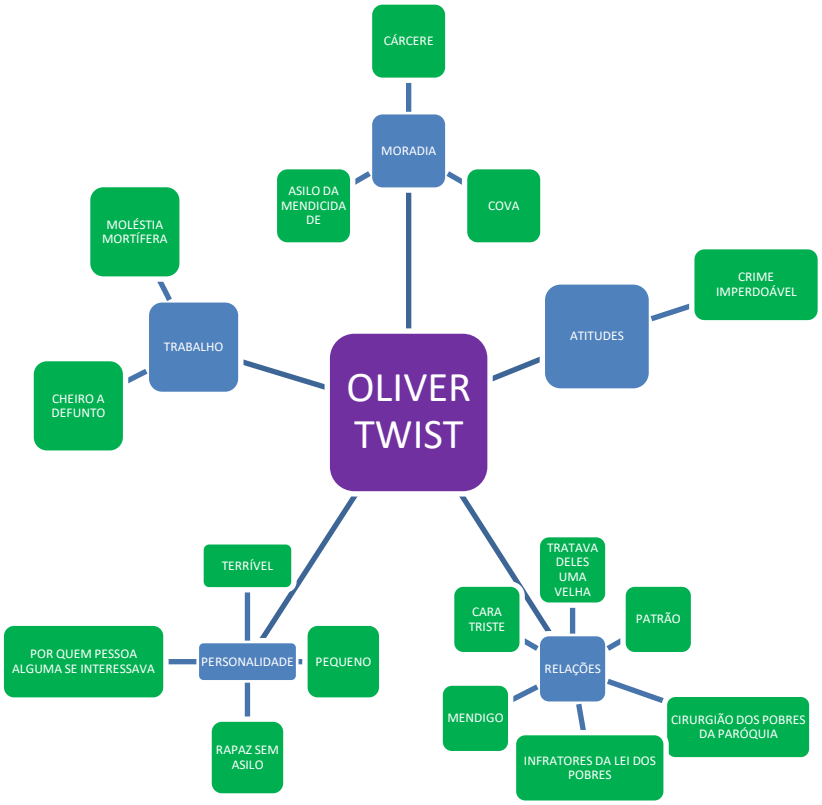
Esquema 1 – Rede de significantes subjacentes relacionados à personagem Oliver Twist no original de Charles Dickens.



Fonte: elaborado pela autora.

O Esquema 2 demonstra os termos selecionados por Machado de Assis quando de sua tradução, nos mesmos aspectos: moradia, trabalho, atitudes, personalidade e relações, para que possamos comparar com o original acima.

Esquema 2 – Rede de significantes subjacentes relacionados à personagem Oliver Twist na tradução de Machado de Assis.



Fonte: elaborado pela autora.

Nesse esquema, vemos que Machado de Assis opta por descrever o local de nascimento de Oliver como Asilo da Mendicidade, o que altera o sentido original de "workhouse", que se referia a uma Oficina de trabalho – "um tipo de alojamento que usava mão-de-obra em regime semi-escravo e [ao qual] eram destinados muitos dos pobres da Inglaterra vitoriana." (PUGLIA, 2007, p. 48). Podemos deduzir, a partir dessa definição de Puglia (2007), que os pobres ingleses da época eram direcionados para casas onde trabalhavam em regime análogo à escravidão, divergindo do conceito de "mendicidade", que se relaciona à condição de pessoas que pedem esmolas para sobreviver (GEIGER, 2011). Este sentido está contido também no dicionário Walker e Webster, no verbete "WORKHOUSE, n. A house where the idle or poor are confined for labour[9]" (LONGMUIR, 1870, p. 526).

Todavia, posteriormente, a forma dicionarizada de "workhouse" viria a se referir apenas a "public institution for the recepcion of paupers in parish or union of

[9] Uma casa onde os desocupados ou pobres são confinados para o trabalho (tradução nossa).

parishes[10]" (FOWLER; FOWLER, 1919, p. 1030), o que justifica a escolha tradutória de Sônia Augusto.

Ao escrever sobre as condições que cercaram o nascimento de Oliver, Machado cita o cirurgião dos pobres da paróquia. A explicitação "dos pobres" não está presente no original, o que pode corroborar a ideia de que Machado construiu uma rede de significantes de conotação mais negativa para a personagem.

Outro fator que ratifica essa postura de Machado é a descrição da pessoa que geria a casa onde ele cresceu. Machado de Assis escreve que "tratava deles uma velha", o que pode deixar margem à interpretação de comparação de Oliver a uma criação de animais. No original, Dickens tem uma linguagem atenuada, ainda que irônica, ao afirmar "under the parental supervision of an elderly female". É bem provável que não fosse a intenção de Dickens afirmar que a senhora idosa que cuidava da casa tinha uma ligação parental com os jovens moradores, mas a linguagem não é tão agressiva quanto a da tradução mencionada acima.

A tradução do trecho referente ao "delito" de Oliver (pedir mais mingau) explicita um dos sentidos possíveis do termo "offence" na época em que foi escrito o livro. O dicionário Walker and Webster (LONGMUIR, 1870) traz como possíveis significados os seguintes:

> OFFENCE, *n.* Any transgression of the law, divine or human; moderate anger; cause of stumbling; injury; assault or impediment. – SYN. Sin; scandal; resent ment; trespass; fault; crime; affront (LONGMUIR, 1870, p.308).

Temos aqui que uma das acepções possíveis da palavra é "crime". No entanto, o significado primeiramente apresentado, "any transgression of the law, divine or human; moderate anger[11]" poderia ter sido o de escolha de Dickens. Ao traduzir por "crime", Machado explicita a gravidade do delito. Por óbvio, pode ter sido a intenção do tradutor reforçar a ironia, visto que pedir mais mingau não configura, legalmente, um crime. Entretanto, não se pode deixar de notar que a escolha lexical tem conotação mais negativa e agressiva que "offence", que poderia ter sido traduzida como "ofensa". Na língua portuguesa, segundo o dicionário de Almeida e Lacerda (1868), não consta "crime" nas acepções possíveis da palavra "ofensa".

---

[10] Instituição pública para a recepção de pobres na paróquia ou união de paróquias (tradução nossa).
[11] Qualquer transgressão da lei, divina ou humana; raiva moderada (tradução nossa).

Quando Machado de Assis traduz questões relativas aos locais em que Oliver trabalhou e morou, emprega termos como “cheiro a defunto” para se referir a “smell of coffins”, que acentua a tendência a palavras de cunho mais cruel para as situações que envolvem Oliver. Isso também acontece quando utiliza “moléstia mortífera” para “sarampo”, uma vez que o sarampo pode ser uma doença fatal, mas nem sempre o é.

Ao servir-se de “patrão” para traduzir “master”, Machado também delimita um dos sentidos possíveis da palavra, conforme vemos nos dicionários da época.

> MASTER, *n.* A man who rules or directs; the owner or proprietor; a chie for principal; the commander of a vessel; one uncontrolled; a title of boys or quite young men; one eminently skilled n any science, art, &c.; a teacher or instructor. (LONGMUIR, 1870, p. 274)

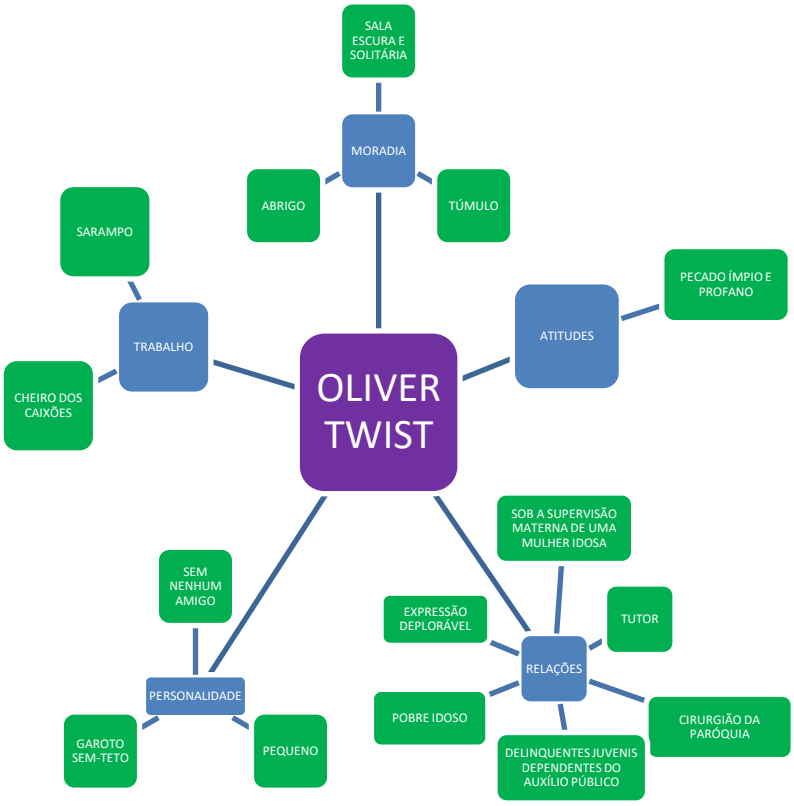
> MESTRE, s.m. […] Syn. Comp. *Mestre, preceptor, aio, amo.* (ALMEIDA E LACERDA, 1868, p. 564).
> MESTRE, sm. 1 Aquele que dá aulas; professor. 2 Aquele que é perito, especialista ou versado em qualquer atividade, ciência ou arte 3 *Fig*. Aquele que tem muitos conhecimentos 4 Superior de aprendizes ou operários 5 Guia espiritual, mentor 6 Aquele que concluiu o mestrado 7 Tudo que sere de ensino ou de que se tira lição 8 O que supera outro em qualquer coisa [...] (GEIGER, 2011, p. 920)

Sendo assim, considerando o dicionário da época, foi escolhida a acepção “amo”, mais próxima de “patrão”, termo empregado por Machado de Assis. Contudo, a ambiguidade do termo no original poderia deixar como significado possível “mestre” ou “preceptor” e não foi mantida na tradução.

Outra situação que nos permite inferir essa postura tradutória de Machado de Assis é quando o “amigo” de Oliver, Noah Claypole (Noé, para Machado) corre ao “asilo da mendicidade” e bate à porta, sendo recebido por um “mendigo” para quem faz uma “cara triste”. No original, a sentença é: “and presented such a *rueful face* to the *aged pauper* who opened it”. A tradução literal de “aged pauper” seria “pobre idoso”, o que, não necessariamente, envolve a mendicância. Aqui há, também, uma mostra de como Machado escolhia termos que julgamos de certa forma preconceituosos e socialmente marcados, acentuando a cisão de classes, tema que será novamente abordado quando discutirmos a destruição da rede de sistematismos.

Por fim, o Esquema 3 sintetiza as opções de Sônia Augusto para se referir a Oliver no âmbito das áreas já mencionadas.

Esquema 3 – Rede de significantes subjacentes relacionados à personagem Oliver Twist na tradução de Sônia Augusto.



Fonte: elaborado pela autora.

O esquema 3 acima demonstra que as escolhas tradutórias de Sônia Augusto mantiveram o léxico mais próximo do original de Dickens, com escolhas como “cirurgião da paróquia” para “parish surgeon”, “cheiro de caixões” para “smell of coffins”, “sarampo” para “measles” e “sala escura e solitária” para “dark and solitary room”.

No entanto, em algumas passagens a tradutora faz opção lexical por um sentido da palavra original, assim como fez Machado, mas geralmente o faz por sentido diferente do dele. Temos como exemplo a tradução de “master” já mencionada, que Machado optou por “patrão” e Sônia, por “tutor”. Ainda que ambas sejam acepções possíveis do termo, nenhuma delas mantém a ambiguidade do

original e cada tradução escolhe uma das possibilidades. A escolha de Sônia Augusto por “tutor” revela que a tradutora pode ter uma inclinação a termos politicamente corretos ao suavizar a relação de trabalho (infantil) que existia entre Oliver e o Sr. Sowerberry, presente na tradução de Machado e possível de se inferir no original.

Essa propensão é característica da sociedade brasileira contemporânea e demonstra uma marca social, histórica e cultural da época em que foi realizada a tradução. Outro momento que demonstra essa postura é quando a tradutora opta por “delinquentes juvenis dependentes do auxílio público” para traduzir “juvenile offenders against the poor-laws”. A Lei dos Pobres da Inglaterra não era vastamente conhecida pelo público leitor brasileiro do século XXI e poderia ser considerada politicamente incorreta. Sônia Augusto optou, então, pela neutralidade ao escolher “dependente do auxílio público”, que não era o sentido do texto original, mas era socialmente mais aceitável para o contexto da época em que foi feita a tradução.

Contraditoriamente, a eleição de “delinquente” para traduzir “offender” não seria a opção mais politicamente correta, ainda que lexicalmente adequada. O dicionário Walker e Webster (LONGMUIR, 1870) traz como significados “OFFENDER, *n*. One who offends; a transgressor”. (LONGMUIR, 1870, p. 308). O sentido “transgressor”, pretendido no original, é coloquialmente empregado no Brasil, assim como “delinquente juvenil” é amplamente utilizado. Geiger (2011) traz no Novíssimo Aulete Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa os seguintes sentidos para “delinquente”: “DELINQUENTE. *a2g*. 1 Diz-se de pessoa que delinquiu ou que é dada a cometer delitos, crimes ou infrações. *s2g*. 2 Essa pessoa [...] [Sin. ger.:*criminoso, infrator*]” (GEIGER, 2011, p. 443). Admite-se, portanto, como certo o emprego do termo “delinquente” na referida tradução.

Entretanto, se fôssemos manter a coerência com termos politicamente corretos, o termo a ser utilizado seria “adolescente em conflito com a lei” ou “que comete ato infracional” (BRASIL, 1990)[12]. Evidentemente, não se trata de texto de conteúdo legal, mas literário, o que explica e justifica a opção da tradutora, ainda que se afaste da tendência politicamente correta do restante do texto.

[12] BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. Brasília - DF, 1990.

4.2.2.6 Destruição da rede de sistematismos

Como já mencionamos, a escrita de Charles Dickens se caracteriza por fazer uma crítica social à Inglaterra da época da Revolução Industrial e sua divisão de classes. A narrativa de Dickens é repleta de descrições detalhadas de lugares e personagens, com vistas à construção da ambientação sociohistórica da obra (PEREIRA; SILVA, 2013).

Ponderamos que, em sua tradução, Machado de Assis era mais direto e objetivo na descrição das personagens, com uma postura mais marcada social e historicamente no contexto brasileiro. Assim sendo, argumentamos que o tradutor cria uma sistemática de deformação da letra em que simplifica, racionaliza e empobrece qualitativamente o texto.

O contexto social, histórico e cultural do Brasil do século XIX influencia, ainda, as escolhas de Machado de Assis quando este simplifica o texto, empobrecendo-o em termos qualitativos, isto é, em termos de sonoridade do texto (GERMAN 2008 [1985]). Mesmo que, brilhantemente, mantendo a maior parte do sentido do mesmo. O trecho a seguir, obtido do quarto capítulo de *Oliver Twist* exemplifica a questão. Neste fragmento, o narrador explica o que aconteceria com Oliver se ele embarcasse como aprendiz no navio. O original relata os castigos aos quais seria submetido com linguagem crua, expondo a violência com detalhes que eram bem vistos pela sociedade inglesa da época, a qual se deleitava em acompanhar execuções públicas de criminosos (PUJOL, 2007).

> [...] the skipper would flog him to death, in a playful mood, some day after dinner, or would knock his brains out with an iron bar; both pastimes being, as is pretty generally known, very favourite and common recreations among gentlemen of that class. (DICKENS, 2003 [1837-8], p. 27)

A tradução de Sônia Augusto, mantendo a tendência à fidelidade ao original, apresenta a seguinte redação

> [...] o capitão o açoitasse até a morte, por pura diversão, algum dia depois do jantar, ou arrebentasse sua cabeça com uma barra de ferro, pois esses dois passatempos são, como é de amplo conhecimento, recreações comuns e difundidas entre os cavalheiros dessa classe. (DICKENS, 2017, p. 46)

A exposição dos detalhes cruéis, ainda que chocante, é mais aceita pela sociedade brasileira do século XXI, provavelmente pelo distanciamento histórico do original e por não se tratar de algo que aconteça corriqueiramente no cotidiano nacional.

Contudo, na época da tradução de Machado de Assis, a sociedade brasileira era escravagista. Descendente de negros como era, argumentamos que é possível que Machado tenha optado por suprimir o trecho que narra a crueldade do castigo para não associar este ao açoitamento de escravos que ocorria com frequência no seio da sociedade, mas que não deveria ser mencionado no meio literário.

Não que Machado se recusasse a escrever sobre a escravidão. Ao contrário, Carvalho (2010) afirma que, “tendo nascido em 1839, Machado de Assis conviveu de perto com a escravidão” (CARVALHO, 2010, p.265) e prossegue, sustentando que “essa abominável instituição está presente em toda a sua obra literária” (CARVALHO, 2010, p.265).

Carvalho (2010) continua essa ponderação, lembrando que

> [...] Machado não era nem podia ser um panfletário, mas nas entrelinhas de sua extensa obra literária, ele não se omitiu sobre o problema da escravidão. Tratou essa grave questão do seu jeito, sinuoso e dissimulado, mas não se omitiu, como o acusou injustamente uma crítica obtusa e ultrapassada. (CARVALHO, 2010, p.265).

Lúcia Miguel-Pereira (1936) corrobora essa opinião e a justifica, destacando que, no seu tempo de funcionário público, deveria ser discreto.

> N'o tempo do Diario do Rio, o seu meio era "frondeur", era de oposição, e ele se fez, embora resguardando sempre um ponto de vista pessoal, liberal e livre-pensador. No tempo da Gazeta, era a Secretaria que o envolvia, e ele, salvaguardando o seu modo de ser intimo, adotou uma prudencia burocratica, (MIGUEL-PEREIRA, 1936, p. 88)

A sociedade sabia, evidentemente, da ocorrência de castigos físicos a escravos, mas preferia não ler sobre isso, ainda mais em folhetins, cujo público leitor era, de início, peculiarmente frequentado por mulheres, e, posteriormente, disseminado em serões para oitivas coletivas, conforme informa Reis (2006)

> Levando-se em conta o grande poder de influência que o folhetim passa a ter, é bom realçar a importância de seu caráter didático, pois a cada dia aumentava consideravelmente o número de leitores, em sua maioria mulheres, que não tinham acesso a outros tipos de literatura [...] (REIS, 2006, p. 49)

Sendo assim, a tradução de Machado de Assis apresenta-se da seguinte forma: “Era provável que o mesmo capitão do navio desse cabo do canastro ao terrível Oliver” (DICKENS, 2013 [2002], p.52).

Poder-se-ia pensar que a deformação estivesse de acordo com a própria temática de escrita de Machado de Assis. Todavia, há diversas passagens nos romances machadianos que representam as relações sociais na sociedade patriarcal escravagista e que são expostas na seleção de Castelar de Carvalho (2010) na obra *Dicionário de Machado de Assis: língua, estilo, temas*. Tais relações são “às vezes paternalistas, mas, em geral, marcadas pela violência e pelo sadismo, desprovidas de qualquer respeito aos direitos humanos individuais” (CARVALHO, 2010, p. 266). Conclui-se, assim, não ser uma provável opção ideológica a escolha pela supressão dos trechos violentos da obra de Dickens.

Presumivelmente, portanto, essa deformação pode ter ocorrido visando ao público leitor do folhetim no Brasil.

4.3 Síntese do capítulo

No quarto e último capítulo, apresentamos a análise propriamente dita das traduções de *Oliver Twist*, de Charles Dickens, feitas por Machado de Assis em 1870 e por Sônia Augusto em 2017. Examinamos ambas sob a perspectiva teórica de Heloísa Gonçalves Barbosa (1990) e Antoine Berman (2007 [1985]), sendo este proponente de treze tendências deformadoras da letra que uma tradução deveria lograr evitar e aquela, de procedimentos técnicos de tradução amplamente empregados na prática tradutória diária por tradutores diversos.

Enquanto Barbosa (1990) aponta quais procedimentos tendem à convergência ou à divergência do sistema linguístico e da realidade extralinguística, entende que são procedimentos necessários na tradução e não prescreve qual deve ou não ser utilizado na escrita do texto na língua de chegada. Nos dados analisados, a tradução

literal e a transposição foram relativamente frequentes em ambas as traduções, embora Machado de Assis tenha lançado mão com mais frequência de procedimentos que escapam à literalidade, como equivalências, modulações e procedimentos não previstos por Barbosa (1990), como acréscimos e apagamentos que não de natureza morfossintática. Sónia Augusto, por sua vez, se manteve mais fiel aos procedimentos previstos por Barbosa, visto que traduções palavra por palavra, omissões e explicitações são mais frequentes em sua versão.

Por sua vez, Berman (2007 [1985]) condena a tradução hegemônica da época, que era etnocêntrica e, por conseguinte, hipertextual. O diferencial de sua concepção está em valorizar o longínquo, o estrangeiro, a obra na sua língua e cultura originais e o efeito que esta causa no público receptor. O autor rejeita a ideia de domesticar um texto em língua estrangeira ao se realizar sua tradução, o que denomina de deformação da letra.

Verificamos, à luz das ideias acima expostas, que a tradução de Sônia Augusto utiliza procedimentos técnicos de tradução mais convergentes com o texto em língua de chegada e mantém mais a letra do texto, ao incorrer menos frequentemente nas tendências deformadoras de Berman (2007 [1985]).

Por outro lado, Machado de Assis emprega procedimentos descritos por Barbosa (1990) com maior tendência à divergência de estilo, o que é mais esperado para um tradutor-escritor, em especial na época em que foi realizada a empreitada. No século XIX, como já exposto, a literatura nacional se encontrava em formação e a domesticação dos textos estrangeiros era recomendada por escritores do porte de Machado de Assis, com o intuito de valorização da língua e da literatura nacionais.

Portanto, relatamos neste capítulo o exame pormenorizado dos excertos selecionados do original e das traduções. Na seção seguinte, serão apresentadas as conclusões deste trabalho segundo o entendimento dos autores estudados e serão propostos novos estudos que possam aprofundar a análise ora realizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação de ambas as traduções trazem valiosas informações sobre como se dá a prática tradutória atualmente e como ela era feita há cerca de 150 anos. A distinção entre elas pode ser atribuída ao cenário social, histórico e cultural das duas épocas, o que é abarcado pelo conceito de Polissistemas, teoria descrita por Even-Zohar (2000). Ao afirmar que o sistema cultural está interligado com sistemas sociais e políticos e com sistemas mais restritos, como literário e artístico, o autor estabelece que o contexto e a cultura estão intimamente relacionados, tendo efeito sobre a tradução que é realizada em cada tempo.

Adstrito ao conceito de polissistema está a noção de patronagem ou mecenato. Lefevere 2007 [1992] assevera que forças externas e internas ao sistema literário influenciam a escrita e, consequentemente, a tradução. No caso em questão, argumentamos, neste estudo, que Machado de Assis tenha feito várias de suas opções tradutórias por se tratar de publicação em formato de folhetim, que sofre influência do editor e do público, os quais acompanham de perto o processo de escrita e reagem a seu respeito enquanto ele ocorre. É possível, inclusive, que a pressão exercida pela patronagem tenha sido a causa da interrupção da tradução que Machado vinha realizando – assunto sobre o qual não há evidências suficientes para que se chegue a uma conclusão definitiva. Em compensação, a tradução de Sônia Augusto, por se tratar de tradutora ainda ativa e disponível para contatos, teve as influências mais bem delimitadas por meio de entrevista concedida pela tradutora, que informa que a opção por uma tradução que mantivesse fidelidade à letra foi da editora, com sua anuência.

No nível textual das obras propriamente ditas, foram realizadas análises de aspectos sintáticos, lexicais e prosódicos (BERBER-SARDINHA, 2002) dos elementos do texto, sob dois prismas distintos e complementares. Após implementarmos as análises descritas no capítulo anterior, pudemos chegar a algumas conclusões. Primeiramente, vimos que o número de procedimentos técnicos detectados foi maior na amostra de tradução de Machado de Assis e que estes procedimentos estavam mais direcionados a uma tradução mais livre e menos presa à letra da língua de partida.

Compete-nos destacar que a tradução de Machado de Assis adaptou nomes próprios, inclusive do autor da obra, e medidas monetárias; contudo, manteve as medidas de comprimento em milhas. Isso é explicado pelo fato de o sistema métrico ter sido introduzido no país em 18 de setembro de 1872, por decreto imperial (BRASIL, 1872). Destarte, ainda era vigente na época da tradução, em 1870, o sistema imperial, com medidas de comprimento em milhas.

Por outro lado, observamos que a tradução de Sônia Augusto concentrou procedimentos técnicos no eixo de convergência do sistema linguístico, do estilo e da realidade extralinguística, oferecendo-nos uma tradução mais voltada à manutenção da letra da língua de partida.

Sob a ótica de Berman (2007 [1985]), vimos que a tradução de Machado de Assis tem mais tendência à deformação da letra que a de Sônia Augusto. Como já demonstrado, provavelmente o tradutor tenha sido influenciado por alguns fatores, como a sua própria maneira de desenvolver o texto, escritor que era, o modo de publicação em folhetim, o contexto sociohistórico da época e a patronagem do periódico que patrocinava e publicava a tradução. Em contrapartida, depreendemos da análise que a tradutora optou por manter a letra em consideração à patronagem da editora e também por ser tradutora profissional, não necessariamente apresentando interferência de prática como escritora de seus próprios textos originais.

Os objetivos desse estudo, que eram analisar se as traduções diferiam em número e tipo de procedimentos técnicos adotados; avaliar tendências domesticadoras ou estrangeirizadoras, assim como de deformações da letra; sinalizar a presença ou não de aspectos relacionados à patronagem na escolha da obra e dos tradutores e verificar se a tradução indireta influenciou na escolha dos tradutores foram alcançados.

Os dados sinalizaram que estão confirmadas as hipóteses levantadas, quais sejam, a de que a tradução de Machado de Assis teria mais características domesticadoras e de deformação da letra, enquanto a tradução de Sônia Augusto teria tendência estrangeirizadora e mais próxima à manutenção da letra. Venuti (2008 [1995]) embasa esta conclusão ao sustentar que estratégias estrangeirizadoras são recomendadas para a tradução para que o leitor do texto traduzido possa ter a mesma sensação que o leitor do texto original teve ao lê-lo.

Considerando que a tradução de Sônia Augusto teve a recomendação da editora de se manter fiel ao texto original, pode-se concluir que sua postura foi estrangeirizadora ao traduzir. Por outro lado, como Machado de Assis estava imbuído da ideia de construção da literatura nacional e explicitamente recomendava que se priorizasse a língua portuguesa e a adaptação precursora do antropofagismo, deduzimos que teve postura domesticadora de tradução.

Faz-se mister ressaltar que não há julgamento de valor entre as duas traduções, ambas possuindo grande valor literário e cultural e oferecendo impagável oportunidade de contato do público brasileiro com uma obra do cânone da literatura mundial, de autor de renome como Charles Dickens. A análise ora registrada apenas tem a intenção de destacar características de uma obra e outra do ponto de vista linguístico e literário dos Estudos da Tradução.

Concluímos que há dissimilitudes entre traduções realizadas por tradutor-escritor e por tradutora profissional ainda mais considerando a disparidade cronológica entre elas. No entanto, ambas estão sujeitas a pressões da patronagem e acabam por, em maior ou menor grau, deformar a letra, visto que não há modo de se obter a perfeição na tradução.

Esperamos que este trabalho possa servir de ponto de partida para profusas investigações ulteriores como, por exemplo, a reflexão sobre a prática tradutória de Machado e sua influência no seu modo de escrever suas próprias obras e vice-versa, ou, ainda, a observação da influência do folhetim como meio de publicação na escolha dos procedimentos tradutórios empregados por Machado de Assis.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. José Maria, LACERDA, Araujo Corrêa. *Diccionario Encyclopedico* ou Novo Diccionario da Lingua Portuguêza. 3.ed. Lisboa: Escriptorio de Francisco Arthur da Silva, 1868.

ALMEIDA, Sandra Aparecida Faria de. *A tradução de títulos de livros*. 1992. Trabalho de conclusão de curso de Bacharelado em Letras/Tradução-Inglês – Departamento de Letras Estrangeiras Modernas – Faculdade de Letras/UFJF. 1992. 58p.

ALVES, Fábio et al. *Traduzir com autonomia*: estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

ANDRADE, Oswald de. *Manifesto antropófago*. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/files/manifesto_antropofago.pdf> Acesso em 02 ago 2019.

ASSIS, Machado de. O folhetinista. *In*: ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994. Disponível em < http://machadodeassis.ufsc.br/obras/cronicas/CRONICA,%20Aquarelas,%201859.htm> Acesso em 25 jun 2019.

AUGUSTO, Sônia. *Entrevista* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <larissadaroda@gmail.com> em 18 abr 2019.

BAKER, Mona. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. *In:* SOMERS, Harold (ed.) *Terminology, LSP and Translation.* Studies in language engineering in honour of Juan C. Sager. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1996.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução*: uma nova proposta. Campinas: Pontes, 1990.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves; WYLER, Lia. Brazilian Tradition. *In*: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Abingdon, England: Taylor & Francis e-Library, 2009.

BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Trad. Marie-Hélène Torres et al. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007 [1985].

BIBLIOTECA NACIONAL. Catálogo de Jornais e Revistas do Rio de Janeiro (1808-1889) existentes na Biblioteca Nacional. *Anais da Biblioteca Nacional*, v.85, p. 1-208, 1981.

BIBLIOTECA NACIONAL. *Hemeroteca digital*. Disponível em <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 20 abr 2019.

BRASIL. Decreto nº 5089, de 18 de setembro de 1872. *Aprove as instruções provisórias para execução da Lei nº 1157 de 26 de Junho de 1862, que substituiu em todo o Império o atual sistema de pesos e medidas pelo sistema métrico francês*. Coleção de Leis do Império do Brasil - 1872, Página 824 Vol. 2 pt. II. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-5089-18-setembro-1872-551399-publicacaooriginal-67910-pe.html>. Acesso em: 5 jun. 2018.

BRYCH, Fábio. *Sociedade passa por profunda crise ética e moral*. Disponível em < https://www.conjur.com.br/2007-out-31/sociedade_passa_profunda_crise_etica_moral>. Acesso em 04 ago 2019.

CAMELO, Franciano. *Machado de Assis e a (re)escrita de Oliver Twist*. 2013. 160 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

CARVALHO, Castelar de. *Dicionário de Machado de Assis*: língua, estilo e temas. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010. 328p.

COLLINS, Phillip. *Charles Dickens*. Encyclopædia Britannica, 2019. Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Charles-Dickens-British-novelist> Acesso em 05 jul 2019.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista LinguíStica*. Volume Especial, dez de 2016, p. 83-101. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5440/4032> Acesso em 1 mai. 19

DICKENS, Charles. *Oliver Twist or, The Parish Boy's Progress*. London: Penguin Books, 2003 [1837-8].

_____. *Oliver Twist*. Tradução de Machado de Assis e Ricardo Lísias. São Paulo: Hedra, 2013 [2002].

_____. *Oliver Twist*. Tradução de Sônia Augusto. Barueri, SP: Amarylis, 2017.

EVEN-ZOHAR, Itamar. The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. In: VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge, 2000.

FERREIRA, Eliane Fernanda Cunha. *Para traduzir o século XIX:* Machado de Assis. São Paulo: Annablume; Rio de Janeiro: ABL, 2004. 208 p.

FIGUEIREDO, Cândido. *Novo Diccionário da Língua Portuguesa*. Lisboa [Portugal]: Liv. Clássica Ed., 1913. 2175 p. Disponível em <http://dicionario-aberto.net/dict.pdf> Acesso em 18 jun 2019.

FOWLER, H. W; FOWLER, F. G. *The Concise Oxford Dictionary of Contemporary English*. Oxford: Clarendon Press, 1919.

GEIGER, Paulo, org. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Lexikon, 2011, 1488p.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas (org.). *Amor nenhum dispensa uma gota de ácido*: escritos de Carlos Drummond de Andrade sobre Machado de Assis. São Paulo, Três Estrelas, 2019.

HORNE, Philip. Introduction. *In*: DICKENS, Charles. *Oliver Twist*, or, The Parish Boy's Progress. London: Penguin Books, 2003 [1837-8], p. xiii-xliv.

KITIS, Eliza. The pragmatic infrastructure of translation. *Revista Tradução e Comunicação*. São Paulo, vol. 18, 2009.

LEFEVERE, André. *Tradução, Reescrita e Manipulação da Fama Literária*. Trad. de Cláudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007 [1992].

LÍSIAS, Ricardo. Introdução. *In*: DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. Tradução de Machado de Assis e Ricardo Lísias. São Paulo: Hedra, 2013 [2002].

LOHNES, Kate. *Oliver Twist*. Encyclopaedia Britannica, 2019. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Oliver-Twist-novel-by-Dickens> Acesso em: 05 jul. 2019.

LONGMUIR, John. *Walker and Webster combined in a dictionary of the English language*. London: William Tegg, 1870.

MACIEL, Iv Scarlett. *Machado de Assis' Oliveira Twist: translation and the making of a novelist*. 2007. 60 f. Dissertação (Master of Arts) – Department of English and Comparative Literature, University of North Carolina Chapel Hill, Chapel Hill.

MARQUES-PUJOL, Mariana Teixeira. Andar por Londres com Oliver Twist. *In*: DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. Tradução de Sônia Augusto. Barueri, SP: Amarylis, 2017, p. 9-13.

MASSA, Jean-Michel. Machado de Assis: tradutor. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

MEYER, Marlyse. *Folhetim*: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 472p.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Machado de Assis:* estudo crítico e biográfico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. 353p.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

PARANHOS, Ranulfo. Uma introdução aos métodos mistos. *Sociologias*, Porto Alegre, v.18, n.42, p. 384-411, 2016.

PEREIRA, Germana Henriques; SILVA, Alyne do Nascimento. As traduções de Charles Dickens por Machado de Assis e Cecília Meireles. *Traduzires*, Brasília, v. 2, n. 2, p. 67-88, 2013.

PEREIRA, Marina Cabrelli. Traduções de *Wuthering Heights*: uma abordagem contrastiva das edições convencional e bilíngue. 2014. Trabalho de conclusão de curso de Bacharelado em Letras: ênfase em tradução-Inglês – Departamento de Letras Estrangeiras Modernas – Faculdade de Letras/UFJF. 2014. 76p.

PUGLIA, Daniel. Charles Dickens: o crítico da Revolução Industrial. Cadernos EntreLivros - Panorama da Literatura Inglesa. São Paulo: Duetto Editorial, 2007, p. 48.

REIS, Ana Lúcia Silva Resende de Andrade. *Do folhetim à moreninha*: a formação do romance nacional sob o signo da cultura de massa. 2006. 66 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de São João Del-Rei, 2009.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. *Machado de Assis*: do folhetim ao livro. São Paulo: NVersos, 2015, 288p.

SMITH COLLEGE LIBRARIES. *Charles Dickens at 200*. Disponível em <https://www.smith.edu/libraries/libs/rarebook/exhibitions/dickens/6-bentleys.htm> Acesso em 21 abr 2019.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955. 810p.

TORNQUIST, Helena Heloisa Fava. O lugar da tradução no contexto oitocentista brasileiro: a contribuição de Machado de Assis. *In*: GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène; COSTA, Walter Carlos (org.). *Literatura traduzida e literatura nacional*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. 210p.

UFSC (Santa Catarina) (Org.). Correspondências de Machado de Assis. 2019. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=8244>. Acesso em: 7 abr. 2019.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility*: A History of Translation. 2 ed. London, New York: Routledge, 2008 [1995].

WYLER, Lia. O modo de traduzir brasileiro. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, n. 4, p. 263-275, jan. 1999. ISSN 2175-7968. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5535/4993>. Acesso em: 29 abr. 2019.

ANEXO I

Entrevista com a tradutora Sônia Augusto, realizada por e-mail *em abril de 2019*.

Questões elaboradas pela autora deste trabalho.

1. A escolha da obra foi da editora ou foi um interesse particular da tradutora?

Resposta: A escolha da obra foi da editora. Eu já tinha traduzido e preparado diversos livros de não ficção para a Manole e para o selo Amarylis e comentei com a editora responsável que gostaria de traduzir mais ficção. Alguns meses depois, ela me propôs a tradução de dois clássicos, um deles Oliver Twist, do Dickens.

2. Houve alguma recomendação da editora quanto à linha de tradução – mais domesticadora ou mais estrangeirizadora? Por exemplo, com relação à tradução ou manutenção de nomes próprios e de unidades de medida (milhas, pences etc.).

Resposta: A orientação da editora foi que a tradução devia ser fiel ao original, mas também ser compreensível para os brasileiros dos dias de hoje, mais ou menos "como uma novela de época da Globo". Então, os nomes próprios foram mantidos conforme o original, mas unidades de medida foram convertidas para o sistema em uso no Brasil. No caso de moeda, como não é possível fazer a conversão, eu apenas aportuguesei a grafia da moeda original.

3. Com quais desafios a senhora se deparou durante o processo tradutório?

Resposta: O mais difícil e que exigiu mais pesquisa foi a tradução dos diversos tipos de carruagens. Outro desafio foram os diversos registros de fala dos diferentes personagens. Mas Dickens me surpreendeu: é claro que houve passagens difíceis, mas elas foram minoria. Foi um trabalho muito interessante (eu não havia lido Oliver Twist antes) e agradável.

4. Houve algum preparo prévio quanto ao estudo da obra original ou de seu autor? Como foi feito?

Resposta: Quase não houve preparo prévio. Eu apenas li alguns artigos online a respeito de Dickens, me surpreendi com o fato de não haver na época nenhuma edição integral brasileira de Oliver Twist e tive contato com a edição infantil (Companhia das Letrinhas) e com a edição escolar resumida (Ed. Melhoramentos).

5. Ao ler a sua tradução, tive a impressão de ela ser muito mais fiel ao original que a outra com a qual estou comparando. A senhora teve contato com a tradução realizada por Machado de Assis e Ricardo Lísias antes ou durante o processo de tradução? Ela, de alguma forma, influenciou em alguma escolha tradutória?

Resposta: Havia a intenção de ser fiel ao original e de ficar próxima ao texto do Dickens, adaptando apenas quando necessário. Tive contato apenas com a parte traduzida por Machado de Assis. Aqui aconteceu algo inusitado: eu não li a tradução antes de começar o trabalho, mas quando me deparava com uma passagem mais complicada, eu olhava como Machado tinha resolvido a tradução. E muitas vezes, ele simplesmente tinha pulado ou mudado o trecho com que eu não estava satisfeita na minha tradução! Em outras vezes, admito que gostei mais da minha solução do que da dele! rs. E em outras vezes, a leitura da solução dele me levou a uma terceira solução, melhor do que a minha inicial.

ANEXO II

Excertos do texto original

Chapter the first – Treats of the place where Oliver Twist was born/, and of the circumstances attending his birth/.

Among other public buildings/, in the town of Mudfog[13]/, it boasts of one which is common to most towns great or small/, to wit/, a workhouse/; and on this workhouse there was born/ on a day and date which I need not trouble myself to repeat/, inasmuch as it can be of no possible consequence to the reader/, in this stage of the business at all events/, the item of mortality/ whose name is prefixed to the head of this chapter/. For a long time after he was ushered into this world of sorrow and trouble/, by the parish surgeon/, it remained a matter of considerable doubt/ whether the child would survive/ to bear any name at all/; in which case it is somewhat more than probable/ that theses memoirs would never have appeared/, or, if they had, being comprised within a couple of pages/, they would have possessed the inestimable merit/ of being the most concise and faithful specimen of biography/ extant in the literature of any age and country/. Although I am not disposed to maintain/ that the being born in a workhouse is in itself the most fortunate and enviable circumstance/ that can possibly befal a human being/, I do mean to say that in this particular instance/ it was the best thing for Oliver Twist that could by possibility have occurred/.

Chapter the second – Treats of Oliver Twist's growth, education and board/.

For the next eight or ten months/, Oliver was the victim of a systematic course of treachery and deception/ – he was brought up by hand/. The hungry and destitute situation of the infant orphan/ was duly reported by the workhouse authorities to the parish authorities/. The parish authorities inquired with dignity of the workhouse authorities/, whether there was no female the domiciled in 'the house'/ who was in a situation to impart to Oliver Twist the consolation and nourishment of which he stood

[13] O nome da cidade, Mudfog, é mencionado uma única vez – e somente na edição da *Bentley's Miscellany*. A partir da primeira edição compilada em três volumes, o texto se refere a "a certain town which for many reasons it will be prudent to refrain from mentioning, and to which for many reasons it will be prudent to refrain from mentioning, and to which I will assign no fictious name" (HORNE, 2003 [1837-8], p. 486). Esta opção pelo apagamento, feita pelo próprio autor, se deve ao fato de Dickens ter empregado a mesma denominação de cidade em outra obra, "Public Life of Mr Tulrumble, Once Mayor of Mudfog" (CAMELO, 2013). As duas traduções, ao que parece, optaram pelo original já com o nome da cidade omitido, pelo que a comparação de procedimentos de tradução será feita com a citação previamente citada nesta nota.

in need/. The workhouse authorities replied with humility that there was not/. Upon this, the parish authorities magnanimously and humanely resolved/, that Oliver should be 'farmed', or, in other words, that he should be despatched to a branch-workhouse/ some three miles off/, where twenty or thirty other juvenile offenders against the poor-laws/ rolled about the floor all day/, without the inconvenience of too much food, or too much clothing/, under the parental superintendence of an elderly female/ who receive the culprits at and for the consideration/ of sevenpence-halfpenny per small head per week/. Sevenpence-halfpenny's worth per week is a good round diet for a child/; a great deal may be got for sevenpence-halfpenny/ – quite enough to overload its stomach and make it uncomfortable/.

Chapter the third – Relates how Oliver Twist was very near getting a place/, which would not have been a sinecure/.

For a week after the commission of the impious and profane offence of asking for more/, Oliver remained a close prisoner in the dark and solitary room to which he had been consigned/, by the wisdom and mercy of the board/. It appears, at first sight, not unreasonable to suppose/, that, if he had entertained a becoming feeling of respect for the prediction of the gentleman in the white waistcoat/, he would have established that sage individual's prophetic character/, once and for ever/, by tying one end of his pocket handkerchief to a hook in the wall/, and attaching himself to the other/. To the performance of this feat, however, there was one obstacle/, namely, that pocket-handkerchiefs being decided articles of luxury, had been, for all future times and ages, removed from the noses of paupers/ by the express order of the board in council assembled/, solemnly given and pronounced under their hands and seals/. There was a still greater obstacle in Oliver's youth and childishness/.

Chapter the fourth – Oliver being offered another place/, makes his first entry into public life/.

In great families, when an advantageous place cannot be obtained, either in possession, reversion, remainder, or expectancy/, for the young man who is growing up/, it is a very general custom to send him to sea/. The board, in imitation of so wise and salutary an example/, took counsel together on the expediency of shipping off Oliver Twist, in some small trading vessel/ bound to a good unhealthy port/. This

suggested itself as the very best thing that could possibly be done with him/: the probability being, that the skipper would flog him to death, in a playful mood, some day after dinner/, or would knock his brains out with an iron bar/; both pastimes being, as is pretty generally known, very favourite and common recreations among gentleman of that class/. The more the case presented itself to the board, in this point of view/, the more manifold the advantages of the step appeared/; so, they came to the conclusion/ that the only way of providing for Oliver effectually/, was to send him to sea without delay/.

Mr. Bumble had been despatched to make various preliminary inquiries/, with the view of finding out some captain or other/ who wanted a cabin-boy without any friends/; and was returning to the workhouse to communicate the result of his mission/; when he encountered at the gate/, no less a person than Mr. Sowerberry, the parochial undertaker/.

Chapter the fifth – Oliver mingles with new associates/, and, going to a funeral for the first time/, forms an unfavourable notion of his master's business/.

Oliver, being left to himself in the undertaker's shop/, set the lamp down on a workman's bench/, and gazed timidly about him with a feeling of awe and dread/, which many people a good deal older than he will be at no loss to understand/. An unfinished coffin on black tressels/, which stood in the middle of the shop/, looked so gloomy and death-like/ that a cold tremble came over him, every time his eyes wandered in the direction of the dismal object/: from which he almost expected to see some frightful form/ slowly rear its head, to drive him mad with terror/. Against the wall were ranged, in regular array/, a long row of elm boards cut in the same shape/: looking in the dim light, like high-shouldered ghosts with their hands in their breeches pockets/. Coffin-plates, elm-chips, bright-headed nails, and shreds of black cloth/, lay scattered on the floor/; and the wall behind the counter was ornamented with a lively representation of two mutes/ in very stiff neckcloths, on duty at a large private door/, with a hearse drawn by four black steeds, approaching in the distance/. The shop was close and hot. The atmosphere seemed tainted with the smell of coffins/. The recess beneath the counter/ in which his flock mattress was thrust, looked like a grave/.

Chapter the sixth – Oliver, being goaded by the taunts of Noah/, rouses into action/, and rather astonishes him/.

[14]It was a nice sickly season just at this time/. In commercial phrase, coffins were looking up/; and, in the course of a few weeks, Oliver acquired a great deal of experience/. The success of Mr. Sowerberry's ingenious speculation/, exceeded even his most sanguine hopes/. The oldest inhabitants recollected no period/ at which measles had been so prevalent/, or so fatal to infant existence/; and many were the mournful processions/ which little Oliver headed, in a hat-band/ reaching down to his knees/, to the indescribable admiration and emotion of all the mothers in the town/. As Oliver accompanied his master in most of his adult expeditions too/, in order that he might acquire that equanimity of demeanour and full command of nerve/ which was essential to a finished undertaker/, he had many opportunities of observing the beautiful resignation and fortitude/ with which some strong-minded people bear their trials and losses/.

Chapter the seventh – Oliver continues refractory/.

Noah Claypole ran along the streets at his swiftest pace/, and paused not once for breath, until he reached the workhouse-gate/. Having rested here, for a minute or so, to collect a good burst of sobs and an imposing show of tears and terror/, he knocked loudly at the wicket/; and presented such a rueful face to the aged pauper who opened it/, that even he, who saw nothing but rueful faces about him at the best of times/, started back in astonishment/.

'Why, what's the matter with the boy!' said the old pauper/.

'Mr. Bumble! Mr. Bumble!' cried Noah, with well-affected dismay/: and in tones so loud and agitated, that they not only caught the ear of Mr. Bumble himself, who happened to be hard by/, but alarmed him so much that he rushed into the yard without his cocked hat/, —which is a very curious and remarkable circumstance/: as showing that even a beadle, acted upon a sudden and powerful impulse/, may be

[14] O texto publicado na primeira versão em livro, de 1839, traz o acréscimo de uma sentença que precede o texto do sexto capítulo da versão publicada em folhetim entre os anos 1837-1838: "The month's trial over, Oliver was formally apprenticed."
A análise das traduções levará em consideração a versão que contém a sentença supracitada, uma vez que o original que serviu de base para ambas traduções provavelmente a continha, para manter a coerência com a nota do excerto do primeiro capítulo.

afflicted with a momentary visitation of loss of self-possession, and forgetfulness of personal dignity/.

Chapter the eighth – Oliver walks to London/, and encounters on the road/ a strange sort of young gentleman/.

Oliver reached the stile at which the by-path terminated/; and once more gained the high-road/. It was eight o'clock now/. Though he was nearly five miles away from the town/, he ran, and hid behind the hedges, by turns, till noon/: fearing that he might be pursued and overtaken/. Then he sat down to rest by the side of the mile-stone/, and began to think, for the first time, where he had better go and try to live/.

The stone by which he was seated/, bore, in large characters, an intimation that it was just seventy miles from that spot to London/. The name awakened a new train of ideas in the boy's mind/. London!—that great large place!/—nobody—not even Mr. Bumble—could ever find him there/. He had often heard the old men in the workhouse, too, say that no lad of spirit need want in London/; and that there were ways of living in that vast city/, which those who had been bred up in country parts had no idea of/. It was the very place for a homeless boy/, who must die in the streets unless some one helped him/.

Chapter the ninth – Containing further particulars/ concerning the pleasant old gentleman/, and his hopeful pupils/.

It was late next morning when Oliver awoke, from a sound, long sleep/. There was no other person in the room but the old Jew/, who was boiling some coffee in a saucepan for breakfast/, and whistling softly to himself as he stirred it round and round, with an iron spoon/. He would stop every now and then to listen/ when there was the least noise below/: and when he had satisfied himself, he would go on whistling and stirring again, as before/.

Although Oliver had roused himself from sleep, he was not thoroughly awake/. There is a drowsy state, between sleeping and waking/, when you dream more in five minutes with your eyes half open/, and yourself half conscious of everything that is passing around you/, than you would in five nights with your eyes fast closed/, and your senses wrapt in perfect unconsciousness/. At such time, a mortal knows just

enough of what his mind is doing, to form some glimmering conception of its mighty powers/, its bounding from earth and spurning time and space/, when freed from the restraint of its corporeal associate/.

Chapter the tenth – Oliver becomes better acquainted with the characters of his new associates/, and purchases experience at a high price/. Being a short but very important chapter in this history/.

For many days, Oliver remained in the Jew's room/, picking the marks out of the pocket-handkerchief, (of which a great number were brought home)/, and sometimes taking part in the game already described: which the two boys and the Jew played, regularly, every day. At length, he began to languish for fresh air/, and took many occasions of earnestly entreating the old gentleman/ to allow him to go out to work with his two companions/.

Oliver was rendered the more anxious to be actively employed, by what he had seen of the stern morality of the old gentleman's character/. Whenever the Dodger or Charley Bates came home at night, empty-handed/, he would expatiate with great vehemence on the misery of idle and lazy habits; and would enforce upon them the necessity of an active life/, by sending them supperless to bed/. On one occasion, indeed, he even went so far as to knock them both down a flight of stairs/; but this was carrying out his virtuous precepts to an unusual extent/.

ANEXO III

Tradução de Machado de Assis e Ricardo Lísias

Capítulo 1 – [PNP2] **Do lugar em que Oliver Twist nasceu** [L] **e das circunstâncias que ocorreram nessa ocasião** [Eq][L]**.**

Dentre os vários monumentos [PNP3] públicos [L] que enobrecem uma cidade de Inglaterra, cujo nome tenho a prudência de não dizer, e à qual não quero dar um nome imaginário [L], um existe comum à maior parte das cidades grandes ou pequenas [L][PNP2]: é o asilo da mendicidade [L].

Lá [Eq][L][RP] em certo [Tr] dia, cuja [PNP2] data não é necessário [Eq] indicar [L], tanto mais [Om] que nenhuma importância tem [Mod][L], [PNP3] nasceu [RP] o pequeno [Tr][PNP3] mortal [L] que dá nome a este livro [L].

Muito tempo depois [L][RP] de ter o cirurgião dos pobres [Mod] da paróquia introduzido o pequeno Oliver [Tr] neste vale de lágrimas [Eq], ainda [Eq] se duvidava[Eq][L] se a pobre [PNP1] criança viveria ou não [PNP1][L]; [PNP2] se sucumbisse [Eq], é mais que provável [L] que estas memórias nunca aparecessem [L], ou então [Eq] ocupariam [Eq] poucas [Eq] páginas [L], e deste modo [PNP1] [Om] teriam o inapreciável mérito [L] de ser o modelo de biografia mais curioso e exato [PNP3][L] que nenhum país [Mod] em nenhuma época [Eq] jamais [PNP1] produziu [L].

Ainda que eu não esteja disposto a sustentar [L] que seja extraordinário favor da fortuna [Eq][PNP2] nascer a gente [Eq] num asilo de mendigos [L], [Om] [Om] posso afirmar que, nas circunstâncias atuais [L], era o melhor [Tr] que podia [PNP2] acontecer a Oliver Twist [L].

Capítulo 2 – [PNP2] **Como** [PNP1] **Oliver Twist cresceu** [Tr] **e foi educado** [Tr][PNP2][L]**.**

Durante os oito ou dez meses que se seguiram [Tr][L], Oliver Twist foi [Om] vítima de um sistema contínuo [Eq] de trapaças e decepções [L].

[Om] Foi criado com *mamadeira* [Eq][L]. [PNP2][PNP2]

As autoridades da paróquia perguntaram com dignidade às autoridades do asilo [L] se não havia alguma mulher, residente no estabelecimento [L], que pudesse dar a Oliver Twist a consolação e o alimento de que ele carecia [Eq][L]. As autoridades do asilo responderam humildemente [Tr] que não havia [L]; à vista do quê [Eq], as autoridades da paróquia tiveram a humanidade [Tr] e a magnanimidade

[Tr][L] de ordenar que Oliver fosse [PNP2] mandado para uma casa dependente do asilo [L], situada a [PNP1] três milhas de distância [L], onde uns vinte ou trinta [PNP2] infratores da lei dos pobres [L] passavam o dia a rolar pelo chão [Eq][L] sem [Om] medo [PNP3] de comer [Tr] muito nem andar agasalhados demais [Eq][L]. [PNP2] Tratava deles uma velha [Mod][L] que recebia os delinquentes à razão[PNP2][L] de três tostões [Ad] por semana e por [PNP2] cabeça [L].

Três tostões [Ad][PNP2] fazem uma boa [PNP2] soma para sustentar [PNP1][Com] um pequeno; pode comprar-se [Mod][Om] muita coisa com três tostões [Ad][L]; quanto baste para abarrotar o [Tr] estômago de uma criança e alterar-lhe a saúde [PNP3][L].

Capítulo 3 – [PNP2] **De** [PNP1] **como Oliver Twist escapou** [Mod] **de um emprego** [L] **que não era sinecura** [PNP3][L]**.**

Depois de haver cometido [Tr] o crime imperdoável [PNP2] de pedir mais uma dose de mingau [PNP1][L], Oliver esteve durante oito dias [RP] estreitamente encerrado [Tr] no cárcere [Eq], a que o mandara [Mod][L] [PNP2] a misericórdia [PNP2] do Conselho de administração [L].

[PNP2] À primeira vista, podia supor-se [Mod] que [L], se houvesse recebido com [PNP2] respeito [Tr][PNP2] a profecia do sujeito do colete branco [L], Oliver [Tr] tinha nas mãos o meio de plantar [PNP3] a reputação profética daquele sábio administrador [PNP3][L], [PNP2][PNP2] atando uma ponta do seu lenço [PNP2] num prego [PNP3][PNP2][L] e pendurando-se na outra [PNP1][Com][L]. Só havia um obstáculo para a execução deste ato [L]: é [Eq] que, por ordem expressa do conselho [PNP2][L], assinalada, rubricada e selada por todos os membros [Eq][L], foram [PNP2] proibidos os lenços no asilo [PNP3] por serem [Tr][Mod] objetos de luxo [RP][L]. O segundo [PNP3] obstáculo era [Mod] a tenra idade [PNP2] de Oliver [L].

Capítulo 4 – Oliver acha [Mod] **um** [Tr] **emprego** [L] **e faz a sua entrada no mundo** [Eq][L]**.**

Nas grandes famílias, quando um rapaz se adianta em anos [Eq][RP][L]e não se pode arranjar para ele [PNP1] um bom lugar por compra, sucessão ou reversibilidade [PNP2][L], [PNP1] costuma-se [Tr] metê-lo a bordo [Eq][L]. O

conselho da administração, para seguir [Tr] tão prudente exemplo salutar [L], deliberou [Eq] acerca da oportunidade de embarcar Oliver Twist a bordo de algum [PNP2] navio mercante [L] com destino a algum [Tr][PNP2] porto insalubre [L].

[RP][PNP2] Pareceu-lhe [Mod] que isto era o [PNP2] melhor [PNP2][L]. Era provável que o mesmo [PNP1][Com] capitão do navio [PNP2][PNP2] desse cabo do canastro [Eq] ao terrível [PNP1] Oliver [RP][L]. [PNP2]

Quanto mais pensavam nisto [Eq][L][PNP2], melhor [Eq] lhes [PNP1] parecia a coisa [Eq][L]. [RP][PNP2][PNP2] A conclusão foi [Mod][L] que o único meio de [PNP2] assegurar o futuro [Eq] de Oliver [L] era embarcá-lo [Eq][PNP2][L].

O [Ext] Sr. Bumble foi mandado em comissão [Eq][PNP2][L] a ver [Tr] se achava algum capitão [PNP2][L] que precisasse de um grumete por quem pessoa alguma se interessava [Eq][L]. [RP][PNP2] Voltava ao asilo para dar conta [Eq] da sua missão [L], quando [Om] encontrou [PNP2] à porta [L] o empresário de enterros [Eq]da paróquia, o Sr. Sowerberry em pessoa [Eq][L].

Capítulo 5 – Oliver trava novos conhecimentos [PNP3][L]**;** [RP][PNP2] **assiste a um enterro** [PNP2][L] **e fica com** [Eq] **uma má ideia do ofício** [PNP2][L]**.**

Apenas [PNP1] ficou só [Mod] na loja, Oliver [L] pôs a candeia num banco [PNP2][L] e deitou um olhar tímido à roda de si, com um sentimento de [PNP2] terror [L] que muita gente [PNP2] de maior idade [PNP2] podia facilmente [Mod] compreender [L].

Havia [Eq] no meio da loja [L][RP] um caixão por acabar [PNP2][L], e tinha uma aparência tão lúgubre [Eq][L] que Oliver [Tr] estremecia [Mod] sempre que olhava [Mod] para ele [L]. [PNP2] Esperava ver surgir dali a cabeça [RP] de um espectro horrível [L] [PNP2] cujo aspecto [PNP1] o faria morrer de medo [Eq][L].

Ao longo da parede [PNP2][L] estava uma longa enfiada de tábuas de pinho cortadas uniformemente [Eq][L], [PNP2] que pareciam outros tantos [Com] espectros de largas espáduas, com as [Tr] mãos nas [Tr] algibeiras [L]: placas de metal [PNP3], argolas [PNP3], [PNP2] pregos, [PNP2] pedaços de pano preto [L] juncavam [Eq] o assoalho [L].

[RP] Por trás [PNP3] do balcão, na parede, à guisa de [Mod] adorno [Tr], havia [PNP2] dois urubus [PNP3][L]engravatados [Tr][PNP2][L] [PNP2] e um carro conduzindo um féretro [Eq][L]. A loja estava fechada e quente; [PNP2] a atmosfera

parecia toda [Com] impregnada de um cheiro a defunto [Eq][L]; o vão [PNP2] do balcão [L] onde foi posta a cama [Eq] de Oliver [Tr] tinha ares de [Eq] cova [L].

Capítulo 6 – Luta e vitória [PNP3]**.**

Ao cabo de um mês de ensaios [Eq], Oliver estava admitido como [Eq] aprendiz [Tr][15]. Houve justamente nessa época uma [PNP2] epidemia [L]. Em estilo comercial, os [Ext] caixões tinham subido [L]; e no espaço de algumas semanas Oliver ganhou muita experiência [L]. O êxito da engenhosa especulação do Sr. Sowerberry [L] ia [PNP2] além das [Ext] suas [PNP2] esperanças [L].

Os mais antigos habitantes não se lembravam [Mod] de ter visto [PNP1][PNP2][L] tanta moléstia mortífera [Eq][PNP3], principalmente [Com] nas [Ext] crianças [Tr][PNP2][L]; [PNP2] numerosos foram os enterros [Eq][L] a cuja frente ia o pequeno Oliver com um retalho de fumo [Eq] que lhe ia do [PNP1] chapéu [L] aos [Eq] joelhos [L], o que causava [PNP1] grande pasmo e gosto a todas as mães [PNP2][L].

[PNP2] Oliver acompanhou também o [Tr] patrão [PNP2] aos [Tr] enterros de adultos [L] para [Om][PNP2] adquirir a [Tr] impassibilidade [Eq] e a insensibilidade [Eq][L] [PNP2] necessárias a um *urubu* [Eq] consumado [L]. [Om] Teve muita ocasião de observar a bela resignação e força de alma [L] com que as [Tr] pessoas corajosas suportam a [PNP2] perda de seus parentes [PNP1][L].

Capítulo 7 – Oliver prossegue em sua [PNP1] **rebelião** [Tr][L]**.**

Noé [Ad] Claypole correu a toda brida [PNP2][L] e só parou [Mod][PNP2][PNP2] à porta do asilo da mendicidade [L]. Esperou [Eq] cerca de um minuto para começar outra vez [PNP1][PNP2] seus [PNP1] soluços e dar à cara uma expressão [Eq] de dor e de [Ext] terror [L]; depois [PNP1][Om] bateu [PNP2] à porta [L] e apresentou ao mendigo [PNP3] que lhe [PNP1] abriu a porta uma cara tão triste [L] que este, posto estivesse acostumado a ver [Mod] [PNP2] caras infelizes [PNP2][L], recuou espantado [Tr][L].

[15] Esta sentença está presente em ambas as traduções. Contudo, não consta do original consultado, mas foi acrescentada a partir da edição de três volumes de 1838. A sentença que consta da edição *online* do *site* “oceanofpdf.com” é: “The month’s trial over, Oliver was formally apprenticed.” (p.62) e é a ela que serão comparadas as traduções e seus procedimentos. Disponível em <http://oceanofpdf.com/pdf-epub-oliver-twist-download/#more-800>. Acesso em 02 jun. 2018.

— [PNP2] Que aconteceria a este pequeno [Eq]? — disse o velho mendigo [L].

— O [PNP1] Sr. Bumble! O [PNP1] Sr. Bumble! — gritou ele, [PNP2] fingindo [Tr] um grande medo [L], e com tal força [Eq][PNP2] que não só o Sr. Bumble ouviu logo [Mod], apesar de ser um pouco surdo [L], mas até criou tal susto [Om][Eq] que saiu ao pátio sem [PNP2] chapéu de três bicos [L], [PNP2] circunstância notável e verdadeiramente curiosa [L], pois mostra que [PNP2] um bedel, [PNP2] em um momento de comoção súbita e poderosa [L], pode momentaneamente [Tr] ficar [Eq][PNP2] bruto e esquecer [Tr] a sua [Com] dignidade pessoal [L].

Capítulo 8 - Oliver vai a Londres [L] **e encontra em caminho** [PNP2][L] **um rapaz misterioso.**

Chegando [Mod] ao fim [Tr] do atalho [PNP2][L], [PNP2] achou-se Oliver [RP] na grande estrada [L]. [Om] Eram oito horas [PNP2][L]; e, posto que [Om] [Om] estivesse já [PNP1][Com] a [PNP2] cinco milhas da cidade [L], [Om] correu e escondeu-se [Ext] por trás de uma [PNP1] cerca [PNP2] até meio-dia [L][PNP2]; [RP][PNP2] assentou-se num [PNP3] marco de pedra [PNP2][L], e pela primeira vez [Om] entrou a considerar que lugar escolheria [Eq] para ganhar a vida [L].

O marco [PNP2][L] indicava, em letras grossas, [PNP2] que a cidade [PNP1][Com] de Londres ficava a [PNP2] 70 milhas [PNP2][L]; o nome Londres [Com] despertou no espírito do menino uma nova série de ideias [L]. [PNP2] Não poderia ele ir a [PNP3] Londres, a cidade imensa [L], onde [PNP2] nem [PNP2] o sr. Bumble viria a descobri-lo [L]? Oliver [Tr] ouvira sempre dizer aos velhos mendigos do asilo [PNP2] que um [Ext] rapaz de juízo nunca [Mod] ficava desamparado em Londres [L], e que havia nessa grande cidade meios de existência [L] desconhecidos [Eq] à gente do campo [Eq][L]. Era esse [Tr] o lugar que convinha [Eq] a um rapaz sem asilo [L], destinado [Tr] a morrer na rua, se [PNP2] lhe não dessem a mão [L].

Capítulo 9 – [PNP2] **Novos pormenores** [L] **acerca do** [Ext] **amável ancião** [Eq] **e seus discípulos, rapazes** [PNP1] **das mais altas esperanças** [Tr][L]**.**

No dia [PNP1] seguinte, [Om] já a manhã ia adiantada, quando Oliver acordou depois de um sono profundo e prolongado [L].

No quarto [PNP2] estava só [Mod] o velho judeu [L], aquecendo café em uma caçarola [L], [PNP2] assobiando baixinho [PNP2][L][PNP2]; de quando em quando [Eq][Om] parava para escutar [L], se acaso ouvia [PNP3] algum [Tr] rumor [PNP2][L]; e quando [Om] via que tudo estava tranquilo [PNP3][Om] continuava a assobiar [Tr][PNP2] e a mexer o café [PNP1][Com] com uma colher de metal [RP][L][PNP2].

Conquanto Oliver não estivesse dormindo [Mod][PNP2], não se podia dizer [PNP1] que [Om] estivesse totalmente acordado [L]. Há certo [Tr][PNP2] estado entre o [Ext] sono e a [Ext] vigília [L] em que a gente [Tr][Mod] sonha mais no espaço de [PNP1] cinco minutos, com os [Tr] olhos [PNP2][Mod] abertos [L] e sem [PNP2] ter [PNP2] consciência do [Tr] que se [Ext] passa [L], do que sonharia [Eq] em cinco noites com os olhos fechados [L] e [PNP2] em completo sono [L]. Nesses momentos o [Tr] homem não percebe [Mod] o que se passa em seu espírito [Mod] de maneira que possa [PNP1] ter uma fraca ideia das pujantes faculdades desse espírito [Tr][L] quando, liberto dos [Tr][PNP2] vínculos terrenos [Eq][RP][L], [Om] foge [Tr] à terra zombando do [Ext] tempo e do [Ext] espaço [L].

Capítulo 10 – Oliver estreita as suas relações [PNP3] **com os** [Ext][PNP2] **novos amigos** [L] **e adquire experiência à** [Tr] **sua** [Tr] **custa** [L]**. A pequenez** [Tr] **deste** [Ext] **capítulo não impede** [Mod] **que seja** [Tr] **um dos mais** [PNP1] **importantes da história do** [Tr] **nosso herói** [PNP1][L]**.**

Oliver passou muitos [PNP3] dias no quarto do judeu [L] ocupado em [PNP1] desmarcar os lenços [PNP2] que chegavam [Mod][PNP2] em [PNP2] quantidade [L] e [PNP2] em tomar parte na brincadeira que já descrevemos [Tr] e [PNP1] que se [PNP1] repetia [Mod] todas as [Ext] manhãs entre o judeu e os dois discípulos [L].

Ao cabo de algum tempo [Eq], Oliver [Tr] começou a suspirar pelo ar da rua [Eq][L] e pediu muitas vezes [Eq] ao [Ext] judeu [PNP3][L] que [Ext] o deixasse ir trabalhar fora com os [Tr] seus companheiros [L].

Oliver estava tanto [Tr] mais desejoso [PNP3] de trabalhar [Tr][Mod] ativamente, quanto [Tr] que já fazia ideia [Eq] cabal [PNP1] da inflexível severidade [PNP3] do [PNP2] judeu [PNP3][L]. Cada vez que o Matreiro ou o [Ext] Carlinhos [Ad] Bates voltavam para casa, à noite, com as mãos abanando [L], [Om] proferia [Eq] um longo e enérgico [Eq] discurso acerca dos inconvenientes da [Ext] preguiça e da [Ext] ociosidade [Tr][PNP2] e, para melhor lhes gravar na memória [Eq] a

necessidade de serem ativos [Eq][L], [Om] mandava-os dormir [Eq] sem ceia [L]. Uma vez [Eq][Om][PNP2] chegou a [Eq] precipitá-los [PNP2] do alto [Mod] da [PNP2] escada [L]; mas eram raras as violências como esta [PNP3][PNP2][PNP1][Com] [L].

ANEXO IV

Excertos da tradução de Sônia Augusto

Capítulo I – Trata do lugar em que Oliver Twist nasceu [L] e das circunstâncias de [Tr] **seu nascimento** [L]**.**

Entre outros edifícios públicos [L] em uma certa cidade, que por muitas razões será prudente deixar de mencionar e à qual não foi atribuído um nome fictício [L], havia um prédio [PNP1] que antigamente [PNP1] era comum à maioria das cidades, grandes ou pequenas [L]: um abrigo [L][Eq], e nesse abrigo [Om] nasceu [L] a pessoa cujo nome está afixado no título deste capítulo [PP][RP], em [Om] dia e data que [Om] não preciso me dar ao trabalho [Eq] de repetir [L], já [PNP2] que isso não terá consequência possível ao leitor [L] neste estágio dos acontecimentos [L][PNP2].

Por um longo tempo depois de [Om] ser lançado a este mundo de tristeza e aflições [L] pelo cirurgião da paróquia [L], [Om] continuou a [Exp] haver [Tr] considerável dúvida [L] se a criança iria ou não [PNP1] sobrevier [L] para receber algum nome [L][PNP2] e [PNP1][RP], nesse caso, [Om] é um tanto mais [PNP2] provável [L] que estas memórias nunca tivessem sido escritas [L] ou, se isso [Tr] tivesse ocorrido, que estivessem contidas apenas em algumas páginas [L] e [PNP1][Om] teriam [PNP1] o mérito inestimável [L] de constituir o espécime mais conciso e fiel de biografia [L] existente na literatura de qualquer era ou país [PP].

Embora eu não esteja disposto a argumentar [L] que nascer em um abrigo seja por si só a circunstância mais afortunada e invejável [L] em que um ser humano possa se encontrar [L][Eq], [Om][Om] quero dizer que, neste caso específico [L], foi a melhor coisa que poderia ter acontecido a Oliver Twist [L].

Capítulo II – Trata do crescimento, da educação e da alimentação de Oliver Twist [L].

Nos oito ou dez meses seguintes [L], Oliver foi vítima [Om] de uma série de ações [Eq] sistemáticas de traição e engodo [L]. Ele não foi [Mod] amamentado [L][Eq]. A situação de fome e carência do pequeno órfão [L] foi devidamente relatada pelas autoridades do abrigo às autoridades da paróquia [L]. As autoridades da paróquia perguntaram com dignidade às autoridades do abrigo [L] se não [Exp][Om] havia nenhuma mulher morando na “casa” [L] que estivesse em [Om] situação de dar a Oliver Twist o consolo e o alimento de [Exp] que ele estava necessitado [L]. As

autoridades do abrigo responderam com humildade que não havia [L]. Sendo assim, as autoridades da paróquia, magnânima e compassivamente, resolveram [L] que Oliver deveria ser “cultivado” ou, em outras palavras, que ele deveria ser despachado para uma sucursal do abrigo [L] a cerca de cinco quilômetros dali [L][Ad], onde vinte ou trinta outros delinquentes juvenis dependentes do auxílio público [L][Eq] rolavam no chão o dia inteiro [L], sem a inconveniência de [Om] comida ou roupa em demasia [L], sob a supervisão materna de uma mulher idosa [L] que recebia os culpados pela – e em razão da – [Eq] importância [L] de sete pence e meio por pequena cabeça toda semana. O valor de sete pence e meio por semana é suficiente para [Eq] uma boa dieta para uma criança [L] pode-se arranjar [Mod] muito [Eq] com sete pence e meio [L], o [Tr] bastante para encher demais o [Tr] estômago e deixá-lo desconfortável [L].

Capítulo III – Relata como Oliver Twist estava muito perto de [Ext] **conseguir um trabalho** [L] **que não teria sido uma sinecura** [L]**.**

Durante uma semana depois de ter cometido [Tr] o pecado ímpio e profano de pedir mais [L], Oliver permaneceu como [Om] prisioneiro na sala escura e solitária que lhe havia sido designada [L][Mod] pela sabedoria e piedade do conselho [PP]. Não parece [Mod], à primeira vista, nada absurdo supor [L] que, se [Om] tivesse nutrido algum [Om][Tr] sentimento de respeito pela previsão do cavalheiro de colete branco [L], ele teria reconhecido o caráter profético do sábio indivíduo [L], de uma vez por todas [L][Eq], [PNP2] atando uma ponta de seu lenço de bolso a um gancho na parede [L] e prendendo-se à outra [PP]. À realização deste feito, porém, havia um obstáculo [L]: [PNP2] sendo os lenços de bolso considerados artigos de luxo, estes [Ext] haviam sido, para todos os [Ext] tempos e eras futuros, removidos do nariz dos pobres [L], por [Om] ordem expressa do conselho reunido em assembleia [L], solenemente dada e pronunciada sob suas mãos e selos [PP]. Havia obstáculo ainda maior na juventude e infantilidade de Oliver [L].

Capítulo IV – Oliver recebe [Mod] **outra proposta** [L] **e** [RP] **faz sua primeira entrada na vida pública** [L]**.**

Em famílias grandes, quando uma posição vantajosa não pode ser obtida para o mancebo em crescimento [L][Tr], seja em posse, reversão, resíduo ou

expectativa [L][RP], é um costume muito generalizado enviá-lo para o [Ext] mar [L]. O conselho, imitando [Tr] esse [Tr] exemplo tão sábio e salutar [L], reuniu-se [Eq] para discutir a proposta [Eq] de embarcar Oliver Twist em algum pequeno navio mercante [L] com destino a um bom porto insalubre [L]. Isso se mostrou a [PNP2] melhor coisa que poderia [PNP2] ser feita com ele, com a probabilidade de que [Om] o capitão o açoitasse até a morte, por pura diversão, algum dia depois do jantar [L], ou arrebentasse sua cabeça [Eq] com uma barra de ferro [L], pois esses dois passatempos são, como é de [PNP2] amplo conhecimento, recreações [PNP2] comuns e difundidas entre os cavalheiros dessa classe [L]. Quanto mais o caso se apresentava ao conselho, neste ponto de vista [L], mais múltiplas pareciam as vantagens da ação [L]; assim, eles chegaram à conclusão [PP] de que o único modo de cuidar de Oliver efetivamente [PP] seria enviá-lo ao [Ext] mar sem demora [L].

O [Ext] sr. Bumble fora enviado para fazer várias investigações preliminares [L], com o objetivo de encontrar algum capitão ou alguém [PP] que desejasse um grumete sem nenhum amigo [L], e estava retornando ao abrigo para comunicar o resultado de sua missão [PP], quando [Om] encontrou [PNP2] no portão [L] ninguém menos que o sr. Sowerberry, o [Ext] agente funerário da paróquia [L].

Capítulo V – Oliver encontra [Eq] **novas pessoas** [L]**.** [PNP2][RP] **Indo a um funeral pela primeira vez** [L]**, ele** [Ext] **forma uma ideia desfavorável dos negócios de seu tutor** [L]**.**

Oliver, tendo sido deixado sozinho na loja do agente funerário [L], colocou o lampião em uma bancada de trabalho [L] e olhou timidamente a seu redor com um sentimento de assombro e terror [L] que muitas pessoas bem mais velhas que ele [Tr] não teriam dificuldade de entender [L]. Um caixão inacabado em cima de cavaletes negros [L], que estava no meio da loja [PP], tinha uma aparência tão sombria e mortal [L] que um calafrio percorria seu corpo toda vez que [Ext] seus olhos perambulavam na direção do sinistro objeto [L]. Do qual ele quase esperava ver um [Tr] espectro assustador [L] levantar lentamente a cabeça e [Tr] enlouquecê-lo de [Tr] terror [L]. Uma longa fila de pranchas de olmo, cortadas com o mesmo formato [L], estavam arrumadas com regularidade contra a parede [L][RP] e, na fraca luz, pareciam fantasmas de ombros largos com as [Tr] mãos nos [Tr] bolsos [L]. Espalhados pelo chão [L][RP], havia placas para caixões, pedaços de madeira

[PNP3], pregos com cabeças brilhantes e retalhos de tecido preto [L], e a parede atrás do balcão estava ornamentada com um [PNP2] quadro que retratava [PNP1] dois carpidores [L] [PNP2] engravatados [Tr][L] trabalhando em uma grande casa [PNP3] particular [L] e um carro fúnebre puxado por quatro corcéis negros aproximando-se à distância [L]. A loja estava fechada e quente. [PNP2][RP] A atmosfera parecia pesada com o cheiro dos caixões [L]. O espaço embaixo do balcão [L] no qual seu colchão de flocos de lã estava jogado parecia um túmulo [L].

Capítulo VI – Oliver, [PNP2] **provocado por** [PNP2] **Noah** [L]**, entra em ação** [PP] **e o surpreende** [L]**.**

O mês de experiência estava [PNP1] acabado [L], e [PNP1] Oliver foi promovido [PNP1] formalmente a aprendiz [Tr][L]. Aquela foi uma ótima temporada de doenças [PNP2][L]. Do ponto de vista comercial, os caixões estavam sendo procurados [L][Eq] e, no decorrer de [Om] poucas semanas, Oliver obteve muita experiência [L]. O sucesso da especulação engenhosa do sr. Sowerberry [L] excedeu até mesmo [Com] suas expectativas mais otimistas [L]. Os habitantes mais idosos não [Mod] se lembravam de nenhum período [L] em que o [Ext] sarampo tivesse sido tão prevalente [L] nem tão fatal para a [Ext] existência infantil [L], e muitas foram as procissões pesarosas [L] [Om] encabeçadas pelo pequeno Oliver, com uma fita de chapéu [L] que chegava a seus joelhos [L], para a indescritível admiração e emoção de todas as mães da cidade [L]. Ao acompanhar seu tutor também na maioria dos [Tr] enterros [PNP3] de adultos [L], a fim de que [Om] pudesse obter aquela aparência de equanimidade e pleno controle dos [Ext] nervos [L], que é [PNP2] essencial a um bom agente funerário [L], Oliver [Tr] teve muitas oportunidades de observar a bela resignação e força [L] com que algumas pessoas obstinadas enfrentam as [Tr] circunstâncias difíceis e as [Ext] perdas [L].

Capítulo VII – Oliver continua a não [Mod] **se submeter** [Tr][L]**.**

Noah Claypole correu pelas ruas o mais rápido [PNP2] que pôde [L], sem parar para respirar nenhuma vez, até chegar ao portão do abrigo [L]. Depois de descansar [Eq] ali por cerca de um minuto para se recuperar de um bom ataque de soluços e um impressionante show de lágrimas e terror [L], [Om] bateu fortemente no portão [L] e mostrou uma expressão tão deplorável diante do [PNP1] pobre idoso

que o abriu [L] que, mesmo ele, que só via [Mod] rostos deploráveis [PNP2] o tempo todo [Eq][L], ficou [PNP3] muito surpreso [Tr][L].

– [PNP2] O que foi que aconteceu [Eq] com o rapaz? – disse o pobre idoso [L].

– O [Ext] sr. Bumble! O [Ext] sr. Bumble! – gritou Noah, com desespero fingido [L] e um tom tão alto e agitado que não somente foi ouvido pelo próprio sr. Bumble, que por acaso estava por perto [L], como o alarmou tanto que ele correu para o pátio sem seu tricórnio, o que era uma circunstância muito curiosa e admirável [L], [PNP2] mostrando eu até mesmo um bedel, agindo [PNP1] por um impulso súbito e poderoso [L], pode ser afligido por uma momentânea [PNP2] perda de autocontrole e esquecimento da dignidade pessoal [L].

Capítulo VIII – Oliver vai para Londres [PP]**.** [PNP2][RP] **Na estrada, encontra um jovem bem estranho** [L]**.**

Oliver chegou ao degrau em que o caminho terminava [L] e, assim [PNP1], voltou mais uma vez à estrada [L]. Eram oito horas [PNP2][L]. [PNP2][RP]Embora [Om] estivesse quase a oito quilômetros [Ad] da cidade [L], ele foi alternadamente correndo e se escondendo atrás das sebes até o meio-dia [L], temendo que [Om] pudesse ser perseguido e alcançado [L]. Depois, sentou-se para descansar ao lado de um marco [L] e começou a pensar, pela primeira vez, para [Ext] onde seria melhor [Om] ir e tentar viver [L].

A pedra ao lado da qual [Om] estava sentado [L] trazia, em grandes letras, uma informação de que apenas 110 km [Ad] separava [Tr] aquele lugar de Londres [L]. O nome despertou uma nova linha de pensamentos na mente do garoto [L].

Londres! Que [Tr][PNP2] ótimo lugar! [L] Ninguém, nem mesmo o [Ext] sr. Bumble, poderia [PNP2] encontra-lo lá [L]. [Om] Havia escutado muitas vezes os velhos do abrigo [PNP2] dizerem que nenhum rapaz inteligente passava necessidades em Londres [L], e que havia profissões [Eq] naquela grande cidade [L] das quais os que haviam sido criados no campo nem tinham ideia [L]. Esse era o melhor lugar para um garoto sem-teto [L] que iria [Mod] morrer nas ruas a menos que alguém o ajudasse [L].

Capítulo IX – [PNP2] **Mais detalhes** [L] **em relação** [Tr] **ao** [PNP2] **cavalheiro agradável** [L] **e seus promissores pupilos** [PP]**.**

[Om] A manhã seguinte já ia [Mod] bem [PNP1] avançada quando Oliver acordou de um sono longo e profundo [L]. Não [Mod] havia nenhuma outra [PNP1] pessoa na sala [PNP2], exceto o velho judeu [L], que estava esquentando [Om] café em uma caçarola para o [Ext] desjejum [L] e assobiava suavemente para si mesmo enquanto mexia o conteúdo [Tr] sem parar [Eq] com uma colher de ferro [L]. [Om] Parava de vez em quando [Eq] para ouvir [L] quando havia o mínimo ruído no andar inferior [Eq][L] e, quando [Om] se contentava, [Om] voltava a assobiar e a mexer [PNP2] como antes [L].

Embora Oliver tivesse saído [Eq][PNP2] do [Ext] sono, [Om] ainda não estava totalmente desperto [L]. Existe um estado entorpecido [PNP2], entre o sono e o despertar [L], em que se [Tr] sonha mais em cinco minutos com os [Tr] olhos entreabertos [L] e estando semiconsciente de tudo o que se passa ao redor [L] do [Ext] que [Om] aconteceria caso se tivesse dormido [Eq][Om] cinco noites c om os [Tr]olhos totalmente fechados [L] e os [Tr] sentidos envoltos em completa inconsciência [L]. Nesses momentos, um ser humano [Eq] conhece apenas o [Ext] bastante do [Ext] que sua mente está fazendo para vislumbrar [Eq] um [Tr][PNP2] conceito de seus poderes intensos [L], de [Ext] sua fronteira com [Tr] a [Ext] terra e sua rejeição de tempo e espaço [L], quando se está [PNP1] livre [PNP2] de seu componente corporal [L].

Capítulo X – Oliver conhece [Tr] **melhor a personalidade de seus novos amigos** [L] **e adquire experiência a um alto preço** [PP]**. É um capítulo curto, mas muito importante nesta história** [L]**.**

Por muitos [PNP3] dias, Oliver continuou na sala do judeu [L], tirando as marcas dos lenços de bolso (que chegavam [Mod] à casa em grande número) [L] e algumas vezes participando do jogo que [PNP1] já foi descrito e que os dois rapazes e o judeu jogavam, com regularidade [Tr], todas as [Ext] manhãs [PNP3]. Por fim, [Om] começou a ansiar por [Om] ar fresco [L] e aproveitou muitas ocasiões para [PNP2] suplicar ao cavalheiro idoso [L] que [Ext] lhe permitisse sair para trabalhar com seus dois companheiros [L].

Oliver estava [PNP2] ainda [Com] mais ansioso para trabalhar ativamente devido ao que havia visto da moralidade rígida da personalidade do cavalheiro idoso [L]. Sempre que o Trapaceiro ou Charley Bates chegavam [PNP2] à noite de mãos vazias [L], ele falava com grande veemência da tristeza dos hábitos preguiçosos e ociosos e enfatizava [PNP2] a necessidade de uma vida ativa [L], [PNP2] mandando-os dormir [Eq] sem jantar [L]. Em uma ocasião, de fato [Com], ele até chegou ao ponto de jogar os [Tr] dois [PNP2] escada abaixo [L], mas isso foi levar seus preceitos virtuosos a um extremo incomum [L].

ANEXO V

Excertos da tradução para o francês de Alfred Gérardin

CHAPITRE PREMIER. – Du lieu où naquit Olivier Twist, et des circonstances qui accompagnèrent sa naissance.

Parmi les divers monuments publics qui font l'orgueil d'une ville dont, par prudence, je tairai le nom, et à laquelle je ne veux pas donner un nom imaginaire, il en est un commun à la plupart des villes grandes ou petites : c'est le dépôt de mendicité. Un jour, dont il n'est pas nécessaire de préciser la date, d'autant plus qu'elle n'est d'aucune importance pour le lecteur, naquit dans ce dépôt de mendicité le petit mortel dont on a vu le nom en tête de ce chapitre.

Longtemps après que le chirurgien des pauvres de la paroisse l'eut introduit dans ce monde de douleur, on doutait encore si le pauvre enfant vivrait assez pour porter un nom quelconque : s'il eût succombé, il est plus que probable que ces mémoires n'eussent jamais paru, ou bien, ne contenant que quelques pages, ils auraient eu l'inestimable mérite d'être le modèle de biographie le plus concis et le plus exact qu'aucune époque ou aucun pays ait jamais produit.

Quoique je sois peu disposé à soutenir que ce soit pour un homme une faveur extraordinaire de la fortune, que de naître dans un dépôt de mendicité, je dois pourtant dire que, dans la circonstance actuelle, c'était ce qui pouvait arriver de plus heureux à Olivier Twist :

CHAPITRE II. – Comment Olivier Twist grandit, et comment il fut élevé.

Pendant les huit ou dix mois qui suivirent, Olivier Twist fut victime d'un système continuel de tromperies et de déceptions ; il fut élevé au biberon : les autorités de l'hospice informèrent soigneusement les autorités de la paroisse de l'état chétif du pauvre orphelin affamé. Les autorités de la paroisse s'enquirent avec dignité près des autorités de l'hospice, s'il n'y aurait pas une femme, demeurant actuellement dans l'établissement, qui fût en état de procurer à Olivier Twist la consolation et la nourriture dont il avait besoin ; les autorités de l'hospice répondirent humblement qu'il n'y en avait pas : sur quoi les autorités de la paroisse eurent l'humanité et la magnanimité de décider qu'Olivier serait af ermé, ou, en d'autres mots, qu'il serait envoyé dans une succursale à trois milles de là, où vingt à trente petits

contrevenants à la loi des pauvres passaient la journée à se rouler sur le plancher sans avoir à craindre de trop manger ou d'être trop vêtus, sous la surveillance maternelle d'une vieille femme qui recevait les délinquants à raison de sept pence par tête et par semaine. Sept pence font une somme assez ronde pour l'entretien d'un enfant ; on peut avoir bien des choses pour sept pence ; assez, en vérité, pour lui charger l'estomac et altérer sa santé.

CHAPITRE III. – Comment Olivier Twist fut sur la point d'attraper une place qui n'eût pas été une sinécure.

Après avoir commis le crime impardonnable de redemander du gruau, Olivier resta pendant huit jours étroitement enfermé dans le cachot où l'avaient envoyé la miséricorde et la sagesse du conseil d'administration. On pouvait supposer, au premier abord, que, s'il eût accueilli avec respect la prédiction du monsieur au gilet blanc, il aurait pu établir, une fois pour toutes, la réputation prophétique de ce sage administrateur, en accrochant un bout de son mouchoir à un clou dans la muraille, et en se suspendant à l'autre. Il n'y avait qu'un obstacle à l'exécution de cet acte : c'est que, par ordre exprès du conseil, signé, paraphé et scellé de tous les membres, les mouchoirs, étant considérés comme objets de luxe, avaient été, à toujours, interdits aux pauvres du dépôt ; l'âge si tendre d'Olivier était un second obstacle aussi sérieux ;

CHAPITRE IV. – Olivier trouve une place et fait son entrée dans le monde.

Dans les grandes familles, quand un jeune homme prend des années et qu'on ne peut lui obtenir une place avantageuse par achat, succession, réversibilité ou survivance, on a coutume de l'envoyer sur mer. Le conseil d'administration, pour suivre un exemple si sage et si salutaire, délibéra sur l'opportunité d'embarquer Olivier Twist à bord de quelque bâtiment marchand en destination d'un bon petit port bien malsain. Ce parti semblait aux administrateurs le meilleur que l'on pût suivre ; il était probable en effet que le patron s'amuserait un jour après son diner à fouetter l'enfant jusqu'à ce que mort s'ensuivit, ou à lui faire sauter la cervelle avec une barre de fer ; on sait que pour les gens de cette classe ce sont là deux passe-temps ordinaires qui ne manquent pas d'agrément. Plus le conseil envisageait la chose à ce point de vue plus il y trouvait d'avantage. La conclusion fut que le seul moyen d'assurer l'avenir d'Olivier était de l'embarquer sans délai.

M. Bumble avait été dépêché pour faire quelques recherches préliminaires, afin de découvrir un capitaine ou autre qui voulût d'un mousse auquel âme qui vive ne s'intéressait ; il revenait au dépôt de mendicité pour rendre compte du résultat de sa mission, quand il rencontra à la porte l'entrepreneur des pompes funèbres de la paroisse, M. Sowerberry en personne.

CHAPITRE V. – Olivier fait de nouvelles connaissances, et, la première fois qu'il assiste à un enterrement, il prend une idée défavorable du métier de son maître.

Laissé seul dans la boutique du fabricant de cercueils, Olivier posa la lampe sur un banc et jeta un regard timide autour de lui, avec un sentiment de terreur dont bien des gens plus âgés que lui peuvent facilement se rendre compte. Un cercueil inachevé, posé sur des tréteaux noirs, occupait le milieu de la boutique et avait une apparence si lugubre, que l'enfant était pris de frisson chaque fois que ses yeux se portaient de ce côté ; il s'attendait presque à voir se dresser lentement la tête d'um horrible fantôme dont l'aspect le ferait mourir de frayeur. Le long de la muraille était disposée une longue rangée de planches de sapin coupées uniformément, qui avaient l'air dans le demi-jour d'autant de spectres à larges épaules, avec les mains dans leurs poches ; des plaques de métal, des copeaux, des clous à tête luisante, des morceaux de drap noir jonchaient le plancher. Derrière le comptoir on voyait figurés en manière d'enjolivement, sur le mur, deux croque-morts, à cravat empesée, debout devant la porte d'une maison, et dans le lointain un corbillard traîné par quatre chevaux noirs. La boutique était fermée et chaude ; l'atmosphère semblait chargée d'une odeur de cercueil ; sous le comptoir, le trou où était jeté le matelas d'Olivier avait l'air d'une fosse.

CHAPITRE VI. – Olivier, poussé à bout par les sarcasmes de Noé, engage une lutte et déconcerte son ennemi.

Au bout d'un mois d'essai, Olivier fut définitivement apprenti ; il y eut précisément alors une bonne saison d'épidémies. En style de commerce, les cercueils étaient en hausse ; et dans l'espace de quelques semaines, Olivier acquit beaucoup d'expérience ; le succès de l'ingénieuse spéculation de M. Sowerberry dépassait son espérance. Les plus vieux habitants ne se souvenaient pas d'avoir jamais vu la

rougeole si intense et si meurtrière pour les enfants ; nombreux furent les convois en tête desquels marchait le petit Olivier avec un chapeau garni d'un crêpe qui lui tombait jusqu'aux genoux, à l'étonnement et à l'admiration de toutes les mères. Olivier accompagnait aussi son maître à presque tous les convois d'adultes, afin d'acquérir l'impassibilité de maintien et l'insensibilité complète qui sont si nécessaires à un croque-mort accompli, et il eut souvent occasion d'observer la belle résignation et la force d'âme avec laquelle les gens courageux savent supporter la perte de leurs proches.

CHAPITRE VII. – Olivier persiste dans as rébellion.

Noé Claypole courut à toutes jambes et ne s'arrêta pour reprendre haleine qu'à la porte du dépôt de mendicité. Il attendit une minute environ, afin de recommencer ses sanglots de plus belle, et de donner à sa figure une expression de douleur et de terreur violente ; puis il frappa rudement à la porte, et présenta au vieil indigent qui vint lui ouvrir une physionomie si piteuse que celui-ci, bien qu'habitué à ne voir autour de lui que des visages malheureux, recula d'étonnement.

« Que peut-il être arrivé à ce garçon ? se dit le vieux pauvre.

– Monsieur Bumble ! monsieur Bumble ! » criait Noé, feignant l'épouvante, et avec une telle force, que non seulement il se fit entendre de M. Bumble qui avait l'oreille dure, mais qu'il l'alarma au point de le faire s'élancer dans la cour sans son tricorne ; circonstance remarquable et vraiment curieuse en ce qu'elle montre qu'un bedeau lui-même, sous l'empire d'une émotion soudaine et puissante, peut momentanément perdre la tête et oublier sa dignité personnelle,

CHAPITRE VIII. – Olivier va à Londres, et rencontre en route un singulier jeune homme.

Arrivé à la barrière, au bout du sentier, Olivier se retrouva sur la grande route. Il était huit heures ; et, bien qu'il fût à peu près à cinq milles de la ville, il courut, et se cacha par moments derrière les haies, jusqu'à midi, dans la crainte d'être poursuivi et rattrapé ; il s'assit alors près d'une borne pour se reposer, et se mit à songer pour la première fois à l'endroit qu'il devait choisir pour tâcher de gagner sa vie.

La borne au pied de laquelle il était assis indiquait en gros caractères qu'elle était posée à soixante-dix milles de Londres ; ce nom fit naître dans l'esprit de l'enfant une

nouvelle suite de pensées. S'il allait à Londres, dans l'immense ville, où personne, pas même M. Bumble, ne pourrait le découvrir ! il avait souvent entendu dire aux vieux indigents du dépôt qu'un garçon d'esprit n'était jamais dans le dénuement à Londres, et qu'il y avait dans cette grande ville des moyens d'existence dont les gens élevés à la campagne ne se doutaient pas. C'était bien l'endroit qui convenait à un garçon sans asile, destiné à mourir dans la rue, si on ne venait à son aide.

CHAPITRE IX. – Où l'on trouvera de nouveaux détails sur l'agréable vieillard et sur ses élèves, jeunes gens de haute espérance.

Le lendemain, la matinée était déjà avancée quand Olivier se réveilla après um sommeil profond et prolongé. Il n'y avait dans la chambre que le vieux juif, qui faisait bouillir du café dans une casserole pour le déjeuner, et sifflait tout bas entre ses dents, en agitant le liquide avec une cuiller de fer. De temps à autre il s'arrêtait pour écouter, dès qu'il entendait en bas le moindre bruit ; et, quand il s'était assuré que tout était tranquille, il continuait à siffler et à remuer le café.

Bien qu'Olivier ne dormît plus, il n'était pas tout à fait éveillé. Il y a un état d'assoupissement, entre le sommeil et la veille, où l'on rêve plus en cinq minutes, les yeux à demi ouverts et sans avoir bien conscience de ce qui se passe, que l'on ne ferait en cinq nuits, les yeux bien fermés et les sens complètement engourdis par un profond sommeil. Dans ces moments-là, l'homme se rend juste assez compte de ce qui se passe dans son esprit pour se faire une faible idée des puissantes facultés de cet esprit, lorsque, affranchi des entraves du corps, il s'élance loin de la terre et se joue du temps et de l'espace.

CHAPITRE X. – Olivier fait plus ample connaissance avec ses nouveaux compagnons, et acquiert de l'expérience à ses dépens. La brièveté de ce chapitre n'empêche pas que ce ne soit un chapitre important de l'histoire de notre héros.

Olivier resta plusieurs jours dans la chambre du juif, occupé à démarquer les mouchoirs qui arrivaient en quantité au logis, et à prendre part quelquefois au jeu que nous avons décrit, et qui se renouvelait régulièrement chaque matin entre le juif et les deux jeunes garçons. Au bout de quelque temps, il commença à soupirer

après le grand air, et demanda plusieurs fois avec instance au vieux monsieur de lui permettre d'aller travailler dehors avec ses deux compagnons.

Olivier était d'autant plus désireux de travailler activement, qu'il avait pu juger de l'inflexible sévérité du vieux juif. Chaque fois que le Matois ou Charlot Bates rentraient le soir les mains vides, il leur adressait une longue et énergique mercuriale, sur les inconvénients de la paresse et de l'oisiveté, et, pour mieux graver dans leur mémoire la nécessité d'être actifs et laborieux, il les envoyait coucher sans souper. Il alla même une fois jusqu'à les précipiter du haut de l'escalier ; mais il était rare qu'il poussât jusqu'à cette extrémité la ferveur de ses recommandations vertueuses.